

MARIA TEREZA PAULINO DA COSTA

A Justiça em ondas médias:
o programa Gil Gomes

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS (Antropologia) à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Alba Maria Zaluar.

Alba Maria Zaluar

Campinas, Julho de 1989.

C823j

11118/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Esta tese é do Werner, por tudo que me ensinou.
é também da Ana e da Adriana, pelos "regalos":
puro carinho.

Agradecimentos

- À Alba Zaluar pela orientação segura e competente. Suas sugestões e seu estímulo foram extremamente importantes para a elaboração deste trabalho. Sua amizade é, para mim, valiosa.
- Ao radialista Gil Gomes, por ter permitido a utilização de seus arquivos e pela confiança que em mim depositou.
- Aos membros da equipe de produção do programa: Paulinho, Marco Antonio, Telma, Dr. Fonseca, Dr. Eliseu e outros jornalistas policiais pelo carinho e atenção.
- Aos amigos Wonia, Cá, Leila, Cláudio e Chico pela paciência e estímulo.
- À Jeniffer e Liz pela acolhida hospitaleira em São Paulo.
- À CNPq, FAPESP, FINEP e FAP pelo financiamento indispensável ao trabalho de campo e redação desta tese.
- À Ana Tereza e Marilza pelo trabalho de correção e datilografia.

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado discute os temas **Violência Urbana e Indústria Cultural** tomando como foco de análise o Programa policial radiofônico "GIL GOMES" bem como uma parcela de seu público. Analisei, no período entre 1977 e 1987, os textos do Programa arquivados na Rádio Record de São Paulo e as cartas enviadas pelos ouvintes ao radialista e recortei os temas mais recorrentes nos dois discursos, quais sejam, as representações que são feitas sobre criminalidade urbana, bandidos, polícia e justiça.

Deste material analisado, principalmente das cartas dos ouvintes, emergem dados importantes sobre o processo de "recepção" de produtos culturais veiculados pelos meios de comunicação de massa, que contribuem para a discussão sobre a influência da Indústria Cultural no comportamento, na produção ou reprodução de valores e idéias em uma determinada população.

Na **Introdução** deste trabalho, além de descrever o trabalho de campo, procuro apresentar a metodologia empregada na análise dos dois discursos onde procuro demarcar que a comunicação não se

estabelece de forma independente da situação na qual o processo se manifesta, ou seja, os agentes que a atualizam são imprescindíveis, portanto não podem ser considerados impessoais ou intercambiáveis.

O Capítulo I é dedicado à discussão das teorias formuladas por alguns autores da Escola de Frankfurt e demarca os limites de seus postulados analisando ainda algumas críticas que são formuladas aos estudos sobre Indústria Cultural. Também descrevo a "produção" do programa GIL GOMES, o arquivo de textos, analisando como a polícia, os bandidos, a Justiça e os "pobres" são aí representados. Procuro mostrar que o discurso destes textos lidos pelo radialista é reticente e possui brechas por entre as quais podem ser construídas outras representações diferenciadas e autônomas por parte do público.

O Capítulo II começa a apresentar as diversas maneiras pelas quais este público reinterpreta os casos dramatizados no programa, identificando nas histórias dos personagens alguns elementos que vão permitir uma discussão sobre a própria realidade vivida por eles. Por sua vez, esta reinterpretação permite que este público outorgue variados papéis ao radialista como o de "amigo", "conselheiro", "detetive", etc.

O Capítulo III é dedicado à análise das representações que os ouvintes elaboram sobre violência urbana, bandidos, polícia e justiça. Nota-se que, apesar das ambivalências e contradições deste discurso, ele é marcado por uma concretude que se cristaliza principalmente quando são apresentadas as propostas de punição para os "bandidos" ou as soluções para resolução da situação da

violência urbana. Procuro mostrar que o discurso do radialista não pode ser considerado "hegemônico", pois os ouvintes, apesar de se indentificarem com o que é dito, não fazem disto seu espelho, cuja imagem "cola" ao que é percebido ou ao real.

No IV Capítulo, conclusão deste trabalho, apresentamos a discussão sobre a visão que os ouvintes formulam sobre Justiça, tema mais recorrente em todas as cartas enviadas ao radialista. É a "busca" ou a formulação de uma proposta de "uma justiça" que constitui-se um elemento importante nas relações que os ouvintes, imaginariamente, estabelecem com o radialista e na articulação das discussões que fazem sobre violência e criminalidade.

Esperamos com este trabalho poder contribuir com alguns elementos para a discussão do processo de "recepção" dos produtos veiculados pelos meios de comunicação de massa. As ações e os pensamentos destes ouvintes expressos nestas cartas, mostram-se bem mais criativos do que alguns modelos teóricos podem supor. Eles são surpreendentes na sua permeabilidade às pressões e expectativas vividas no cotidiano, é aí que se encontra a chave para abrir os invólucros homogeneizantes com que alguns teóricos da teoria da comunicação enrigessero as discussões sobre a influência dos meios de comunicação de massa.

Estas cartas, que na maioria das vezes, registram a dureza e o sofrimento vivido pelas classes populares nos mostram que os "pobres" não podem ser considerados como meros suportes do que é produzido de fora para eles e por isso não se constituem em receptores passivos dos mecanismos de dominação.

INTRODUÇÃO

"Falo ao microfone como se estivesse conversando. Há um contato direto com o público, a gente vibra, se emociona. Conto cada caso sob o impacto que me provoca. Sem sofisticação. O pessoal tem que entender que ser popular não é ser vulgar".

Gil Gomes

Diariamente, das 8 às 10 horas da manhã, um grande número de pessoas, de várias cidades dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso, sintonizam seus aparelhos de rádio para ouvir o Programa Gil Gomes. Este, líder de audiência dos programas radiofônicos de gênero policial, foi transmitido, até 1988, pela Rádio Record de São Paulo (1). Dono de um estilo sin-

(1) A partir de 1989 Gil Gomes transfere-se para a Rádio Capital no lugar de Afanazio Jazadji.

gular, Gil Gomes vai além do simples ato de narrar; ele dramatiza casos ocorridos na periferia da cidade de São Paulo: crimes violentos e misteriosos, estórias de amor e ciúme, que fazem parte do cotidiano de uma grande metrópole.

Este radialista não é o primeiro, nem é o único que se dedica a reportar crimes e estórias dramáticas. Na década de 50, Gastão do Rego Monteiro fazia o mesmo com o programa "O Crime não Compensa"; e, na década de 70, temos o famoso radialista "Beija-Flor", cujo apelido não condizia em nada com seu estilo ferino de atacar bandidos e aplaudir a ação violenta da polícia.

Alguns destes jornalistas ficaram famosos; não somente pelos programas que faziam, mas também por terem sido assassinados, como é o caso do radialista Mario Eugênio - o "Gogó das Sete" -, de Brasília, e "Serginho Oba-Oba", de Piracicaba, ambos mortos, respectivamente, nos anos de 84 e 85.

Com estilos variados, estes programas policiais radiofônicos tornaram-se cada vez mais numerosos em quase todos os Estados do Brasil e alguns, atualmente, retomam as antigas fórmulas de novelas radiofônicas para noticiar crimes. Este é o caso do programa "Aconteceu", transmitido pela Rádio Atalaia, de Curitiba, que, a partir de outubro de 1988, dramatiza - com atores, diretor, sonoplasta - as notícias policiais do Estado do Paraná, do Brasil e até do exterior (2).

(2) Artigo publicado na Folha de São Paulo, janeiro de 1989.

O Programa Gil Gomes, objeto de nossa pesquisa, não é um programa policial comum, pois não faz da ocorrência uma simples notícia; antes, transforma-a numa estória onde a ênfase não é dada, apenas, ao crime, ao acontecimento em si, mas também à estória dos personagens que compõem aquele drama a ser narrado.

O que Gil Gomes faz, então, é descrever, minuciosamente, com abundância de imagens e adjetivos, as condições de vida, as origens e as características físicas, tanto das "vítimas", quanto dos "bandidos". Os casos relatados são fatos que acontecem diariamente na cidade de São Paulo, e cujos dados são obtidos em delegacias de Polícia, em entrevistas com bandidos, ou com suas vítimas; ou, então, em relatos detalhados, feitos por pessoas que, diariamente, procuram o radialista e sua equipe para pedir algum tipo de ajuda.

Esta pesquisa tem, como objetivo, o entendimento do processo de "produção" deste programa, bem como uma análise da maneira pela qual o público o recebe. Foram inúmeras as dificuldades para a realização, nesta área, de um trabalho qualitativo. Na primeira etapa da pesquisa, em 1986, certos problemas dificultaram o acesso ao próprio objeto empírico - os arquivos do programa - bem como ao radialista e à sua equipe de produção.

Dificuldades desta natureza eram esperadas, pois este programa é um produto bem singular da Indústria Cultural: ele lida com o mundo do crime, com dramas do cotidiano e isto gera, em quem o produz, uma série de pressupostos e preconceitos com relação ao pesquisador. Da parte de Gil Gomes, existia um receio com relação a uma pesquisa que tinha como objetivo analisar um arqui-

vo de textos produzidos ao longo de quase 20 anos; isto porque, naquele momento, o seu programa (e outros) estava sendo alvo de acusações, por parte de alguns setores da Igreja e da OAB, que punham em xeque a maneira pela qual esses radialistas retratavam o mundo do crime. Esta forma, dramatizada, de narrar os casos estaria influenciando alguns setores da sociedade, na medida em que neles provocava um desejo de realizar justiça com as próprias mãos. Em outras palavras, tais programas estariam aumentando ainda mais os índices de criminalidade.

A porta de entrada para os arquivos e a confiança que a equipe de Gil Gomes em mim depositou, deu-se, em 1986, por ocasião do assassinato do radialista policial "Serginho Oba-Oba", que fazia um programa radiofônico na cidade de Piracicaba. Neste episódio, entrei em contato com um jornalista policial de Campinas, por meio do qual fui apresentada a um dos membros da equipe de Gil Gomes. A partir daí, consegui iniciar o meu trabalho.

Antes deste episódio, eu já havia tentado entrar em contato com o radialista, sem todavia obter sucesso algum. Ficava horas e horas na portaria da emissora e não era atendida. No entanto, esses foram momentos preciosos, durante os quais pude entrar em contato com pessoas que, por variadíssimos motivos, dirigiam-se até a Rádio Record: eram ouvintes do programa Gil Gomes que tentavam relatar seus casos e pedir ajuda, eram donas de casa, empregadas domésticas que buscavam seus prêmios, ganhos em concursos, eram artistas que tentavam participar de programas musicais, e pessoas que procuravam por Silvio Santos, na tentativa de participar do programa "Porta da Esperança", onde os desejos mais

diversos podem ser realizados.

Alguns dias eram particularmente mais "animados", como aquele em que vinte adolescentes (também ganhadoras de um concurso), acompanhadas das respectivas mães, esperavam, ansiosas e frenéticas, a hora de irem almoçar com os garotos do grupo DOMINÓ, uma versão nacional dos MENUDOS.

Quando, enfim, iniciei meus trabalhos de pesquisa, deparei com dificuldades muito comuns entre os pesquisadores de campo: os jornalistas tratavam-me com um certo respeito, embora marcado pela irreverência, falavam quase sempre num jargão policial que, muitas vezes, eu não compreendia. Aos poucos, porém, fui sendo incorporada como a "pesquisadora de Campinas", e já era convidada para almoçar com eles, quando, então, contavam-me coisas valiosas, através das quais pude compreender um pouco mais o processo de produção daquele programa. Muitas vezes insistiam para que eu desse palpites sobre os casos que estavam escrevendo, ou pediam-me sugestões para que pudessem tornar um texto "mais bonito".

Durante as conversas com Gil Gomes, sempre muito amáveis, pude perceber que, para ele, a pesquisa poderia representar como que um fim das acusações contra seu programa; por isso, também, o livre acesso que tive junto aos textos do seu arquivo e às cartas dos seus ouvintes. A análise da produção deste programa foi realizada com base nos dados do seu arquivo, que conta com textos escritos desde 1969; e também com base nas entrevistas realizadas junto aos jornalistas, com os quais convivi durante quase dois anos.

Para viabilizar esta pesquisa, foi necessária a realização de dois recortes: o primeiro, temporal, refere-se ao período a ser estudado - de 1977 a 1987 -, já que não seria possível analisar, por completo, um material que cobre um espaço de tempo tão vasto; o segundo, temático, diz respeito à seleção dos temas contidos nos textos, pois seria impraticável lidar com um conteúdo tão diversificado.

Este recorte temático foi, pois, realizado, para se discutir, sobretudo, as questões ligadas à violência e à criminalidade, ou seja, para se perceber como a violência, a justiça, os "bandidos" e a polícia eram representados. Isto não significa dizer que deixo de lado os temas relacionados com os casos de amor ou as estórias com conteúdos ligados a temas misteriosos ou "sobrenaturais". Na verdade, foram estas estórias que me auxiliaram a compreender muitas das relações (reais ou imaginárias) que se estabelecem entre o radialista e seu público, assim como me levaram a perceber a complexidade dos mecanismos de "recepção" de um produto da Indústria Cultural.

Em relação ao público, tomei uma decisão metodológica de não realizar uma pesquisa participante em um bairro da cidade de São Paulo, pois encontrei um outro material tão, ou mais valioso do que qualquer entrevista que poderia obter: as cartas que os ouvintes, desde 1969, remetem ao radialista. Além de realizar o mesmo recorte temático que fiz nos textos do programa, ainda analisei os diversos papéis que este público imputa ao radialista, como o de "detetive", "amigo", "conselheiro" e alguém capaz de realizar justiça.

Este trabalho está centrado, basicamente, na análise destes dois discursos: os textos do programa e as cartas dos ouvintes. Antes de iniciarmos, no entanto, seria bom esclarecer que o ato de interpretá-los não significa dizer que existe uma tentativa de encontrar intenções ocultas por detrás deles, ou então de desmontar suas possíveis estruturas, que seriam o conjunto de regras que orientariam a articulação dos signos em mensagens. Este tipo de abordagem dificulta pensar os sistemas simbólicos como dinâmicos e entrelaçados à ação social. A linguagem é encarada, aqui, não como mero instrumento de comunicação, mas sim como constitutiva das relações sociais (Bakhtin, 1988). Isto vale dizer que é uma concepção onde a significação não se liga apenas a um conhecimento do mundo mas, se liga, sim, e sobretudo, a uma ação no mundo (Osakabe, 1979). Nesse sentido, tanto os textos do programa, como as cartas dos ouvintes significam não só a revelação de um conhecimento, como também alguém dizendo algo para agir no mundo. Ao mesmo tempo que a autonomia do texto e do sujeito são relativizadas, a preocupação é entender que a análise deste discurso não pode prescindir das significações que emanam das relações entre os protagonistas destes discursos e a situação por eles vividas (Osakabe, 1979).

Neste aspecto, existe um problema: não há uma relação dialógica, de fato, entre Gil Gomes e seu público. No entanto, as cartas demonstram que existe algo que podemos definir como um "diálogo imaginário", já que estes ouvintes escrevem as cartas como se o próprio programa fosse a resposta que o radialista enviaria.

Existem, na verdade, dois movimentos: o primeiro é o de individualizar os textos que são narrados, ou seja, o ouvinte "ouve" os casos relatados no programa, como se fossem feitos para ele, em resposta à carta que foi enviada ao radialista. No segundo, ao contrário, o ouvinte reinterpreta os textos e escreve ao radialista, agradecendo por este ter colocado em questão assuntos sobre os quais este ouvinte não conseguia "conversar" com ninguém. É o caso de vários homossexuais que escrevem afirmando que, até então, achavam que sofriam de uma "enfermidade" mas, depois de ouvirem histórias "bonitas" sobre pessoas que se transformaram em travestis ou homossexuais, ficaram mais "aliviados".

Foi desta maneira que interpretei as cartas dos ouvintes; não no sentido de procurar um critério de verdade entre o que se fala e o que se faz, muito menos realizar uma análise êmica, que privilegiasse e adotasse as categorias dos "informantes", sem problematizar as condições em que estas categorias emergiram. "Interpretar", aqui, é mostrar que o mundo manifestado por estes textos é potencializado, ou seja, interpretar é explicitar algo manifestado no texto de que o sujeito interpretante se apropria. Esta proposição, como afirma Ricoeur, "não se encontra atrás do texto, como uma espécie de intenção oculta, mas diante dele, como aquilo que a obra desvenda, descobre, revela" (Ricoeur; 1983).

Em alguns momentos, como no caso da construção, por parte dos ouvintes, das categorias "bandido" e "polícia", assinalei e descrevi o que os ouvintes diziam sobre isto, correndo o risco de comprometer a atividade de descobertas dos significados dos agentes, que está montada na interação entre o observador e os sujei-

tos da sua pesquisa (Zaluar, 1985). Este risco é válido, quando se acredita que o que se escreve - um texto - é uma mediação possível pela qual se torna viável compreendermos os outros e nós mesmos.

CAPÍTULO I: O PROGRAMA GIL GOMES

2

1. INDÚSTRIA CULTURAL: o limite da teoria

Uma das maiores críticas proferidas contra o programa Gil Gomes (e a outros programas deste gênero) é a de que, ao noticiarem, de forma dramática ou escandalosa, os casos ligados à violência e à criminalidade, estariam provocando uma reação igualmente violenta por parte do público ouvinte. Foram feitas algumas suposições de que grande parte dos linchamentos ocorridos durante o ano de 1982, em várias capitais do país, eram fruto, em parte, do modo como estes programas influenciavam a população (Paoli; 1982). A argumentação utilizada era a de que estes programas, ao apontarem as falhas e a corrupção no aparato policial, ao darem destaque aos crimes, ao proporem, velada ou deliberadamente, a pena de morte como solução para a criminalidade violenta, acabavam por levar o público a tomar atitudes violentas, como a de realizar justiça com as próprias mãos.

Podemos perceber, presentes no bojo destas acusações, as preocupações com os meios de comunicação de massa, as quais nortearam os estudos sobre os produtos da Indústria Cultural.

A questão reside no fato de que tais meios tenderiam, cada vez mais, a se transformar num corpo coeso, por onde a ideologia sistematizada fluiria sem problemas, constituindo uma poderosa força de manipulação, uniformizando gostos, produzindo posturas políticas e homogeneizando o comportamento dos indivíduos.

Desde a proliferação dos veículos de comunicação de massa, na década de 30, até o advento da TV e de toda a parafernália tecnológica que hoje envolve tais veículos, a maioria dos estudos que são realizados tende a centrar suas pesquisas no processo de "produção", apesar de estarem preocupados com as influências desta produção cultural de massa no público consumidor.

A "recepção", apesar de ser neste o campo onde o debate mais se acirra, quase sempre foi um dos aspectos mais negligenciados nas pesquisas, principalmente em função das dificuldades práticas ou metodológicas encontradas. Até hoje não se consegue chegar a nenhuma conclusão sobre a recepção dos produtos da Indústria Cultural. Talvez isto não só demonstre a complexidade real para a realização de pesquisas nesta área, como também explicita a própria diversidade e complexidade da nossa sociedade, que impedem que se ergam modelos acabados para explicar algo em constante mudança.

Se retomarmos alguns teóricos da Escola de Frankfurt e alguns de seus críticos, veremos que o debate circunscreve-se no campo da existência, ou não, de uma influência maléfica dos meios

de comunicação de massa, do embotamento, ou não das consciências críticas dos sujeitos; enfim, são visões dualistas, nem sempre geradoras de brechas, pelas quais possamos infiltrar conclusões que retirem dos receptores o rótulo de "massa". Os ouvintes são marcados, então, como meros objetos de manipulação ideológica, ou produtos da Indústria Cultural.

A Teoria da Comunicação, na maioria das vezes, coloca o poder de quem fala sobre o de quem ouve, pois na relação instituída pelos meios de comunicação de massa, dentro deste quadro teórico, falar é um ato unilateral.

Para Adorno, a integração da sociedade nos tempos modernos seria feita pela produção de mensagens indiferenciadas, dirigidas intencionalmente a um público também indiferenciado. Dentro desta concepção, o autor pensa o mundo segundo algumas variáveis que passariam a integrar um único sistema. Esta possibilidade existe na medida em que tal sistema estaria capacitado para eliminar as diferenças, reduzindo-as a um mesmo denominador comum, o que garantiria o controle sobre as manifestações sociais (Adorno; 1982).

É evidente que Adorno está se referindo à sociedade regida pela Indústria Cultural, onde a tecnologia que a envolve acabaria garantindo a dominação, já que ele parte do pressuposto de que esta possui uma enorme capacidade de eliminação das consciências individuais.

A tecnologia envolveu a todos, não havendo mais a possibilidade de existir uma consciência individual, ou seja, uma parte autônoma que poderia escapar às relações de dominação.

Quando fala de "autonomia relativa", Adorno refere-se à possibilidade da existência de uma separação entre ilusão e realidade. Se tal separação não mais existir, a ilusão se generaliza e transforma-se na própria realidade e, neste caso, tudo estaria subjugado às relações de dominação impostas pelos meios de comunicação.

É desta forma que a ideologia, antes colocada no campo das idéias, passa a fazer parte do processo produtivo em si, ou seja, a tecnologia nas sociedades modernas acaba por desempenhar, ela própria, o papel da ideologia. Isto porque, são os próprios meios de comunicação que trazem consigo normas e condutas, ligando tanto produtores, quanto consumidores, no que Adorno denomina "engrenagem da vida social" (Adorno et Horkheimer; 1970).

Se retomarmos o conceito marxista de ideologia, veremos que este pressupõe o campo da ideologia como algo pertencente a um universo autônomo independente das condições materiais, mas ainda dividido entre realidade e imaginário; e é esta divisão que surge como definidora do conceito de "falsa consciência" ou "inversão do real".

Se, para Adorno, a Indústria Cultural cumpre eficazmente o papel de dominação, sem possibilidade de resistência por parte das "massas", e não mais permite o desenvolvimento de uma consciência (nem mesmo uma consciência alienada), os receptores ou consumidores não mais pertencem a si mesmos, e aí não se pode mais falar em ideologia como mascaramento e falsa consciência. A realidade passa a ser a extensão do que se vê na tela de cinema ou TV e, para justificar isso, Adorno utiliza a idéia de "dupli-

cação", onde não mais existe a distância entre realidade e ilusão; esta é a idéia de "sociedade máquina". O que garantiria o controle da sociedade seria uma capacidade que este sistema possuiria de eliminar as diferenças e garantir a previsibilidade das manifestações sociais.

Implícito nesta discussão, está o conceito de cultura, utilizado por Adorno e por outros teóricos da escola de Frankfurt. Cultura aparece aí, como algo ligado à arte, à filosofia, e à literatura, como uma espécie de domínio privado, que acabaria criando um espaço fora das relações de trabalho, com uma capacidade de expressar a parte, e não o todo. A arte, por exemplo, seria uma expressão que libertaria os indivíduos, criando um espaço que permitiria o desenvolvimento da individualidade e, portanto, poderia existir a possibilidade de reflexão e de reação ao sistema de dominação.

Os produtos culturais que são considerados "inferiores", porque massificam, - mesmo os que Adorno considera "mais espiritualizados" (como o cinema por exemplo) -, já carregariam consigo a marca da ordem. A nova realidade cultural, seria, assim, portadora de forças degeneradoras, pois que massificadas, que "contaminariam as instâncias autênticas" (Adorno; 1985).

O conceito "massa" passa a ser utilizado como algo que se contrapõe a um outro tipo de Cultura, portadora de algo revolucionário, na medida em que permite a consciência crítica, que não se assemelha em nada ao amorfismo que a sociedade moderna apresenta. É em função disto que Adorno discorda de Benjamin, quando este último vislumbra, na arte cinematográfica, um elemento que

poderia ser um articulador entre o divertimento e a reflexão crítica. Para Adorno, qualquer manifestação da Cultura de Massa não é arte, pois o público, ao se divertir, seria atingido pelo "fetichismo" do produto, e isso inviabilizaria qualquer atitude reflexiva.

No fundo, ao retomar o conceito de fetichismo da mercadoria, Adorno procura entender como a cultura, neste caso, transforma-se de valor de uso em valor de troca. Já que o capitalismo é o mundo das mercadorias, e isso significa produtos padronizados, a Indústria Cultural acaba aparecendo como uma fábrica de "coisas" que são comercializadas a partir do seu valor de troca, na medida em que o consumidor não é mais sujeito do processo de produção.

Mas qual seria o processo pelo qual os meios de comunicação adquiriram este grau de autonomia, que permite a homogeneização, e impede a resistência ou a reflexão por parte dos sujeitos? Habermas, por exemplo, tenta essa explicação ao fazer a diferenciação entre o que ele denomina "agir racional com respeito a fins" e o "agir comunicativo" (Habermas, 1975).

Na sociedade tradicional, existiria a hegemonia do "agir comunicativo" e, neste caso, o papel da ideologia seria fundamental, pois ela forneceria uma cosmovisão da sociedade e integraria os indivíduos através de um sistema de regras e normas. Neste caso, existiria o reconhecimento de um poder central, a separação entre classes e a presença de uma imagem central para legitimar o poder. Haveria um espaço reservado para alguns subsistemas, nos quais se aplicariam o princípio do "agir-racional", e nesse espa-

co os indivíduos poderiam se exprimir dentro de limites precisos, impostos pela ideologia dominante (um exemplo seria a religião). O uso que as pessoas faziam da razão não estava, até então, submetido ao circuito de produção e do consumo. A razão possuía um sentido de independência (Ortiz, 1988).

Nas sociedades modernas, a tecnologia passou a desempenhar o papel de ideologia, pois este "saber racional", que anteriormente abria espaço para a formação destes subsistemas, começou a se espalhar e a tomar conta da sociedade como um todo. Se na sociedade tradicional a racionalização do "agir racional" é controlada pelos valores tradicionais, no capitalismo o subsistema abala o poder tradicional, ou seja, a ideologia deixa de ser o fundamento da ordem. Isto acontece porque a ideologia supõe uma separação entre realidade e ilusão, para que se possa cumprir o papel de mascaramento - a inversão da realidade. Se não existe mais esta separação entre o que é real e o que é ilusório, a ideologia passa a se referir não mais ao mundo das idéias, mas ao próprio processo produtivo. A ilusão torna-se, portanto, a própria realidade (Ortiz, 1988).

Umberto Eco (1970), um dos principais críticos da Escola de Frankfurt, aponta o dualismo extremista das discussões sobre os meios de Comunicação de Massa. De um lado, faz críticas aos "apocalípticos" que, segundo sua concepção, retomam algumas posturas aristocráticas (erudito versus massificação); e, de outro, faz críticas aos "integrados", pelo otimismo desenfreado com que tratam as facilidades de absorção, pelas camadas populares, dos produtos oferecidos pela Indústria Cultural. Eco critica, sobre-

tudo, a ilusão dos que acreditam que a produção da Indústria Cultural possa se realizar em dois níveis separados: de um lado, o da comunicação de massa; e, do outro, o da produção "mais pura", ou aristocrática, que antecederia a primeira sem, contudo, ser influenciada por ela. Isto configuraria uma incapacidade para aceitar o evento histórico que foi o aparecimento do rádio e da TV.

Contudo, se Umberto Eco critica Benjamin, por este se referir ao advento das técnicas de reprodução artísticas como causadoras da perda da "aura" do objeto artístico, já que o subverteria na sua função libertadora pela perda da autenticidade; e ainda critica Adorno, por este analisar a Indústria Cultural como um sistema que integraria os consumidores, tornando-os objetos passivos diante de tal Indústria, a sua própria proposta também não consegue fugir das posições dualistas que opõem dominantes e dominados.

A proposta que Eco apresenta é a de que a comunidade dos "homens de cultura" (portadores de uma consciência crítica, detentores de uma visão mais "autêntica" de cultura) deveria realizar uma crítica cerrada, unida às ações no campo político, que possibilitasse a pressão para lutar pela melhoria dos programas e a abertura do discurso no rádio e na TV (Eco, Umberto, 1970).

De novo se apresenta uma proposta dualista entre "homens de cultura", que não foram maculados pela massificação, e o restante da sociedade, que continuaria se portando como "massa" passível de dominação e de "salvação".

Outros críticos da Escola de Frankfurt, como Brecht e Enzensberger, viam nos meios de comunicação um espaço até certo ponto revolucionário. Eles partem da premissa de que a Indústria Cultural, ou o que eles chamam de "Indústria da Consciência", converteu-se em "marca-passo" do desenvolvimento econômico na sociedade pós-industrial, assumindo cada vez mais as funções de comando e controle (Enzensberger, 1978).

Os avanços tecnológicos determinariam, de uma maneira mais rápida, o desenvolvimento desta Indústria da Consciência. Tais avanços não permitiriam uma influência recíproca entre emissor e receptor, ou seja, o "feedback" seria o mínimo possível. No entanto, esses mesmos autores acreditam que os meios de comunicação são dotados de uma força revolucionária mobilizadora, porém, como são utilizados pela classe dominante, estariam a serviço da "não comunicação", ou seja, estariam a serviço da propaganda que paralisa a consciência crítica e conduz a uma despolitização cada vez maior.

Brecht, por exemplo, visualiza uma melhor utilização do rádio:

"A radiofusão poderia ser transformada em aparelho de distribuição, em aparelho de comunicação. Poderia ser o mais fantástico meio de comunicação imaginável na vida pública, um imenso sistema de canalização. Quer dizer: isto se não somente fosse capaz de emitir como também de receber; em outras palavras se conseguisse que o ouvinte não se limitasse a escutar, mas também falasse, não ficasse isolado, mas relacionado" (Brecht, 1973).

Brecht ainda profetizava: "Irrealizáveis na presente ordem social, porém realizáveis em outras, estas propostas constituem um instrumento para a propagação da formação de uma outra ordem social" (Brecht, 1973).

As críticas à postura de Enzensberger são as mais veementes. Baudrillard, por exemplo, critica a expressão "Indústria da Consciência", dizendo ser esta não mais do que uma metáfora perigosa, pois ela sustenta toda sua hipótese por estender aos média a análise marxista do modo de produção capitalista, até o ponto de encontrar a analogia entre "produtor-consumidor", "transmissor-receptor" e "dominante-dominado" (Baudrillard, 1972).

Segundo Baudrillard, é isto que faz o pensamento de Enzensberger ser confuso e otimista. Se os meios de comunicação estão sob o domínio da classe dominante, que os desviam em proveito próprio, o otimismo advém do fato de se enxergar a possibilidade de restituir aos meios de comunicação sua função verdadeira de troca de comunicação, de libertar as potencialidades, digamos, socialistas, embutidas na sua estrutura.

Baudrillard diz ser este o problema que assola autores como Brecht e Enzensberger. Neles persiste a idéia de se realizar o "mesmo sonho de arrancar os objetos do seu valor de troca e os restituir a seu valor de uso" (Baudrillard, J., 1972).

Estas críticas, sabemos, originam-se no fato de Baudrillard caracterizar os "média" como instrumentos de "não comunicação", já que, para ele, não existe reciprocidade ou troca entre dois discursos. Qualquer "feedback" por parte dos ouvintes seria não mais do que simples simulação de respostas, elas mesmas inse-

ridas no processo de emissão.

Esta visão é baseada na afirmativa de que "a ordem generalizada do consumo não é outra senão aquela em que já não é permitido dar, retribuir ou trocar, mas simplesmente tomar e usar". Todos os bens de consumo, dentro desta visão, seriam massificados, pouco importando sua função específica: "o consumo de produtos e mensagens é a relação abstrata que eles instituem, é a interdição lançada sobre toda forma de resposta e reciprocidade" (Baudrillard, J.; 1972).

Isto acaba por reduzir a mensagem a uma posição de manter emissor e receptor à distância, ou seja, o "código" transmitido pelo "meio" faria com que se mantivessem as posturas ou um certo tipo de relação social na qual um fala, e tem a escolha do código, e o outro tem apenas a possibilidade de submeter-se ou subverter-se a ele.

Se é "através dos objetos uma sociedade estratificada que fala", como afirma Baudrillard, eles falam dentro deste contexto para voltar a colocar cada personagem no seu devido lugar. Neste campo, é muito difícil encontrarmos espaço para a mudança, pois se analisarmos a prática do consumo (e o autor não faz isto) como sendo uma troca generalizada de signos (e ele vê o signo como valor de troca, que passa a ser em última instância o valor racional do signo), teríamos sempre uma infundável reprodução das relações sociais instituídas, sem chances de transformação.

Ainda continua a existir uma certa visão desencantada do mundo, assim como uma crítica à razão enquanto um possível processo libertador. Segundo Adorno, o discurso libertador da razão

é falso, na medida em que traz dentro de si uma força coercitiva, e esta nova racionalidade já é marcada pela previsibilidade, pela ordem tecnológica que uniformiza a consciência. A essência do saber desta racionalidade moderna é a técnica que erradica do mundo a dimensão do gratuito, promovendo uma nova dimensão, que é a calculabilidade e a utilidade que controla, de antemão, as manifestações sociais, porque as prevê e as uniformiza (Ortiz, R.; 1988).

No entanto, devemos pensar que, apesar da Indústria Cultural operar dentro de um sistema capitalista que tende a uniformizar o processo de produção e de consumo, ela não se articula somente no momento de produção, mas leva em conta a recepção, que está baseada nas relações concretas entre os homens na sociedade. A cultura de massa é parte de um processo histórico, está inscrita em algo que a limita e a influencia de alguma forma, existindo espaços para o confronto e para a não coesão de idéias. A uniformização de idéias entre as classes sociais, ou mesmo no plano internacional, é um mito do Ocidente, criado pelo seu etnocentrismo e pelo desprezo do outro (Sahlins, M.; 1988).

A cultura, mesmo dentro do processo de "industrialização", não pode ser considerada apenas enquanto mercadoria que cede, simplesmente, a pressões materiais, mas sim, deve-se levar em conta que ela o faz de acordo com um esquema simbólico próprio, particular, que nunca é o único possível (Sahlins; 1979). Este simbólico não deve ser entendido, aqui, como uma cadeia de significantes que implica a ruptura entre significante e significado, onde a análise prescinde da interlocução ou da fala. O simbólico

é, também, uma ação social dependente de uma relação social (Bakhtin; 1988), e isto implica ver o social, não como um produto herdado ou fechado, dentro do qual o significado é dado a priori.

A cultura, desta forma, não é um repertório de símbolos fixos a serem decodificados, mas é um sistema onde estes símbolos possuem mobilidade para organizar as novas experiências em sistemas cognitivos, que recortam o real para que os homens possam agir sobre ele (Durham; 1978).

Se analisarmos a Cultura de Massa dentro desta perspectiva, não faz sentido pensarmos os produtos da Indústria Cultural como um corpo coeso, um bloco monolítico, dotado de uma capacidade sem limites por onde a ideologia dominante, sistematizada, possa fluir sem problemas, restando para aqueles que estão "de fora" do processo de produção destes bens culturais, a mera condição de receptores passivos e manipulados.

A ideologia, portanto, não poderá ser pensada em termos de "deformação da realidade", que nos faz tomar a imagem pelo real e o reflexo pelo original (Ricoeur; 1983). O conceito de Hegemonia parece ser o mais propício para articular isto, pois ele não exclui os significados, valores e crenças que uma classe dominante desenvolve e propaga (Gramsci; 1978), antes, ele se diferencia do conceito de ideologia (como inversão ou mascaramento da realidade) na medida em que não reduz a consciência a estes valores dominantes (Williams, R.; 1977). Não nega, portanto, às classes subordinadas, a capacidade de encontrarem, dentro deste universo, brechas que permitam a construção de representações diferenciadas e autônomas de outros grupos e classes. A hegemonia, como um con-

junto de práticas, como um sistema vivido de significados e valores é, necessariamente, constitutivo e constituidor, mas não é monolítico nem único (Zaluar, 1983).

O domínio e a oposição são mediados por pressões e limites, e a hegemonia é um processo que tem que ser renovado, recriado e modificado (Williams, 1977): isto implica dizer que existe um processo de dominação, que os meios de comunicação de massa fazem parte dele, assim como várias outras Instituições, mas que esta dominação não pode ser encarada como total ou exclusiva.

Parto destas questões para realizar a análise do programa Gil Gomes e de uma parcela de seu público. Não tento encontrar a "manipulação", a transmissão de uma ideologia dominante, que se esconderia por trás de cada caso relatado pelo radialista, assim como não procuro encontrar a "passividade" ou a reação exacerbada à dominação em relação ao público ouvinte.

O que tento perceber é como os sujeitos, no seu cotidiano, atribuem um sentido ao ato da comunicação, como eles lidam com as questões sobre as quais se fala, não somente no nível do que é dito, mas também naquilo que se permite dizer.

É ao pensarmos no discurso comunicativo, tanto no que se denomina "emissor" quanto no que se denomina "receptor" que, de certa forma, poderemos adentrar neste campo tão complexo das relações simbólicas, das representações da realidade, construídas nas ações cotidianas dos sujeitos.

Desta forma, não faz sentido pensar em um papel controlador que este programa policial radiofônico poderia exercer, e sim

pensar na sua permeabilidade em relação à cultura e às expectativas reais dos setores populares alcançados por esta distribuição de bens simbólicos, que é o programa Gil Gomes.

2. A produção do programa

Gil Gomes inicia a sua carreira na Rádio Marconi como comentarista esportivo, e sua incursão pelos caminhos do jornalismo policial dá-se quase que por acaso:

"Narrar uma partida de futebol tinha sido meu sonho desde os tempos de menino. Acabei me tornando relativamente bom. Até que, por mais uma fatalidade, aconteceu a reportagem policial na minha vida. A rádio Marconi acabando com a equipe esportiva deu uma chance e para Marcos Abranches (na época repórter de campo) no seu departamento de rádio-jornalismo. Assim, instalados na emissora que funcionava no antigo prédio Mendes Caldeira, aquele da implosão, que ficava na esquina da Praça Clóvis com a Praça da Sé. Um dia entrou um ladrão no edifício e tentou agarrar a secretária. Fiquei sabendo e fui fazer uma matéria ao vivo, irradiando ao vivo, todos os acontecimentos ali da escada. Descia degrau por degrau com o microfone na mão. Era uma nova e deslumbrante emoção. Quando tudo terminou senti que aquele seria meu novo caminho. Um programa policial ao vivo. Iríamos transformar as notícias policiais em fatos a serem narrados" (Prado, 1985)

Como podemos perceber, não havia, neste momento (1968), uma clara intenção, nem por parte do radialista, nem por parte da emissora onde trabalhava, em produzir um programa policial com as características marcantes que hoje possui. No início do programa, a equipe de produção, era bem pequena e Gil Gomes "saía a campo" em delegacias e bairros de periferia, onde havia acontecido algum crime, em busca "do fato a ser narrado". Ele cumpria, efetivamente, não só o papel de "locutor" dos casos narrados em seu progra-

ma, mas também o de jornalista e até o de detetive que tenta desvendar um crime, antes mesmo que a polícia o fizesse. Isto lhe valeu, em parte, a fama que hoje possui.

Este é o período que Gil Gomes denomina de a "fase bandido-mocinho", e é esta a imagem sedimentada perante o seu grande público: a imagem de alguém acima do bem e do mal que, através da eficiência, da proibidade, consegue realizar justiça, realizar tarefas que seriam das Instituições Policiais e Judiciárias. Estas, aos olhos deste público, perderam, com o tempo, a capacidade de resolver as questões referentes à violência e à marginalidade urbanas.

Esta imagem lhe possibilitou ser protagonista de um filme da Topázio Cinematográfica, no início dos anos 80, intitulado "O outro lado do crime". A temática gira em torno da saga de um jornalista policial que, no combate ao crime, cumpre a tarefa não só do jornalista, mas também de detetive.

De 1968 até 1975 as informações eram colocadas no papel de forma quase cifrada, sem um texto acabado e, a partir delas, Gil Gomes improvisava uma estória com detalhes minuciosos, repleta de suspense e ação. Com o sucesso do que chamaremos de "estilo folhetinesco" de narrar os casos do cotidiano, a programação, na segunda metade da década de 70, exigiu uma ampliação. Ao invés de um programa matutino, passaram a existir dois programas diários: um às 8 da manhã, outro às 6 da tarde, e uma reprise à meia-noite.

No primeiro, as estórias quase sempre se referiam a crimes ocorridos no dia anterior e, no segundo programa, o das 6 da tar-

de, os casos relatados nem sempre eram crimes, podiam ser vários tipos de dramas do cotidiano de uma grande cidade, como por exemplo, histórias de abandonos, de homossexuais, de prostitutas, de travestis, ou casos cuja temática eram as forças sobrenaturais, como o de um "espírito que brigou com um bêbado em um terreiro de macumba".

O aumento desta programação passou a exigir uma maior sofisticação na produção. Foi contratado um número maior de jornalistas, não somente para "cobrir" as notícias (um trabalho antes realizado pelo próprio Gil Gomes), mas também para escrever os textos que, posteriormente, eram escolhidos e lidos pelo radialista. A estrutura narrativa destes textos tinha que ser construída à "imagem" da "fala" do radialista. Desta forma, o texto não possuía pontuação, a não ser reticências que, normalmente, obedeciam às pausas que o radialista dava quando lia.

Apesar de os textos serem escritos por vários jornalistas, eles mantinham uma característica geral que era constante, ou seja, era coerente com a postura que o radialista assumia diante dos microfones: a de relatar minuciosamente a história de vida dos personagens, inserí-los em um contexto sócio-cultural e, desta forma, acabar por fornecer ao público elementos fundamentais para que ele pudesse vibrar, torcer, ou não, pelos protagonistas da história e, assim, julgar suas condutas.

Desde 1980 até hoje esta estrutura permanece inalterada, mas conta, agora, com um adendo: Gil Gomes voltou "a campo", de-

pois de 1987, assumindo um programa diário na rede de Televisão Record. (3)

O programa do rádio obedece a uma sequência básica: o início é precedido por dois ou três comerciais, entre os quais é anunciado o programa como sendo de "rádio jornalismo", que "fala de fatos reais", que não "fala somente sobre a realidade, mas a reproduz fielmente".

Em relação aos comerciais, percebe-se que a maior parte dos produtos anunciados são remédios populares, como xaropes, chás de ervas medicinais, ou então planos de aposentadoria, e há ainda, propagandas de lojas que são consideradas grandes magazines populares. Percebe-se que, realmente, o público-alvo são as camadas de trabalhadores pobres urbanos. Alguns comerciais, os mais caros, são realizados com a própria voz de Gil Gomes, e este fato cria uma continuidade entre o discurso informativo e o discurso publicitário, que funde, através da mesma expressão, conteúdos distintos. O resultado é que o estilo da narrativa imprime ao comercial a marca da autoridade da informação.

O que é importante, de fato, é que estes comerciais contêm a marca registrada do programa Gil Gomes: sua voz e seu estilo, dramático, teatral de relatar os dramas, de relatar as histórias vividas pelas classes populares dos bairros de periferia da cidade de São Paulo.

(3) Ver Anexo I "O novo programa de TV".

Gil Gomes parece dirigir toda a atenção que cria no ouvinte somente pela forma como conta um crime. A quantidade de informações que vai transmitindo ao público permite montar um quadro onde são matizados os bons, os maus, as condições de vida dos personagens; enfim, um quadro onde as referências são as mazelas do cotidiano do próprio público ouvinte. É exatamente isto que facilita uma identificação deste público com o radialista e com o seu programa.

Gil Gomes constrói os tipos, fornecendo suas origens, suas características físicas e até psicológicas, enriquece as imagens, colocando elementos que fazem com que a estória tenha uma semelhança com antigos Folhetins ou novelas de rádio. Ele monta a trama, tece a rede de relações, e o delito, em si, acaba sendo transferido para um segundo plano dentro da narrativa. Sua estratégia baseia-se numa redundância de adjetivos, ditos em tom exaustivamente dramático, tendo como pano de fundo músicas clássicas ou, então, aquelas típicas de filmes de suspense.

Desta forma, o programa cria um ambiente onde o crime passa a ser quase uma consequência natural da vida diária, inevitável, recontado de forma folhetinesca, onde vítimas do álcool, da pobreza, da prostituição, juntamente com "bandidos" e assassinos são transformados em estórias fantásticas.

Um trecho do programa de 13/5/85 nos dará uma idéia do que estamos falando:

"No barraco Maria das Graças apanha... Socos em seu rosto... pauladas e mais pauladas... pauladas pelo

seu lindo... lindo corpo... Graça corre... corre...
 corre... mas tropeça... chora... implora, pede pela
 vida...
 Otacílio... Otacílio...
 bate... esmurra... arranca os cabelos dela... chuta
 forte o abdômem... o rosto... pisa nas pernas...
 nas mãos...
 Polícia,... cadê a polícia... ninguém, ninguém se
 mete...
 Graça no chão... o sangue vermelho... vermelho e
 quente, correndo pela areia...
 Graça morreu... Otacílio matou selvagememente sua mu-
 lher apaixonada e sumiu...
 A autópsia foi feita... Fratura no crânio...
 (Pausa e o som da Sagração da Primavera, de Stra-
 vinsky, eleva-se).
 Fígado e baço dilacerados... ossos dos dedos com-
 pletamente esmagados...
 Atestado de óbito: causa da morte... infarto do
 miocárdio...
 Cadê Otacílio?... cadê Otacílio?... Graça foi-se e
 ela era apenas uma mulher apaixonada..."

Novamente ouve-se o som da "Sagração", e os comerciais são
 feitos com o mesmo tom de voz que comentou sobre o sangue que es-
 corria pela areia:

"Tome xarope tira-tosse, porque tira, tira, tira
tosse mesmo".

"Prenda e arrebente os elementos que atacam seu fí-
gado. Tome Atalaya Jurubeba".

O programa chega ao fim e Gil Gomes diz a frase que também
 é epígrafe do livro que foi escrito sobre sua vida (Prado, 1985):

"Se você agir com dignidade, pode não consertar o
mundo; mas tenha certeza de uma coisa: no mundo ha-
verá um canalha a menos".

3. A elaboração do texto: o jornalista detetive

A elaboração atual (1987) do programa Gil Gomes envolve uma equipe de oito jornalistas, sendo que dois destes estão com Gil Gomes praticamente desde o início do programa (1970). Os jornalistas revezam-se em dois turnos de trabalho para que, tanto as ocorrências policiais noturnas, quanto as diurnas, possam ser "cobertas". Dois jornalistas "não saem a campo", permanecem na sala de produção com a tarefa de telefonarem para todas as principais delegacias de São Paulo e região, (ao todo são quase 200 delegacias), buscando, nos boletins de ocorrência, as notícias que possam se transformar em uma estória a ser narrada no programa.

Estes dois jornalistas também recebem os telefonemas de reclamações, e de ouvintes, que denunciam crimes ocorridos em seus bairros, ou que pedem ajuda para encontrar pessoas desaparecidas. As notícias consideradas "mais interessantes" são passadas a outros jornalistas que saem a campo para cobri-las diretamente. Muitas vezes, a própria delegacia (delegado de plantão ou escrivão) fornece informações suficientes para que a estória seja redigida, sem a necessidade de um levantamento de dados com vizinhos, parentes ou amigos da vítima. No entanto, isso não é muito comum. Normalmente, existe a necessidade de os jornalistas percorrerem, desde o bairro onde o fato ocorreu, até os necrotérios ou Instituto Médico Legal, para obterem detalhes sobre a vida dos envolvidos. Existe uma familiaridade muito grande entre estes

jornalistas e os delegados e os investigadores de polícia. Esta intimidade está fundada no prestígio que Gil Gomes possui nos meios policiais, e é em função dela que a coleta de dados é facilitada.

De posse das informações necessárias, os jornalistas elaboram o texto que, posteriormente, será escolhido e lido na programação da tarde e na do dia seguinte. Neste contexto, um bom jornalista policial é aquele que consegue chegar primeiro na cobertura de um fato, escrever com mais detalhes uma estória, e fazer uma "grande" estória de um "pequeno caso". Além destes critérios, existe um outro, fundamental, que é a capacidade que o jornalista tem que ter para escrever um texto que se pareça com o "discurso falado" do radialista Gil Gomes. Como já observamos, isto ocorre desde 1979: o radialista entra com a locução e a dramatização que é, sem dúvida, o que imprime um caráter diferenciado deste programa com relação aos outros.

Como já salientamos, existe uma diferença, para esta equipe de jornalistas, entre os "bons" casos e os casos "ruins". O que se considera um "bom" caso é aquele acontecimento que contém vários elementos que possam produzir uma grande estória, recheada de dados sobre a vida dos personagens. Normalmente, são casos "bons" os crimes hediondos, fugas incomuns de presídios, crimes passionais, acontecimentos com ingredientes "sobrenaturais", casos de amor e abandono, ao passo que mortes de vigias de construção civil e assaltos à mão armada (que não envolvam sequestros) são considerados tão banais que, segundo os próprios jornalistas, não vale a pena descrevê-los, porque são "comuns demais", "não

dão ibope". Transformar uma simples ocorrência policial em um "bom caso" vai depender, em parte, da capacidade criadora e da sagacidade do jornalista, que faz do real um drama a ser narrado.

No dia 23 de julho de 1980, ao telefonar para uma das delegacias de polícia, um dos jornalistas recebeu a informação de que havia ocorrido "um acidente com vítima fatal": a morte de um casal de velhos e a sobrevivência de uma criança, filha deste casal, e de um cachorrinho. Aparentemente, este caso seria considerado "banal", já que este tipo de acidente ocorre com grande frequência em uma cidade como São Paulo. No entanto, este jornalista raciocinou: como um casal de velhos possuía uma filha de 7 anos de idade?

A partir desta pergunta, o jornalista começou uma peregrinação pelas delegacias, pelo IML e pelo local do funeral e, através de suas pesquisas, conseguiu obter a seguinte estória que transcrevo:

"Tanto o homem como a mulher haviam sido namorados na adolescência. Não se casaram, ou melhor, cada um casou-se com outros parceiros e tiveram filhos, enviuvaram e 30 anos depois se encontraram novamente. Se casam e deste casamento, como que por milagre, nasceu uma filhinha.

Num domingo foram realizar um passeio de charrete até a cidade onde mora um dos filhos do homem. Sofreram um acidente colidindo-se com uma moto-niveladora que escorregara de um morro. Os dois morreram e só sobreviveu a filhinha e o cachorrinho."

Desta forma, o acidente foi transformado em uma bela estória de amor, onde foram descritas as vidas de cada personagem até

chegar ao novo casamento, 30 anos depois. O jornalista explicava-me eufórico: "Você percebe, o filão da estória estava aí. Tem que pegar pelo lado do amor, senão não tem graça nenhuma, vira "acidente com vítima fatal", comum, e disso os ouvintes não querem saber. Precisa ter um dramatismo."

Esta busca da notícia pode se transformar em uma outra estória, de que os ouvintes, no entanto, não ficam sabendo. São estórias onde os jornalistas conseguem desvendar um crime, antes mesmo da polícia o fazer, ou que nunca foi desvendado por ela. A trajetória do jornalista, que acaba assumindo um papel de detetive, não é mencionada nos textos que compõem o programa. Segundo Gil Gomes, para o ouvinte, "isto não tem importância, pois a trama vai se desenrolando e ela é apresentada de tal forma, que não interessa muito quem a descobriu".

Atualmente, a exigência de uma maior rapidez na elaboração dos textos, faz com que os jornalistas não tenham mais tempo de solucionar fatos, além do fato de existir uma alta rotatividade dentro da equipe de produção. O primeiro fator que colabora para que isto aconteça são os baixos salários, e o segundo é que, normalmente, existe uma ânsia muito grande, por parte destes jornalistas policiais, de passarem para outros setores, considerados "mais nobres" dentro do campo jornalístico. Em muitos casos, ser jornalista policial é apenas uma maneira de penetrar no difícil mercado de trabalho.

Existe uma diferença muito grande entre os antigos jornalistas policiais e os mais novos, e isto se reflete na maneira como se referem a este mundo que se desenrola por trás do crime.

é um discurso carregado de emoção, de orgulho profissional, onde as histórias detetivescas são narradas com saudosismo, matizadas de suspense e ação.

Em 1977, uma ocorrência "comum", de "desaparecimento", chamou a atenção de um jornalista, que atualmente não trabalha mais como repórter policial. O desaparecido era dono de uma lavanderia (por isso o caso se intitula "O Caso da Lavanderia do Grego") e, o que chamou a atenção do jornalista foi o fato de a esposa deste desaparecido ter se casado, imediatamente após o desaparecimento, com um empregado da tinturaria. O jornalista relata, então, a maneira como desvendou o mistério:

"Minha experiência me dizia que algo, ali, estava errado. A gente adquire uma certa intuição. Fui até a tinturaria e conversei longamente com a mulher, que estava muito desesperada com o desaparecimento do marido. Aí pensei: mas se ela está tão desesperada, por que se amasiou tão rapidamente com o outro? E, além disso, esse outro era funcionário da tinturaria.

E a chave estava aí... passei a ir todos os dias na tinturaria. Na época, tinha tempo pra isso, e também gostava muito. Hoje, só faço isso se o caso for muito grande, como por exemplo, aquele do assassino que apavorou as prostitutas de São Paulo, lembra? Pois é, eu é que fiz aquele cara confessar... lá em Belém do Pará... Mas então, voltando, observei que o tal funcionário nunca estava presente quando eu ia lá. Observei outras coisas que me chamavam a atenção: a mulher, a cada visita minha, ficava mais irritada e nervosa. Colocava sempre uma cadeira num mesmo lugar, sempre no mesmo lugar, pra que eu ficasse sentado. Percebi que isso me impedia de ver o que tinha por trás do balcão.

Fiz essas visitas muitas vezes e, num dia, fui lá num horário que era diferente do que eu ia sempre. Entrei prá dentro do balcão e comecei a observar atentamente pequenos detalhes que a polícia não vê, não são treinados para isso... esses pequenos detalhes é que, às vezes, são a chave pra desvendar o

assassino...

Percebi que, embaixo da mesa, um móvel, tinha um pedaço de cimento mais fresco que o resto do piso do chão, mas não é só isso não, vai escutando, fui lá e vi que o tamanho deste pedaço dava pra enterrar uma pessoa. No fundo, eu sabia que a mulher estava envolvida nisso... ninguém dá queixa de desaparecimento do marido e, dois dias depois, amasia com outro... mas a gente tem que ter provas... precisava tirar a confissão da mulher...

Uso sempre o elemento surpresa: quando ela chegou, perguntei de cara: por que vocês enterraram o seu marido embaixo daquele móvel? Ela não esperava, você percebe, eu já tinha feito a pergunta, e aí ela se descontrolou... eles sempre se descontrolam... e começou a chorar desesperadamente. Foi então que chamei a polícia. A mulher pensava que eu era civil e eu deixei. Como a polícia era tudo conhecido meu, pedi para cavar ali e não é que acharam mesmo o corpo do marido...

Ela era amante do funcionário, mataram o marido, que tinha descoberto a safadeza, ela deu queixa de desaparecimento, que era prá nenhum vizinho desconfiar. Um crime quase perfeito, não é?

Não podemos identificar o programa Gil Gomes com o Romance Policial. Em primeiro lugar, porque este último é um gênero literário muito específico, com regras determinadas, em segundo lugar, porque o que é veiculado para os ouvintes não são estórias referentes às soluções do crime, ou seja, não são estórias que falam do lado detetivesco que, muitas vezes, os jornalistas assumem. No entanto, não podemos deixar de perceber que estas outras "estórias" que se desenrolam por trás dos bastidores, possuem alguns elementos que remetem a alguns estilos dentro do gênero do Romance Policial.

O tipo mais divulgado de narrativa policial é o romance de enigma, onde o ponto de partida é sempre uma situação intrigante, que "atua como desencadeante da narrativa e a busca da solução, a

elucidação, o explicar o enigma, o transformar o enigma em um não enigma é o motor que impulsiona e mantém a narrativa (Reimão, 1983)". A curiosidade do detetive é um caminho que vai do efeito à causa: um certo efeito - cadáveres, indícios -, e a causa do efeito - o culpado e o que o levou ao crime.

Este tipo específico de narrativa situa-se em um momento do século XIX em que os jornais populares estavam recheados de dramas individuais, de crimes raros e inexplicáveis, em um momento em que as cidades se constituem um palco de acontecimentos, fruto de uma nova sociedade industrial. Um momento onde a polícia toma corpo enquanto polícia moderna, e os policiais franceses, para a população, não se diferenciavam muito da massa de "escroques" e ex-condenados de onde eram recrutados.

O ideário que era ressaltado neste tipo de narrativa, tinha como pressuposto fundamental a afirmação de que os fenômenos são regidos por leis, portanto o espírito humano, tanto quanto a natureza, devem igualmente obedecê-las. Estas idéias, que reforçam a noção de que o criminoso "é um inimigo social", faz com que o crime seja considerado como uma infração às leis do Estado e à ordem social naturalizada, e não como prejuízo ou dolo entre indivíduos, que poderia ser sanado com qualquer vendeta ou forma de compensação.

Este gênero literário, segundo Narcejac (1975), deveria refletir as experiências e preocupações cotidianas do leitor e, fundamentalmente, seguir uma regra básica, que era a de deixar implícito o confronto entre o detetive (dono da percepção, da razão, da inteligência) e os policiais encarregados do caso, mas

negar que a instituição policial fosse supérflua, ou inútil, muito menos nociva. Além destas, outras constantes marcam a característica do gênero: a violência, a imoralidade, tanto quanto os bons costumes, o amor, de preferência passional, a paixão desenfreada e o ódio sem piedade (Todorov; 1979).

Mesmo que, atualmente, os jornalistas da equipe de produção do programa Gil Gomes não se dediquem, com frequência, a esta tarefa de elucidar crimes que ocorrem na cidade de São Paulo, eles demonstram, em suas conversas diárias, através das conjecturas que faziam dos acontecimentos sobre os quais escreviam, que o papel de detetive ainda era uma parte importante na profissão de repórter policial.

Apesar de estas histórias de bastidores serem contadas apenas em conversas informais, de não serem textos que constam dos arquivos, algo foi sedimentado em relação ao público, já que (como veremos posteriormente) um dos papéis que este atribui ao radialista é, exatamente, o de detetive: cartas de ouvintes, desde 1973, pedem solução para casos que a polícia não conseguiu desvendar, pessoas que saem de bairros distantes para tentar contar suas desventuras ao radialista, na tentativa de solucionar problemas variados.

4. O arquivo de textos

Os arquivos do Programa Gil Gomes estão colocados em uma minúscula sala, que é uma extensão do local onde trabalham os jornalistas da equipe. Ela é separada por uma porta, sendo que, do fronte a esta, encontra-se uma outra sala, local de trabalho de Gil Gomes. A pequena dimensão desta sala não permite que este arquivo seja bem organizado, e as pastas que o compõem são compiladas por ano, até 1979 e, desta data em diante, a compilação foi feita por mês, e recebem o título de "Ocorrências Gerais".

De 1968 até 1975, os papéis, ainda manuscritos, com anotações quase incompreensíveis, estão amarrados e colocados na parte mais alta da prateleira. As pastas, compiladas em ordem cronológica, seja por ano ou por mês, recebem o nome de "Pastas Comuns", em oposição às "Pastas Especiais", que compõem um conjunto de pastas, onde estão compilados os chamados "Grandes Casos". Aí estão contidos crimes que abalaram a opinião pública, ou dramas, que envolvem temas como prostituição, alcoolismo, homossexualismo. Para efeito de diferenciação, embora o método para analisar o discurso de ambos seja o mesmo, também utilizarei esta referência de "pastas comuns e especiais".

As "Pastas Especiais", compiladas em ordem não cronológica são compostas de:

Homicídios não solucionados	12 pastas
Pasta dos travestis	1 pasta

Desaparecimentos	3 pastas
Grandes Casos e Casos Especiais	19 pastas

Algumas pastas estão compiladas por Estado, como é o caso de MG, MT, RJ, PR, e também os casos estrangeiros. Isto, porém, não significa que não existem casos destas localidades nas pastas comuns e nas especiais.

Como já observei anteriormente, de 1975 para cá, ao contrário do período anterior, os textos dos arquivos são completos e a estrutura narrativa escrita obedece os critérios do discurso falado do radialista. Algumas estórias são bem mais elaboradas do que outras, mas a característica geral, tanto dos textos das pastas comuns, quanto dos textos das pastas especiais, é que nem sempre os casos relatados são crimes, podem ser apenas acidentes ou brigas entre marido e mulher. A diferença que existe entre as duas categorias de pastas refere-se, segundo o radialista, ao facto de que, nas especiais, foram compilados casos que abalaram a opinião pública e que obtiveram destaque em outros veículos de comunicação.

Percebemos que existem limites muito tênues entre os textos que relatam crimes e outros que relatam dramas diversos. Na verdade, se pudermos falar de um grande tema, um tema geral, apresentado neste programa ao longo destes anos, veremos que este é um só: a transgressão das normas estabelecidas, que coloca aquele que comete um crime dentro de um mesmo contexto histórico-social dos homossexuais, dos amantes abandonados, das vítimas do alcoolismo, os quais passam a ser personagens centrais de dramas

que envolvem uma camada específica da população: as classes populares.

De um modo geral, estes sujeitos, transformados em personagens, acabam por pertencer a esta categoria abrangente de transgressores, depois subdivididos, no Código Penal, em criminosos e não criminosos. Os criminosos, no entanto, são a categoria mais discriminada, explicitamente marcada como nociva à sociedade.

É dentro deste contexto que percebi, que os textos do programa Gil Gomes acabam por recriar um cotidiano específico, onde os personagens são as classes populares, os trabalhadores pobres urbanos e é para este público que o programa é dirigido.

Isto fica bastante evidente quando analisamos os "Casos Especiais". Em número de 40, são estes os relatos em que aparecem com mais frequência, as histórias dramáticas de sequestros, de viciados em droga, as histórias de amor, de recuperação de indivíduos que, por força das circunstâncias, foram levados a cometer algum tipo de delito.

Estes textos foram escritos pelos mesmos jornalistas que escrevem os outros textos, compilados nas pastas comuns, só que as informações não são necessariamente obtidas em delegacias de polícia. Ela vêm através dos ouvintes, que se dirigem ao programa, ou através das incursões dos jornalistas nas chamadas "bocas de lixo". Estes quarenta casos referem-se, basicamente, ao período de 84-85, e isto se explica pelo fato de que havia além do programa regular, que ocupa o horário das 8:00h da manhã, uma programação vespertina, intitulada "Isto é Fantástico" (patrocina-

da pelo desodorante Fantástico), onde estes textos "especiais" eram apresentados.

Percebi, então, que nunca existiu uma regra muito rígida que determinasse quais textos deveriam, ou não, ser apresentados neste ou naquele programa. Em muitas ocasiões, no programa "Isto é Fantástico", apareceram relatos de crimes passionais, ou outros crimes que haviam sido fruto de ocorrências policiais; o importante é salientar que os jornalistas do programa Gil Gomes tendem a montar um texto onde, tanto as notícias policiais "comuns", como os dramas que não envolvem um crime, passam a adquirir um contorno que os insere no mesmo universo: o universo das classes populares, de seus dramas, de suas mazelas; e isto acaba por diminuir os limites existentes entre a transgressão de normas circunscritas no campo do jurídico (da lei), e a transgressão de normas de ordem ético-moral.

O resumo dos 40 casos das Pastas Especiais (4) estão a indicar que estes casos são dramas do cotidiano, onde nem sempre o final é feliz, ou o bem triunfante. Se existe uma luta entre duas forças - o bem e o mal - mesmo que este último seja o destino, ela se dá num palco onde os desejos e decisões enfrentam a sorte, transformando as experiências dos homens em lições de vida, ou em perplexidade, passadas diariamente para milhares de ouvintes.

(4) Ver Anexo II - Resumo dos 40 casos.

A análise que faço do discurso destes textos não levará em conta a separação existente, no arquivo, entre as pastas comuns e especiais, já que avaliamos que o "criminoso", das primeiras, não difere muito (em relação ao tratamento que a eles é dado nos textos) dos "infortunados", da segunda. Antes de serem "assassinos", "ladrões", "amantes abandonados", eles aparecem como vítimas, seja do destino, seja da sociedade que, segundo o radialista, é a grande culpada pelo panorama de violência que existe atualmente: "As causas do crime são terrivelmente sociais, é o tipo da coisa que não tem remédio".

5. A análise dos textos: a visão dos pobres para os pobres

Faço meu programa e conto os crimes para que sirvam de exemplo para a população. Para tentar diminuir a dose de violência que a sociedade desigual criou em cada cidadão".

2 *Gil Gomes*

O programa Gil Gomes não é um programa policial comum. Como já percebemos, ele não se limita a "noticiar" as ocorrências policiais da cidade de São Paulo, mas cria uma estória e a dramatiza a partir destes crimes e dramas do cotidiano. Talvez seja por isto, em parte, o enorme fascínio que exerce sobre seus ouvintes. Podemos dizer que, ao recontar, de forma melodramática o cotidiano das classes populares, Gil Gomes reveste, com as formas da ficção, a realidade vivida por estes sujeitos.

É pensando neste aspecto que podemos encontrar uma certa semelhança entre este programa e alguns gêneros de ficção (como o Folhetim) que, durante um longo período, foram considerados "gêneros menores", e que obtinham um enorme sucesso perante as classes populares, já que focalizavam o próprio universo delas, retratando a violência que atingia uma parcela da população no século XIX.

É evidente que consideramos as diferenças entre o programa Gil Gomes e os Romances de Folhetim, já que estes constituem um gênero específico, com uma forma específica de narrar, articulada

a uma forma específica de publicar⁽⁵⁾ (Meyer, 1982). O que nos interessa, particularmente, é a semelhança que existe, em relação aos temas, entre estes produtos culturais diferentes, veiculados de formas diferentes, e o sucesso que ainda obtêm perante um público que é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da narrativa

Se o Folhetim do século XIX gera uma matriz (Meyer, 1982) que é encontrada nas novelas do Rádio e, atualmente, nas novelas de TV, também podemos encontrá-la nos temas sobre os quais este programa discorre: crime e castigo, lei, moral, religião, a luta do bem contra o mal, numa espécie de jogo dramático onde atuam diversos personagens.

Segundo Marlyse Meyer, o Folhetim teve o seu alvorecer no século XIX, e firmou-se como gênero de sucesso em meio à censura Napoleônica. Era uma forma de atrair leitores, com a publicação de variedades e de pedacinhos de romance, que aguçariam a curiosidade do público e garantiriam maiores vendas aos jornais. Os temas eram variados: desde piratas, lugares exóticos, até mães aflitas pelo abandono dos filhos. Dramas do cotidiano.

Um dos grandes sucessos da época foi o romance "Os Mistérios de Paris", de Eugène Sue. O autor, ao se propor descrever o mundo do crime, acabou por retratar o próprio cotidiano do proletariado em Paris no século XIX, o que fez com que o mesmo fosse

(5) Normalmente o programa apresenta histórias completas, no entanto, inúmeras vezes, alguns casos são relatados em capítulos, como por exemplo o caso "Cabo Bruno" ou "O Maníaco de Campinas".

eleito deputado socialista em 1848 (6).

Juntamente com o sucesso que as obras de Sue, Balzac e Dumas obtinham, apareciam as críticas implacáveis ao Gênero. Algumas acusavam os autores de "mercantilismo literário", outras questionavam a maneira pela qual os temas eram abordados, afirmando que poderiam afastar as "massas" de suas reais preocupações. Um jornalista da época comenta: "Se eu fosse Luiz Felipe, daria uma renda a Alexandre Dumas, a Eugène Sue e a Soulie, para que continuem sempre Os Mosqueteiros, Os Mistérios de Paris e as Memórias do Diabo: nunca mais haveria Revolução; a França passaria a ler só Folhetins" (in Montes, M.L.; 1983).

É justamente quando estas estórias passam a ter uma importância maior em relação ao restante das notícias do jornal, que começam a surgir as preocupações com a alienação que estes poderiam produzir na imensa massa de leitores. Este tipo de crítica se estende ao longo do tempo, para todos os gêneros considerados "menores", para as novelas de Rádio e de TV, que retomam a velha matriz do Folhetim, que funde, mescla o fantástico com o cotidiano.

(6) A partir das cartas enviadas pelos leitores de "Os Mistérios de Paris", Eugène Sue, inúmeras vezes, acatou as sugestões dos leitores e as incorporou no texto do Romance. Sobre isto ver o trabalho de Anne Marie Thiesse, "L'education Sociale d'un Roman-cier" in Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 32-33, Paris, Minuit, 1980.

Na verdade, estes temas são capazes de proporcionar uma reflexão sobre a realidade (7) de um tempo, questionando, através de relatos dos casos, temas como o casamento, a prostituição, e isto se torna tão importante, que o relator acaba se tornando porta-voz destas camadas populares, adquirindo um status muitas vezes maior do que as próprias instituições policiais ou até mesmo maior do que alguns organismos do Estado.

O radialista, no nosso caso, torna-se cúmplice na construção de um imaginário comum, em que a violência ou o crime encontram sentido para além da lei. A necessidade ou o interesse simbólico disso está fundamentado na experiência do cotidiano destas classes, onde tais acontecimentos são comuns, mas muitas vezes não são desvendados pela polícia e nem têm a sua punição justificada pela lei.

(7) É interessante notar que em relação a esta possibilidade de reflexão proporcionada pelo Folhetim ou pelo relato de "dramas" do cotidiano, Trotsky, em 1923, quando escreve o livro "Questões do modo de vida", afirma: "é indubitável, que, por exemplo, os processos e o que se chama os faits-divers: desgraças, suicídios, crimes, dramas passionais, sensibilizam grandemente largas camadas da população. E isso por uma razão muito simples: são exemplos expressivos de vida que se faz. O processo de um drama familiar bem descrito e ordenado no decurso de uma série de artigos pode interessar milhares de leitores, despertar-lhes pensamentos e sentimentos novos, descobrir-lhes um horizonte mais vasto".

O que procuro reter, ao aproximar o programa Gil Gomes do gênero do Folhetim, é a capacidade que este programa possui de traduzir, de uma maneira até mais compreensível, as experiências vividas pelas classes populares, descrevendo um quadro de dominação. Já que procuramos observar como este programa retrata o universo da violência e da criminalidade, recortamos alguns temas como Polícia, "bandido", Justiça, para que possamos analisar o discurso dos textos. Este recorte é um dos muitos possíveis, dada à pluralidade dos temas abordados.

Apesar do recorte que fizemos, será inevitável que surjam outros temas, como homossexualismo, prostituição, família, já que uma das características que aparecem nos textos do programa é o fato de existir um fio muito tênue entre o criminoso comum, aquele que aparece como transgressor no campo jurídico, e o transgressor do campo moral.

Percebemos que, na maioria das vezes, quem cometeu algum tipo de falta ou delito, raramente é colocado como único responsável por seus atos. Isso fica demonstrado pela preocupação excessiva com os detalhes da estória pessoal e do meio social dos personagens do drama. Em parte, são essas minúcias que vão permitir um julgamento das vítimas e dos transgressores, tanto por parte do público, como por parte dos jornalistas (quando da montagem do drama).

Vejamos, por exemplo, como os protagonistas de alguns casos são apresentados nos textos (8), sejam eles transgressores no campo moral ou no campo jurídico. Dalmaci transformou-se em travesti, pois era incompreendido pela esposa; Teodolino percorre o mesmo caminho, vítima de uma educação "errada" dada pela mãe, que o vestia com roupas femininas; uma adolescente transformou-se em prostituta porque foi levada por uma família de ciganos que a serviciou; Jorginho transformou-se em um assassino (e depois de preso foi violentado e enforcou-se), pois sofria de um grande trauma que era o fato de ser "baixinho". Anecí é alcoólatra, pois a mãe a impediu de casar-se com um primo; uma mulher que, por amor, vendeu uma propriedade que não era sua, falsificou documentos e, hoje, "está prisioneira de sua própria consciência".

Reproduzirei, a seguir, dois casos na íntegra. O primeiro é uma estória de prostituição, o segundo é o caso de "Jorginho, o baixinho"; assim, poderemos visualizar a posição que os sujeitos ocupam dentro da narrativa:

Caso Clara - 23 de julho de 1986

"Menina pobre, família humilde demais... ela, a única filha mulher daquele casal... a mãe Virgínia, o pai Romão... um casal que nunca viveu bem, não... o ambiente daquela casa era carregadíssimo... bri-

(8) Ver Anexos com os casos na íntegra.

gas... Clara... Clara Regina da Silva... ela, menina bonita... bem bonita mesmo... era educadinha... calma... apesar de viver naquele clima, que não era próprio não... ela... 5 irmãos... todos homens... o Cícero, o Abraão, o Onofre, o Andreino, o Gilberto... os irmãos que tiveram problemas... com excessão do primeiro e do segundo... os outros... todos com problemas... Onofre, ele é doente mental... ele, agora, vivendo numa clínica psiquiátrica... o Andreino foi morto por bandidos... foi baleado, reagiu... foi morto... e o outro irmão, o Gilberto... o caçula... ele desapareceu desde fevereiro passado... o clima péssimo ali... o pai dela era super-mulherengo... brigava constantemente com a mulher... aquela casa era um verdadeiro inferno... as brigas do pai com a mãe... Clara... ela morria de medo... ela, quando o pai brigava com a mãe... ela ficava escondida num cantinho, chorando... o bairro... Itaim Paulista... o pai, o pouco que ele ganhava ele gastava com mulherada... foi quando ele abandonou dona Virgínia... abandonou a família... foi viver com outra mulher... que situação difícil... Clara... menina bonita na época... 13 anos de idade... ela teve que abandonar os estudos... ela teve que trabalhar... ela que foi trabalhar... como babá... ela tomava conta da menina Andréia... ela adorava aquela menina... ela sempre gostou de criança... Clara... Clara... a adoração... a veneração por Andréia... e ela sonhando... um dia ela teria seus próprios filhos... com 14 anos... Clara, ela arranhou aquele namorado... o Aparecido Donizete Borges... 19 anos de idade... Clara... 14 anos de idade... linda menina... linda menina mesmo... novinha, ela se apaixona... o rapaz é trabalhador... os dois optam pelo casamento... nova demais... 14 anos apenas... ela vai morar no bairro da Mooca... Clara... Clara... foi doloroso deixar aquela menina que ela tomava conta... Andréia... mas agora ela tinha a própria casa dela... ela poderia ter seus próprios filhos... para cuidar... para amar... Clara... ela se dedica de corpo e alma para a casa... logo depois que ela completou 16 anos... ela completou em agosto... nasceu a filha dela... Michele... quando Michele pela primeira vez falou "mamãe"... ela ficou louca de contentamento... Clara... Clara... só que o casamento dela começou a entrar numa fase ruim... ela e o marido... ela e o Aparecido... já não são mais a mesma coisa... os dois brigando continuamente... os dois já quase não se suportam... tudo vai de mal a pior... foi quando ela ficou grávida pela segunda vez... nasceu Mariana... só que Mariana não mudou aquela situação caótica... brigas... brigas... Clara... fazer o quê... ela tem aquele complexo, que ela

carrega desde criança... o trauma... de ver o pai brigando com a mãe... ela foi criada naquele ambiente, e ela não quer a mesma coisa para sua filha... ela, cansada de ver brigas de marido e mulher... primeiro o pai com a mãe... e, agora, ela e o marido... e, agora, ela deixa o marido... ele diz que separa numa boa... os dois decidiram que o melhor era a separação... ela volta para a casa da mãe dela... mas tem duas filhas com ela... Clara... ela sai a procura de emprego... ela arranja emprego como empregada doméstica... as suas filhas ficam com a avó... com dona Virgínia... Clara, ela consegue subir... ela era muito bonita... Clara... ela vai trabalhar numa clínica... ela vai ser secretária ali... ficou um ano e meio naquela clínica... mas complicou tudo... quando ela arranhou outro namorado, ficou grávida deste namorado... o namorado desapareceu logo que soube da gravidez dela... e nasce a menina Maria... 3 filhas agora... ela perde o emprego... ela precisa de dinheiro... ela começa ver as crianças passando fome... muita fome... ela procura... procura desesperadamente... um emprego... não encontra... foi quando uma conhecida dela disse que ela poderia ganhar bastante dinheiro... bastava ela se entregar para homens... Clara... no começo ela relutou... relutou muito... a amiga insistiu com ela... você é boa... vai... trabalha... fica na vida durante dois ou três anos você economiza... fica rica e tudo bem... Clara... 20 anos de idade... 3 crianças pequeninas... ela vai para aquele bar... Singles Bar... dentro do Itaquera... ali, a maioria das mulheres... a maioria viu o Pelé jogando na copa de 58... e já eram da vida naquela época... a maioria tem mais de 50... é mais pelanca que em açougue de terceira categoria... aquela moça bonita foi para aquele bar e, é lógico, a preferência daqueles homens... que frequentam lá... as outras mulheres, revoltadas com a presença de Clara... jovem e bonita... quantas vezes bateram nela... mas Clara, ela ficou ali... foi em fevereiro do ano passado... que ela conheceu Joaquim Moura... que é frequentador daquele bar... mas agora mora na mesma região dela... na mesma rua... quase ao lado da casa dela... aquele homem viu aquela moça lá e se apaixonou por ela... perdidamente... e quis tirá-la daquela vida... ela aceitou... só que aquele homem... ele não é flor que se cheire... é o Quinzinho... é um mau elemento... e cheio de problemas... ela termina com ele... ela volta para a casa da mãe... Quinzinho... tudo bem... você me abandonou, mas a vingança vem aí... Clara... com o passar do tempo, ela precisando de dinheiro... se acostumou a arrumar dinheiro fácil... que vinha da prostituição... ela volta a

frequentar aquele barzinho... e lá no barzinho ela conheceu Baianinho... não era apenas um cliente dela... no começo foi... depois se tornou conhecido dela... este final de semana... Baianinho... ele foi dormir na casa dela... foi a primeira vez... ela mora com a mãe... e nem dormiram juntos ali... ela dormiu num quarto e ele dormiu no outro... Quinzinho... Quinzinho... que já foi o companheiro dela e, vendo que Baianinho estava dormindo ali, ficou louco da vida... ele, que havia prometido vingança... ele resolveu que ia eliminar o Baianinho... o Baianinho não é boa gente também não... Baianinho... ele dormiu na casa de Clara... ontem... ontem... Baianinho foi sepultado... morreu... Quinzinho... invadiu ali... a casa... e matou o Baianinho... Ciúmes... Clara... muito bonita... bonita mesmo... a estória que ela contou... a estória de como caiu na vida... e como ela disse... cair na vida é coisa mais fácil... uma mulher se tornar mulher da vida... é a coisa mais fácil... e sair é a coisa mais difícil... Baianinho... morto... Quinzinho... fugiu... Clara... volta para a prostituição... a estória de Clara... ou de Baianinho... ou se quiser... a estória de Quinzinho...

A primeira coisa que observamos é que Clara não é apresentada como culpada por ter se prostituído. São dadas as atenuantes:

- o fato de Clara ser traumatizada pelo desequilíbrio familiar
- o fato de serem pobres e os problemas que tinha com os irmãos
- o fato de o casamento de Clara possuir as mesmas dificuldades do de sua mãe.

Clara é, então, forçada a se prostituir:

- em função da existência das três filhas

- em função da procura desesperada por um emprego, pois ela precisava de dinheiro
- devido ao espectro da fome, que ronda suas filha
- devido aos conselhos da amiga

Existe, ainda, um reforço no texto, que demonstra a existência de dois pólos que entram em combate: Por um lado Clara Reluta, mas, por outro, os agentes externos acabam possuindo mais força: a amiga insiste.

Os personagens acabam aparecendo, antes de tudo, como vítimas, tanto do destino, como do meio social que os cerca. O discurso sobre a violência (não só em relação ao crime) pode adquirir aí o sentido de que se constitui uma resposta violenta a uma sociedade que prepara um lugar sujo, imoral, miserável aos personagens do drama.

Caso Jorginho, o baixinho

"...fora de série... fora do comum... estes são casos fantásticos... casos que contamos aqui... agora fim de tarde, começo de noite... última fase do dia... e agora em nome do desodorante "Fantástico"... um caso de jornalismo... mais um outro caso... fantástico..."

sonoplastia... Walter Tadeu... e agora mais um caso fantástico...

porque tanta agressividade?... que ódio... ele sentia ódio de todo mundo... Jorge... Jorge Correia... a cada instante ele parecia... queria... vingar de alguma coisa... queria se vingar... maltratava...

maltratava qualquer pessoa... desde criança... desde a escola... desde os bancos escolares... foi a mesmíssima coisa... família boa... o pai dele homem trabalhador... a mãe pessoa carinhosa... honesta, trabalhadora também... de todos os 5 irmãos, apenas ele saiu errado... aliás errado com ele tudo desde o comecinho... até o nascimento dele, até a maneira pela qual ele nasceu apenas com sete meses de gestação... muita gente dizendo que talvez por isso, seu nascimento prematuro... ele era pequeno, sempre foi muito pequeno, sempre foi da casa dele o menor... não em idade mas em tamanho... com 7 anos ele era pequenino... e na escola... quando ele entrou na escola... quando foi levado aos bancos escolares... grupo, 1º ano... quando os colegas colocaram nele o apelido de baixinho... ele endoidava... nossa... ele batia em todo mundo... batia, quebrava as coisas... quebrava tudo... o pequeno Jorge... Jorginho... quando alguém o chama de baixinho... acostumou-se a bater... e batia mesmo... e uma agressividade crescente... e uma agressividade que subia... que evoluía a cada dia... a cada dia... na escola... aprender, praticamente, em escola nada... em estudo nada... mas em briga ele era o número um... agredia mesmo... os elementos maiores... no primeiro ano, a turma do quarto ano... a turma do ginásio... o baixinho... as vezes nem por brincadeira... é comum, ô baixinho... vinha em cima... pegava pedras... atirava... maltratava... arrumava um jeito de se vingar... o menino, o complexado, Jorginho... quando Jorginho atingiu 12 anos de idade, ele não tinha muita altura não... continuava pequenino, mas, se no tamanho ele era pequeno, o tamanho de sua maldade era enorme... ele fazia questão de aparecer, não importava como não... ele fazia questão de se sobressair sobre os outros... ele queria ser o mau... o mau... ele pegava cães... cachorros... da vizinhança e pura e simplesmente... ateava fogo... colocava fogo... ele chegava... a amarrar gato juntos e depois colocava fogo... e via no desespero os dois se mordendo... se contorcendo de dores... era a felicidade dele... de um sadismo impressionante... baixinho... Jorginho... baixinho... ai de quem falar isso... ai de quem... ele vai em cima, ele briga... quando com 15 anos ele se meteu a ser ponta-esquerda daquele time... só saía briga... se ele fosse um mau-jogador... até que jogava mais ou menos... mas de repente alguém da torcida... "vai baixinho..." vai baixinho... era o suficiente... ele saía de campo... ele abandonava o campo... ia brigar na torcida... e o adversário via a cena... vai lá baixinho... ele vinha em cima... era expulso... dava a maior confusão... Jorginho... o complexo de ser pe-

queno... o complexo de não ter muita altura... como fazer... os pais queriam que ele trabalhasse... já que nos estudos ele não saiu de um parco terceiro ano... de um apagado terceiro ano primário... os pais querendo que ele fosse trabalhar... e realmente o pai dele que há muitos e muitos anos trabalhava numa firma... arranhou para ele ali... ele com 16 anos foi ser ajudante geral naquela firma... foi trabalhar ali... mas logo na primeira semana... quase que o pai foi mandado embora também... ele ajudando ali quando foi carregar uma ximbica... passou... bastou... bastou... ele deu uma surra no encarregado... quebrou muitas costelas... quase que o pai dele foi mandado embora... apresentou uma pessoa errada ali... baixinho... foi a única vez que ele trabalhou e não trabalhou nenhuma semana... baixinho... Jorginho... agora traficante de drogas... com 18 anos de idade... tudo que é de errado ele faz... ladrão assaltante... invasor de residências... ele o típico homem que adora fazer maldades para que as pessoas vejam o quanto ele é mau... o quanto ele é mau... e teve aquele crime... e teve aquele crime... aquele homem coitado... ele ia saindo para o trabalho... foi quando a esposa pediu... olha não tem leite para a criança... o homem rapidamente se propôs... ele iria até a padaria e compraria o leite... e traria imediatamente para a mulher preparar a mamadeira para a criança... o homem foi... o homem nem levou nada a não ser o dinheiro do leite... ele deixou a pasta, a bolsa, a carteira em casa... ele voltaria e sairia imediatamente... e o homem foi... mas... mas... quando voltava... quando retornava com o litro do leite... com o pacote de leite na mão... eis que aquele homem cruzou com aquele ladrão pequeno... aquele ladrão apontando a arma para ele... e o homem argumentando... olha, eu não tenho nada comigo... eu não tenho nada... eu só vim comprar o leite para o meu filho... o leite... foi quando o elemento falou... aquele baixinho... Jorginho... era ele que assaltava aquele pai de família... como é que é, se não tem dinheiro tem que morrer... quem não tem dinheiro prá que viver... foi quando o homem... olha, por favor... eu tenho mulher, eu tenho filho... este leite aqui... eu tô levando para minha criança... me perdoa... eu não tenho dinheiro, mas se eu cruzar com você outra vez eu trago dinheiro e te dou... por favor... foi quando pela primeira vez Jorginho ele se apiedou de alguém... tá legal... vai embora... obrigado baixinho... obrigado baixinho... incontinenti aquele palavrão e os tiros começaram contra o homem ele matou... fuzilou... o homem ali... era chamá-lo de baixinho... a ser condenado à morte... Jorge... Jorge Cruz... mau...

quantas pessoas ele viria a matar pelos mesmos motivos... e quando algum comparsa dele o chamava... assim descuidadamente baixinho... porque baixinho é nome que de vez em quando agente fala por falar... saía a maior briga... e quantos crimes por isso... a vida do baixinho... do pequeno Jorge... Jorginho... a lista de crimes... a enorme relação de crimes... quando Jorginho num determinado dia, viu aquela moça muito bonita... naquele salão de baile... ele foi tirá-la para dançar... a moça começou a dançar com ele... uma moça bonita... bem bonita... bem mais alta do que ele... ele dançou uma seleção inteira de música com aquela moça... foi quando ele depois papeou com ela, ele conversou com ela enquanto dançava... mas quando terminou a seleção, a moça voltou para a companhia de suas colegas... ele logo depois quando a música começou de novo foi tirá-la pra dançar... e a moça... olha baixinho... faz uma coisa... na outra tá?... baixinho... baixinho... ele se corrou de raiva... ele ficou corroído de raiva... ele falou umas besteiras... logo ele saía... do lado de fora ele ficou esperando a saída da moça... ele a seguia... e dias depois, ele... quando a moça saía para o trabalho ele se aproximou dela... tá lembrado de mim? aquele que você falou que era baixinho... vai pagar... e sob ameaça de revólver levou a moça para um matagal... e a violentou... a moça que era virgem... a moça coitada... ele rindo disse... lembre-se que foi o baixinho viu... cê viu o baixinho não viu?... ele fazia questão... quando ele comandava uma quadrilha ele queria sempre se mostrar... aquele complexo de inferioridade... complexo do tamanho dele... ele tentava descontar demonstrando uma valentia que no fundo ele não possuía... mas em assaltos com seus comparsas... ele agredia... quantas vezes ele fez gente beijar os pés dele... beija meu pé... e quando a pessoa, o revólver apontado, beijava... ele chutava o rosto da pessoa... e ao ver sangue, ele sorria, ele ria... lembre-se de mim tá... os próprios comparsas, começaram a evitar... a quadrilha dele foi sendo dispersada... ele era muito mau... de graça ele matava... de graça ele atraía as atenções de todo mundo... baixinho... Jorginho... uma prisão... na primeira vez que ele entrou na delegacia, ele foi queixo duro... ele não disse nada... mas depois tanto ele fez... tanto ele aprontou... a polícia começou a procurá-lo... a polícia andou doidamente atrás dele... baixinho... elemento perigoso... perigoso... o mocó... o esconderijo dele foi levantado e ele enfrentou à bala a polícia... e ele reagiu... reagiu e terminou seu último cartucho... sua última bala... foi quando

ele gritou... tá legal... pode entrar... eu me rendo... Jorginho... ele foi pego... ninguém põe a mão em mim... qué algemar, algema... mas ninguém põe a mão em mim... dando uma de bravo... ele queria parecer bravo mesmo... Jorginho... levado à delegacia... ele que falou... se encostarem a mão em mim eu não conto nada... na boa... eu conto tudo... Jorginho... ele confessou... uma montanha... um rosário de crimes... a própria polícia, no começo, pensou que ele tava inventando pra se vangloriar mas não era nada disso... era tudo verdade... ele matou mais de 7 pessoas... comprovadamente 7... mas teve casos que ele indicou que não deu pra levantar... vítimas que podem ter morrido depois... Jorginho... durante um tempo ele fica no corró, ali na cela da delegacia... mas depois a prisão preventiva foi decretada... e como ele era de altíssima periculosidade... e e foi mandado para a Casa de Detenção... e foi mandado para o pavilhão dos perigosos... quando Jorginho entrou na Casa de Detenção ele quis dar uma de valente... ele era o Jorginho... mais de 7 crimes... era ele... o Jorginho... de tantos assaltos... e ele começou a contar para impressionar... seus colegas de lá... mas qual o quê... na detenção é tudo diferente... na detenção é tudo muito, muito diferente... Jorginho... logo todos o chamavam de baixinho... logo se ele fosse brigar na Casa de Detenção inteira... pelo amor de Deus... foi quando os presos... seis... da mesma cela dele... combinaram... aquela seria a noite do baixinho... baixinho... o que acontece em cadeia é uma coisa terrível... é terrível... mas existe... o preso entra e logo depois casa... é seguro por uns e depois é agredido sexualmente... baixinho... ele não iria escapar desta não... baixinho... ele que lutou leoninamente... foi logo pasto de todos daquela cela... e como era pequenino e vulgar... ele começou a xingar... e alto... os elementos das outras celas... também... durante uns 3 meses ele ficou na Detenção... foi um verdadeiro pesadelo para ele... baixinho... sofreu uma barbáridade... pagou... o que ele fez pra muita gente... ninguém de fora conseguiu entender... porque não tinha estas informações... porque oficialmente não houve violência contra ele... quem é que vai dar queixa?... baixinho... em um determinado dia... não aceitando mais aquilo... ele pegou sua calça... amarrou no pescoço... e se enforcou na cela do pavilhão 8 da Casa de Detenção... o valente... o complexado... o complexadíssimo... Jorginho... morreu como mulher de bandido... na Casa de Detenção... suas maldades o levaram para lá... e em estando lá... não escapa ninguém não... escapa não... en-

trou lá dançou... casou... ele acabou se matando... Jorginho... agora ele morreu dá pra falar... o baixinho...".

Não resta dúvida de que, no texto, Jorginho é qualificado como um "bandido perigoso", mas Jorginho também interpreta um duplo papel: o de "bandido", quando mata, e o de vítima quando é submetido às sevícias, na cadeia.

O sentido dominante, que permeia o texto todo, não diz respeito ao crime propriamente dito, mas sim diz respeito a um código ético-moral, que compõe um quadro apto a estimular reflexões sobre os efeitos das paixões desenfreadas, dos ódios, dos amores bestiais; um quadro que possui não só um contexto histórico-material - (a miséria, a necessidade) - mas também um contexto histórico espiritual, um universo humano repleto de significações, de valores e de crenças.

Observamos, nos textos do arquivo, que tanto os crimes, como as faltas morais, podem ser justificados ou explicados de três maneiras:

A primeira está associada às circunstâncias histórico/materiais, ou seja, à miséria, à pobreza, que assumem quase que um caráter de "sina", de "destino", pois os sujeitos aparecem como impotentes para modificá-los. Isto não significa dizer que os

textos não apresentem a necessidade de punição através do código penal (9).

"Desde 8 anos... agora com 21... inúmeras passagens pela polícia.. mas roubava desde os 8 anos... Cléo... podemos dizer... nasceu num barraco... sempre jogado ao mundo... sem pai... passava muita fome... muita, muita... desde os 8 anos... será que se não passasse fome... roubava?... mas ele não teve nada, nem ninguém... roubava para comer... depois, com o tempo... aprendeu... é o destino... ou a fome... agora matou duas pessoas...
.....
está na Detenção... e deve... deve... pagar pelos seus crimes..."

A segunda explicação está ligada à intervenção que forças demoníacas, guias, espíritos fazem aos sujeitos, e estes também não controlam seus atos:

Em 1980, uma estória conta a saga de um menor que cometeu mais de 20 estupros, seguidos de assassinatos. No texto, ao mesmo tempo em que o menor era chamado de "sanguinário", era feita uma descrição detalhada de sua vida, mesclando a sua condição material de existência com uma possível intervenção demoníaca, que teria levado este garoto a cometer tais atos:

(9) Zaluar, A., 1986 - projeto de pesquisa "Crime e Criminalidade nas classes populares", que propõe o estudo das tensões entre o discurso religioso, o jurídico e o sociológico nas representações do crime que prevalecem na população brasileira hoje.

"Este sanguinário... sempre viveu numa favela... não... não é por isso não... mas foi abandonado... pela mãe... uma avó o criou... passava fome... constantemente faminto... rejeitado... passava frio... este era o mundo dele... que dizia que queria ficar famoso... tão famoso como o Mão Branca... mas tal quantidade de crime... meu Deus... só pode ser obra do diabo... uma das vítimas dele me falou: eu trago no meu ventre a semente do diabo... plantada pela miséria e pela maldade que existe no mundo... a avó... coitada... falou que ele é um garoto perseguido pelos maus espíritos...

 ...Pegou 30 anos... que Deus tenha pena,..."

A terceira explicação é aquela que está ligada ao campo das "paixões", ou seja, as faltas foram cometidas pela ausência total de razão, enquanto ordenadora das condutas sociais. São crimes passionais, ou crimes provocados pelo alcoolismo:

"Aquele homem bebia... bebia... e depois ficava tão violento... seria normal?... muitas pessoas dizem... mas muitas mesmo... lá no bairro... que ele fica possuído... porque não é possível... matou a esposa... a filhinha de três anos... e isto só pode ser explicado... isto não pode ser em sã consciência... algo diferente deve acontecer com pessoas... que cometem crimes assim... sim... não pode ser... uma filhinha de apenas três anos... uma esposa linda e meiga... e ele ficava assim... só quando bebia... mas bebia... diziam alguns... porque... sei lá... era tomado... nos bairros os moradores... diziam isto... ele ficava fora de si...

 foi preso e foi julgado... ele diz que não é culpado... a justiça dos homens julgou-o... agora que Deus tenha pena de sua alma..."

A princípio, podemos pensar que existe uma certa contradição no fato de que, ao mesmo tempo que os sujeitos não são apresentados como "agentes" da ação, eles devem, a despeito disso, sofrer as punições inscritas em um código jurídico, cuja base é a noção de sujeito enquanto agente, ou seja, sujeitos dotados de uma razão que governa seus atos.

Se existe alguma tensão entre a moral, a religião e o campo jurídico, esta não pode ser pensada em termos de "ambiguidade", presente na concepção grega da "falta", que não era vinculada à noção de sujeito ativo, ou seja, não era fruto de uma vontade autônoma e sim, derivada dos termos que o "Divino" impunha aos humanos.

Na Grécia, esta ambiguidade está inserida em um contexto onde existe a presença de dois mundos: o mundo do mito e o mundo da nova realidade da Polis, que vai ter que lidar com uma nova Instituição: o Direito. A ambiguidade reside no fato de que a solução do drama não era mais dada por um herói solitário, antes, ela passou a traduzir o triunfo de novos valores, impostos por uma nova ordem social, sem, contudo, desligar o "homem trágico" de uma tradição heróica mítica (Vernant; 1977).

A matéria da tragédia, onde esta concepção de falta pode ser encontrada, traduz um pensamento jurídico em pleno trabalho de elaboração, por isso este "homem trágico" traduz uma "consciência dilacerada, o sentimento das contradições que dividem o homem enquanto sujeito ativo dotado de uma vontade própria e enquanto um ser que está sujeito aos desígnios apresentados pelos Deuses" (Vernant; 1977).

Este ser ainda é um ser incompreensível, agente e paciente ao mesmo tempo, culpado e inocente, senhor de toda a natureza, através de seu espírito industrioso, mas ainda incapaz de governar a si próprio. A ação dos homens, neste universo ambíguo, onde ainda permanecem os valores morais antigos, que entram em conflito com uma nova ordem jurídica e com as novas obrigações civis da Polis, permite que os acusados proclamem que não são culpados pelas suas faltas, pois "agiram a despeito de si mesmos", agiram dominados por "paixões irresistíveis", na medida em que encarnam, no íntimo delas, as potências Divinas.

O sujeito é forçado, interiormente, por uma necessidade que está amarrada ao que o Divino inspira. Desta forma, os legisladores gregos tentaram atenuar o conflito, distinguindo:

- os atos realizados "mau grado seu", por coerção externa, ou ignorância - como por exemplo, administrar veneno pensando ser remédio.

- atos realizados "bom grado seu", ou seja, fruto de um sujeito agente, que comete deliberadamente uma falta.

Isto não elimina a ambigüidade, antes, faz parte dela, pois, mesmo aqueles que cometeram uma ação deliberada estão inseridos em uma ordem social onde o erro encerra, em si, uma força nefasta e, portanto, é um ataque não só a uma ordem jurídica, mas também a uma ordem religiosa (Vernant, 1977). O sujeito ainda não é agente da ação, mas está encapsulado nela. O delito, neste contexto, apresenta-se de duas formas inseparáveis: no universo, como força demoníaca de "poluição" e, no homem, como desvairio de espírito (Mania), intervenção divina, que é acompanhada pela per-

da da razão (Garcia; 1985).

O mundo onde os personagens das estórias de Gil Gomes atuam, é pautado pela razão, ou seja, a "vontade" constitui uma das dimensões da pessoa. O "eu" é visto como fonte dos atos pelos quais ele é responsável, não somente diante de outrem, mas também diante dos quais se sente preso interiormente.

No entanto, mesmo que o sujeito, agente, sobre o qual Gil Gomes fala, viva em uma sociedade onde o conceito de vontade e individualidade não seja ambíguo no campo jurídico, ele possui, dentro da narrativa, algum atenuante que não o faz responsável por todos os atos ou faltas que cometeu. Os textos deste programa policial permitem que se recupere uma explicação para os delitos e faltas, que não torna contraditório o fato de que os homens não são totalmente responsáveis pelas suas ações e, ao mesmo tempo, devam ser punidos.

Podemos dizer que as três explicações para os crimes que os textos deste programa deixam transparecer, são recortadas pelo conceito de "paixão". Não a paixão dos gregos, que se aproxima do sentido de "estar passivo", opondo-se à noção de sujeito ativo, mas no sentido que adquire após o século XVIII, onde a "afirmação da paixão supõe o exagero de uma inclinação que se instala à revelia da razão" (Martins; 1987). A paixão não elimina a razão, mas ocupa o centro das iniciativas, cancelando a ordenação das condutas através da razão. Na verdade, isto significa que um homem não escolhe as paixões, não é responsável por elas, mas sim, pelo modo como faz com que elas se submetam á sua ação (Rouanet; 1987).

Mesmo no primeiro tipo de explicação para a violência, que coloca as causas como fruto da miséria, percebemos que este conceito de paixão está presente. Estes textos do programa permitem dizer que, em função da miséria, em função da fome, incide sobre os "pobres" uma probabilidade maior de se tornarem "bandidos"; no entanto, existe, ao mesmo tempo, uma preocupação de separar os "pobres que trabalham" dos "pobres que são bandidos". Ora, os que "foram levados" pela miséria, pela fome a cometerem assaltos, assassinatos, poderiam, da mesma forma que os outros "pobres", escolherem a vida do trabalho. Poderiam ter controlado este desejo - impulsionado pelas condições materiais - e escolhido, através do uso da "razão", uma vida digna. Da mesma maneira, o bêbado que mata a mulher e a filha poderia ter evitado a bebida e, com isto, teria evitado o crime. Este sentido dado à paixão, que confere a ela um caráter de loucura, de queda, de perdição, permite um julgamento ético, na medida em que a virtude só pode ser determinada pelo modo de reagir às paixões (Rouanet; 1987).

No entanto, estes homens sobre os quais Gil Gomes fala, fazem parte de uma sociedade disciplinar (Foucault; 1979), onde as punições não se encontram inseridas em uma ordem puramente moral, ética, mas, sobretudo, numa ordem jurídica, que privilegia as ações humanas como sendo fruto de um indivíduo, ativo, dotado de razão.

Se as prostitutas, como Clara, foram levadas por circunstâncias, alheias à sua vontade, a se prostituírem, se os alcólatras ou os "cegos" de ciúme cometeram um crime porque estavam "fora de si", eles devem (nos textos), por estarem inseridos nes-

ta ordem jurídica, ser condenados com penalidades que extrapolam a moral, pois, nesta sociedade, as paixões devem e podem ser controladas pela razão.

É dentro desta ótica que a imagem dos bandidos, da polícia e dos pobres em geral é construída. Se, por um lado, o discurso dos textos deste programa possui a característica de não imputar totalmente ao sujeito as faltas que cometeu, por outro, vai fornecendo aos "pobres" uma imagem deles próprios, marcada por atributos negativos, onde o principal, talvez, seja o fato de que as classes populares aparecem como se fossem, geralmente, dominadas pelas paixões, (e o meio social em que vivem é considerado desordenado, promíscuo e imoral) que as impedem de agir e proceder dentro da ordem e da lei.

É neste sentido que a instituição policial raramente é atacada pelo radialista, e os casos de corrupção policial são, na maioria das vezes, tratados como excessão, como casos isolados dentro da estrutura da instituição. A ação da polícia é louvada porque a imagem que o programa constrói dos "pobres" é marcada pela "falta", pela ausência de ordem, de razão, e, desta forma, a polícia e seus métodos poderão ser uma via capaz de produzir um certo ordenamento social. É como se a polícia pudesse desempenhar um papel socializador, ou seja, é como se a prática policial, que tem no direito do mais forte o seu principal referencial ideológico, pudesse ser o legitimador e organizador de expectativas de comportamento nas interações da vida cotidiana.

Desta forma, ao ressaltar que os textos do programa possuem lacunas, reticências na caracterização de seus personagens,

não os qualificando, a priori, como bons ou maus, não quero eliminar o caráter ideológico ou político que encerram. Antes, desejo sublinhar que eles colocam para o público uma possibilidade de reinterpretá-los, porque se o universo das classes populares é caracterizado pelas "paixões", elas podem, dependendo do fim, serem consideradas boas ou más e isto colabora para que os ouvintes possam construir representações sobre os "bandidos", sobre a polícia e sobre a Justiça, levando em conta um repertório de símbolos que possuem mobilidade para organizar as novas experiências em sistemas cognitivos, que recortam o real para que os homens possam agir sobre ele (Durham, 1986).

Em grande medida, é isto que também aproxima este programa policial do gênero Folhetim, pois os temas retratados - os crimes, amores impossíveis, alcoolismo, prostituição -, parecem possuir uma eficácia simbólica, não enquanto forma de ficção, mas enquanto um modo possível de apreensão e interpretação da própria realidade (Montes, op. cit.).

CAPÍTULO II: OS OUVINTES E O PROGRAMA

1. As cartas

*"Vai cartinha vai
Vai rolando na grama
Vai dizer ao Gil Gomes
que eu adoro seu programa"
A. (9 anos)*

A decisão de privilegiarmos a leitura das cartas dos ouvintes foi tomada, em grande medida, porque percebi que, ali, eles se permitiam dizer coisas que, dificilmente, diriam a um pesquisador. É nestas cartas que os ouvintes falam abertamente sobre o que acham do programa, da situação da violência urbana, contam casos de amor, expressam seus desejos e frustrações. O importante é que esta relação que estabelecem com o radialista, é realizada sem intermediários, e isto possibilitou uma análise mais ampla do universo deste público, não só no que diz respeito à violência urbana, mas também em relação às imagens que eles constroem sobre o próprio radialista, que vai além do que é dito

sobre violência e criminalidade.

Como já disse anteriormente, fiz o mesmo recorte temático que realizei em relação aos textos do programa, ou seja, analisei, no período de 77 a 87, as representações que os ouvintes fazem sobre violência, sobre justiça, "bandido" e polícia. A diferença em relação aos textos do programa, é que as cartas permitiram analisar os diversos papéis que este público imputa ao radialista, ou seja, foi possível perceber os variados motivos pelos quais os ouvintes gostam deste programa policial.

A tarefa de coletar este material foi extremamente difícil, pois as cartas estavam em um canto da sala do arquivo, acondicionadas em enormes sacos plásticos, tornando-se quase impossível chegar até elas: cadeiras, máquinas de escrever e pastas velhas amontoavam-se em cima deste material a ser analisado. Retirado o entulho, um outro problema apareceu: como efetuar uma amostragem mais ou menos representativa, se todas as cartas, de 1973 a 1987, estavam misturadas?

A solução foi passar um tempo "garimpando" este material, até conseguir uma quantidade razoável de cartas, que cobrissem este período por mim determinado.

Ao todo, foram lidas 2.500 cartas, sendo que, destas, separei 400 para analisar. O critério desta escolha deu-se em fun-

ção de que privilegiei um número igual de cartas por ano, e somente aquelas oriundas do Estado de São Paulo (10).

A seleção deste material não segue uma linha estatística no que diz respeito à elaboração de uma "amostra" no total do universo das cartas, mesmo porque nem saberia calcular o montante de cartas existentes.

Os temas mais recorrentes são sobre violência, ou seja, os ouvintes comentavam a ação dos "bandidos" e da polícia em seus bairros, explicavam as causas da violência e da criminalidade e as maneiras de combatê-las; também realizavam vários pedidos, que vão desde um simples rádio de pilha, até uma casa própria, reclamavam das Instituições do Estado, principalmente as policiais; enfim, traçavam um panorama do cotidiano vivenciado, sobretudo, pelas classes populares.

A maioria das cartas que chegam até a produção do programa Gil Gomes são oriundas dos bairros da periferia de São Paulo, como Itaquera, Pirituba, Guarulhos, Guaianazes, Casa Verde, etc. Do total destas cartas, 64.25% (257) são escritas por ouvintes do sexo feminino; 29% (116) por ouvintes do sexo masculino; 3,9%

(10) Destas 2.500 cartas, 80% eram de o Estado de São Paulo, o restante dos Estados de MG, PR, MT, RJ. Só analisei 400 porque, como queria um número igual de cartas por ano, deixei de lado um número grande delas. De 1982 em diante, a escolha foi aleatória, mas de 1977 a 81, analisei somente as que encontrei, daí ter escolhido 40 cartas por ano.

(16) por pessoas anônimas (que, normalmente, denunciam quadrilhas de traficantes); 2,75% (11) por entidades: Associação dos Alcoólatras Anônimos, A Associação da Polícia Civil, Terreiros de Umbanda, Centros Espíritas.

Nem todas as cartas indicavam a idade ou a profissão destes ouvintes, portanto não foi possível quantificar os dados a este respeito, mas, de modo geral, é um público diverso: são donas de casa, presidiários, policiais, são empregadas domésticas, trabalhadores da construção civil e, em relação à idade, a variação também é grande, pois encontrei cartas de crianças de 8 ou 9 anos de idade, e até de pessoas com mais de 70 anos.

Em relação aos temas mais recorrentes, podemos agrupá-los da seguinte forma:

- relação do ouvinte com o programa e imagens que fazem do radialista
- pedidos variados: desde bens materiais até conselhos, procura de pessoas desaparecidas
- temas relacionados ao Governo, à Justiça e à Polícia: denúncias em geral
- sugestões para o combate à violência
- temas ligados ao sobrenatural: explicações para alguns crimes, utilizando como causas a influência do demônio, de guias, etc.

Ainda existem cartas, embora em menor número, que são cartas de amor, de fãs apaixonadas por Gil Gomes, ou ainda de pes-

soas que escrevem por se sentirem solitárias (11).

Começarei a análise tentando perceber quais as diversas relações que este público, através das cartas, tenta manter com o radialista, ou seja, analisarei os diversos papéis que a ele são atribuídos, como o de amigo, conselheiro, homem capaz de realizar justiça, detetive. Isto permitirá uma ampliação da análise sobre as representações que o público faz da Polícia, do "bandido", da violência e da Justiça.

(11) Este é o caso de "Lú", uma ouvinte que escreve desde 1973, e cujas cartas ninguém abriu. Falarei sobre ela durante este capítulo.

2. Gil Gomes: o amigo, conselheiro, educador

A inquietação inicial desta pesquisa era a de perguntar porque que as pessoas ouvem e gostam deste tipo de programa radiofônico, que dramatiza casos trágicos e violentos do cotidiano.

As cartas foram, neste sentido, um material valioso, na medida em que pude perceber que o radialista acaba por se tornar, aos olhos deste público, um amigo, um conselheiro, um indivíduo que pode realizar a justiça, um mediador que pode, inclusive, dar explicações para um cotidiano cheio de armadilhas, que a própria história teceu. São ouvintes que escrevem:

"Parabéns querido amigo, que Deus te proteja e faça de você sempre esta pessoa assim, trazendo felicidade para tantos lares, falando, aconselhando, explicando e sempre procurando ajudar o próximo."

ou então:

"Isto que você nos transmite faz-nos mais sensibilizados ainda. Já emocionei e chorei com suas histórias e agradeço a Deus por você existir".

Este tipo de reação do público, corrobora o que já afirmei anteriormente em relação aos textos lidos no programa, ou seja, que o crime propriamente dito não interessa tanto quanto a história de vida dos personagens que compõem este texto. A dramatização permite uma interpretação variada, e isto favorece uma inte-

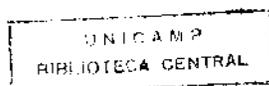
ração entre o público e o radialista. É a maneira pela qual são dramatizados os casos do cotidiano de uma grande cidade que permite uma pluralidade de leituras por parte deste público, o qual, por sua vez, apresenta uma variação em relação aos papéis que atribui ao radialista.

Esta pluralidade de imagens, construídas sobre a figura de Gil Gomes, possui, de certa forma, um eixo comum, onde o radialista aparece como um sujeito capaz de proporcionar um modo de expressão, um veículo de reflexão sobre as questões candentes do cotidiano. Desta forma, aos olhos deste público, o radialista adquire o status de conselheiro, de amigo, de defensor da justiça e dos pobres.

Muitas vezes, este público parece encontrar, na estória dos personagens deste programa, alguns elementos que lhe possibilitam pensar sobre sua própria realidade, ou então, que lhe permitem transformar o discurso do radialista em um discurso que poderia ser seu.

Esta identificação, ou não, com os personagens destes dramas torna-se viável porque eles estão inseridos num universo onde as paixões afloram, e isto permite julgamentos ético-morais, de acordo com as experiências e ações que se desenrolam na prática cotidiana destes ouvintes.

É bastante comum encontrarmos afirmações de ouvintes, que dizem que começaram a pensar sobre seu próprio problema a partir do momento em que ouviram o relato de casos cujas situações eram semelhantes às suas:



"Eu escrevi uma carta pra você pedindo uma ajuda para morar em São Paulo. Não sei se minha carta chegou, mas acho que sim porque você contou um caso sobre meninas menor que quer ir para São Paulo. Depois de uma certa idade a gente começa a sonhar, ilusões mil, mas pelo que você disse não vale a pena. Você já contou muitos casos tristes e um dia eu não quero que conte o meu. Gil o que eu tenho para lhe dizer é muito obrigado pelo que você disse e eu entendi perfeitamente o que você quis dizer. Vou parar de viver de ilusão e enfrentar a realidade.

sua amiga e fã"

M. (14 anos)

Uma outra ouvinte diz:

"Agradeço a você porque sem querer salvou a minha vida e a de meus filhos. Eu sou mãe e sofro muito com esta vida de miséria e eu fiquei a ponto de dar e eu ia dar veneno pros meus dois filhos e ia tomar também, mas eu ouvi você, caro amigo e desisti da idéia. Acho que você contou o caso da mãe que matou os filhos só para mim e mais meus filhos. Que Deus te ilumine.

sua amiga e super fã

M."

Podemos dizer que esta imagem de "amigo" vem muito misturada com a de "educador" (no sentido de ensinar algo) e o programa, neste sentido, pode adquirir uma função pedagógica, ou seja, ao escutar estórias de amor, de crimes violentos, dramas variados, o ouvinte entra em contato com uma realidade que é sua, mas, ao mesmo tempo, que é outra - por ser dramatizada - e isso permite um momento de reflexão e aprendizado. Esta pedagogia é montada em cima das consequências dos atos praticados pelos personagens dos casos narrados.

Esta função pedagógica é apontada pelo próprio radialista, quando afirma que "faço meu programa e conto crimes para que sirva de exemplo para a população". Esta função pedagógica também é um componente em outros gêneros de ficção, como no caso do "Romance de Folhetim", no qual apresentam o bem, a virtude, através das atribulações dos personagens, dos desastres, dos infortúnios, dos crimes e das violências sexuais.

Gil Gomes aparece como um indivíduo que, ao lidar com as questões ligadas à morte, à violência, ao crime, pode tornar-se, aos olhos deste público, alguém capaz de resolver as questões ligadas à própria vida, ou seja, alguém capaz de "orientar" os indivíduos, para que estes possam melhor conduzir seus atos.

Este status de "amigo", "conselheiro", não é baseado em uma relação dialógica de fato, já que o radialista não responde, ou sequer lê as cartas. O que temos é uma relação pautada, também, por experiências que estes ouvintes possuem com outros radialistas de outros programas radiofônicos, e cuja base é a conversa telefônica entre o público e estes radialistas.

Os programas das rádios AM possuem certas características que, diferente de outros programas, tanto do Rádio quanto da TV, permitem um certo tipo de participação do público. Isto gera uma série de relações e atitudes difíceis de serem explicadas em termos de "razões práticas": são ouvintes que saem de bairros distantes e dirigem-se até a emissora de rádio em busca de uma caneta ou chaveiro, que ganhara como prêmio, através da participação (pelo telefone) em um programa. Quando perguntamos se não tinham gasto mais dinheiro indo buscar o prêmio, do que se o tivessem

comprado, a resposta era sempre a mesma: "Mas eu ganhei no concurso..."

Em relação a Gil Gomes, devemos ressaltar que a fama de "detetive" ou de um "amigo" que pode ajudar os que a ele recorrem, não é totalmente imaginária, pois ele, de fato, solucionou alguns casos; ele, realmente, recebe algumas pessoas, e o público sabe disso. Nos anos de 86 e 87, Gil Gomes produzia um programa vespertino, onde, quem contava as estórias, era o próprio ouvinte. Era um programa realizado ao vivo, ou melhor, as pessoas envolvidas em algum tipo de drama que, neste caso, deveria ser bem incomum eram entrevistadas pelo radialista.

Presenciei três destas entrevistas: a primeira com um homem que, por estar embriagado, teve um pedaço de sua língua cortado pela esposa; a segunda, com a esposa de um homem que mantinha relações incestuosas com as suas duas filhas (12); e a terceira com a mãe de uma criança que sofreu uma tentativa de estupro por parte de um senhor de 73 anos de idade. Ao perguntar para esta mãe, a razão pela qual havia procurado o radialista tornando pública uma estória tão dramática, a resposta veio rápida:

"Gil é minha única esperança de justiça. A polícia, a senhora sabe como é, não faz nada, se vende e quem sabe falando com Gil que é muito amigo dos pobres e falando no rádio, outras mães pode ficar de aviso e a polícia toma providência. O Gil é um amigo que a gente pode confiar".

(12) Esta entrevista está reproduzida na íntegra no Anexo.

Este é o sentimento mais comum entre as pessoas que, diariamente, tentam falar com o radialista para pedir soluções para casos variados. Um sentimento de que, talvez ali, esteja uma chance de obterem justiça e proteção.

Em relação aos ouvintes que escrevem cartas, e que consideram o radialista um "amigo" e "conselheiro", ou seja, ouvintes que mantêm com ele uma espécie de diálogo "imaginário", tomando como resposta o próprio programa, existe um caso expressivo, da ouvinte Lú que, desde 73, escreve assiduamente para o radialista. Não consegui saber nem a idade, nem a profissão desta ouvinte, pois ela nunca as mencionou, apenas sei que, ao longo de mais de dez anos (a última carta que encontrei foi de 1985), Lú escreveu, numa linguagem poética, sua solidão, seus desejos, suas leituras preferidas. Ela nunca pediu nada, não relata casos para serem lidos no programa, apenas comenta seu cotidiano, concorda ou discorda de alguns desfechos das histórias do programa. O tratamento que dá ao radialista é o de um grande amigo, que, apesar de não lhe responder "por escrito", mantém, através dos relatos, um "diálogo" que acaba por cumprir com as expectativas de resposta desta ouvinte:

"Boa Noite. Estamos na primavera e chove prá burro. Mas as flores sorriem um sorriso molhado, esperançosas, aguardando o Astro-Rei. Mudando de assunto, meu quarto está uma bagunça mas você já sabe, né amigo, que eu sou difícil de arrumar. Ouvi na TV uma reportagem sobre as crianças da Febem e pensei no que Ele disse: vinde a mim as criancinhas. Que mundo, não é amigo? Sim, amigo porque você me entende, fala comigo todos os dias, me ilumina. Beijinhos procê, te gosto,

Lú".

"Lú" demonstra ter uma certeza de que Gil Gomes lê suas cartas, pois visualiza uma relação de reciprocidade, em que as palavras do radialista, os casos relatados, adquirem contornos exclusivos, ou seja, parecem dirigir-se unicamente a ela.

"Lú" opina ativamente sobre os casos relatados, e algumas mudanças ocorridas nos relatos de casos semelhantes ela atribui aos conselhos que forneceu ao radialista. É muito difícil traçar um perfil desta ouvinte. Sabemos que é uma pessoa que se diz bastante solitária, uma pessoa cujos programas preferidos na TV são Silvio Santos e novelas; ela lê Drumond, Machado de Assis e Agatha Christie, frequenta um Centro Espírita e, apesar de trabalhar, não diz, em momento algum, qual a sua profissão ou o local de trabalho.

Uma única vez esta ouvinte tentou falar com o radialista pelo telefone e, ao descrever, por carta, esta experiência, mostra como os jornalistas da equipe de produção lidam com estas situações:

"No sábado, me arrumei toda, armei-me com toda a coragem que pude reunir e liguei proê. Meu coração batia tanto que eu pensei que fosse ter um desmaio. Não sei como consegui falar sem bater os dentes, mas se era você mesmo não posso ter certeza, estava tonta. Você ficou de ligar, eu esperei, esperei e esperei.

Se fosse o caso de correr estaria correndo ainda. Me machuquei sabe? Será que tudo não passou de uma brincadeira?

Esta maldita incerteza é que me dói. Eu estava disposta até a ouvir broncas se é que você ía dá-las. Nunca mais vou te ligar, eu não suportarei esta carga emocional.

Se você quizer, isto é, se tudo não passou de uma brincadeira deixo a iniciativa com você."

Certamente Gil Gomes não atendeu este telefonema, já que os jornalistas que atendem as ligações selecionam as melhores antes de chamar o radialista. Para este tipo de ouvinte, eles dão um nome específico de "xarope", que, no jargão policial, ou entre presidiários, quer dizer "louco", "desvairado".

Talvez "Lú" seja uma ouvinte especial, no sentido de que mantém esta correspondência, mas existem outros ouvintes que também escrevem uma única vez para sublinhar ou pedir uma relação de amizade com o radialista:

"Gil, eu quero que você seja meu amigo. Eu preciso de você e acho que com esta sua cabeça incrível você pode me ajudar a esclarecer muitas coisas. Eu já tentei tantos amigos mas nenhum está disposto a me ajudar. Eu acho que preciso de um psicólogo, mas como não tenho dinheiro para pagar um, eu recorro a você. Me responda se está disposto a ser meu amigo e aí contarei minhas desventuras e problemas.

Abraços com emoção"

G. (16 anos)

Juntamente com estes ouvintes, que nada pedem no plano material, existe uma grande maioria que encontra no radialista uma possibilidade de solução para os mais variados problemas: são pedidos de casa própria, de bonecas, de rádios, pedidos de solução para questões ligadas ao BNH, à polícia; enfim, questões que estrapolam e ampliam a noção de violência, enquanto algo ligado somente ao crime propriamente dito.

Através de um discurso que fala sobre violência, o ouvinte demonstra capacidade de traduzir e de transformar este mesmo dis-

curso em algo que vai além dele, construindo um quadro simbólico, no qual o radialista adquire uma capacidade de solucionar um outro tipo de violência: a situação de miséria e abandono das classes populares.

Na medida em que demonstram não mais acreditar nas Instituições do Estado, na Polícia, na eficácia do Judiciário, que exerce seus poderes de forma desigual, na medida em que não acreditam que, dentro desta conjuntura político-econômica seja possível melhorar suas condições de vida, os sujeitos apelam ao radialista e lhe atribuem força e honestidade suficiente para a solução destes problemas.

O status de detetive, mais uma das atribuições que o público faz ao radialista, não se encontra, como veremos, desprovido de razão. Se Gil Gomes conta, em sua trajetória, com várias incursões ao Circo - Teatro, onde já relatava, da mesma forma que no rádio, dramas do cotidiano e crimes violentos. A fama começou aí. A seguir, como já mencionei anteriormente, o radialista e sua equipe se viram às voltas com vários crimes que, muitas vezes, chegaram a solucionar antes mesmo que a polícia o fizesse (apesar de estas estórias não serem relatadas no programa, as notícias correm, e o público acaba por saber alguma coisa). Ainda dentro deste conjunto, existe o filme "O outro lado do crime" (já mencionado no capítulo anterior), que só poderia contribuir para expandir esta imagem de jornalista-detetive, hoje sedimentada nas bases da credibilidade popular.

É exatamente quando o público mais atribui este papel ao radialista, que podemos observar o momento em que eles tentam

participar ativamente do programa, ou seja, tentam estabelecer mais uma relação com este radialista, que é a de se tornarem agentes ativos do processo de produção do programa.

São ouvintes que escrevem, na tentativa de "auxiliarem" o radialista, com a perspectiva de mudarem alguns casos que foram noticiados, fornecendo outras soluções, que são variadas e que, com frequência, transcendem uma explicação lógica ou material (no caso, a miséria como causa do crime), penetrando em um outro campo, que está ligado ao lado misterioso, sobrenatural e detetivesco que muitas vezes, o programa inspira.

O detetive F. de Carapicuíba escreve:

"Sou detetive formado por correspondência e ouvi este caso com muita atenção e estudei formando um quadro mental que talvez possa ajudá-lo na investigação. É o seguinte:

Será que o maníaco que praticou este crime e pulou esta extremidade de 2 metros de altura, pulou sem que tivesse por dentro daquela residência um menor apoio para a fuga?

Será que tiraram as impressões digitais do quarto da jovem nas seguintes localidades: na maçaneta por onde entrou, na penteadeira ou na janela por onde foi arrombada ou nas laterais da janela por onde segurou?

Pelas digitais terá nas delegacias a identidade e aí terá uma pista melhor. Procurar nas residências por onde passou é como ir no rastro de uma raposa velha. Será a única maneira que poderei ajudá-lo com muita boa vontade".

Cartas como estas são muito comuns, mesmo que o ouvinte não seja detetive. Donas de casa e adolescentes escrevem, tentando auxiliar na resolução de um caso ou de um crime, como se Gil

Gomes fosse o único capaz de solucioná-lo

Esta dona de casa diz:

"Na oportunidade sugeri, ou melhor, dei uma idéia de que, quem havia jogado o garoto no poço era o cachorro, uma vez que ninguém estranho havia entrado na casa. A idéia foi mais de meu filho de 11 anos que adora os seus casos e eu quero fazer do meu filho um policial ou detetive. Seu Gil, para meu espanto fiquei sabendo dia 19 que quem jogou o garoto no poço, foi a própria mãe. Confesso que chorei. Precisando de alguma idéia para ajudar a solução estou as ordens.

Abraços com admiração

M."

Muitas respostas para perguntas que Gil Gomes deixa no ar - ou porque são casos que aparentemente não tem explicações, ou porque são delitos cujos suspeitos não foram presos pela polícia - são fornecidos pelos próprios familiares, ou vizinhos dos envolvidos. Os ouvintes, ao recontarem um episódio, não parecem perder a credibilidade no radialista e preferem atribuir as distorções dos fatos relatados a informações mal feitas, dadas por outros veículos de comunicação, ou então, justificam as "inverdades" pela ausência de dados que mostrem uma "verdadeira" versão dos fatos.

No dia 25 de novembro de 1986, Gil Gomes dava uma notícia de que um túmulo havia sido violado, mas nada havia sido roubado. O túmulo era de uma jovem e, no desfecho do relato, o radialista deixava uma pergunta no ar: Porquê?

Um ano depois, uma carta (que não foi lida pelo radialista) explicava este caso. A mãe do rapaz que violou o túmulo explica o fato:

"Gil, não foi profanação, por incrível que pareça neste mundo tão cheio de crimes e miséria em que vivemos. Quem fez isso foi por não acreditar que sua amada ali estivesse. Foi tanto amor que ele entrou ali às 10 horas da noite e só saiu às 5 da manhã. Ele teve o cuidado de não deixar cair nenhum punhadinho de terra dentro do caixão. Ficou ali acariciando seus lindos cabelos negros e o pouco que restou deste anjo. Gil este é meu filho que tão jovem já carrega este crime que se chama amor. A vida a separou dele. Quando ela se foi ele só ficou sabendo um mês depois e por não acreditar é que ele fez o que fez. Eu não estou repartindo com você uma notícia, mas um desabafo. Eu só queria que você soubesse que neste mundo ainda existem jovens que amam como meu filho. Não conte esta notícia, nem fale meu nome. Vamos deixar aquela pergunta no ar...

Com afeto, sua mãe
B."

O que os ouvintes apontam, ao atribuírem estes variados papéis ao radialista, é que este atende, de certa forma, às demandas simbólicas deste público e o discurso do radialista (os casos relatados no programa) parecem possuir uma eficácia simbólica que, ao invés de constituir-se em algo "alienante", poderia proporcionar um momento de catarse (L. Strauss, 1975) sobre esta realidade vivida pelas classes populares. Através de relatos de casos que envolvem o cotidiano destes sujeitos, estes passariam a encontrar mecanismos simbólicos para dar vazão a seus sentimentos de medo, de injustiça, etc.

Ao mesmo tempo, sentidos variados podem ser atribuídos a este discurso dos textos do programa que, então, poderiam permitir a existência de um espaço para a reflexão, onde os ouvintes pudessem reconstruir um horizonte interpretativo comum, exercendo um papel ativo e demonstrando serem capazes de pensar criticamente sobre sua própria realidade.

Prova disto foi o comportamento deste público frente à campanha eleitoral pró-Maluf, que Gil Gomes realizou em 1986. Apesar da sutileza do radialista, parte do público que não apoiava a candidatura Maluf, reagiu e conseguiu, a despeito do poder dos veículos de comunicação de massa e da fama de Gil Gomes, continuar repensando sobre a realidade que os cerca e propor alternativas, político-partidárias, para aquelas apresentadas pelo radialista.

3. Os ouvintes e as eleições de 1986

Nas últimas eleições de 1986, os radialistas e jornalistas policiais, como Afanázio Jazadj e Gil Gomes, demonstraram a força que possuíam, em função desta credibilidade que neles é depositada por uma parcela da população. Credibilidade, enquanto pessoas capazes, aos olhos do público, de solucionar um dos grandes problemas que aflige a sociedade brasileira: a violência urbana.

Em cima, especificamente, desta questão, pregando abertamente a pena de morte, a tortura em delegacias, o extermínio sumário de marginais pelo esquadrão da morte, é que Afanázio, como candidato a Deputado Estadual, foi eleito com um soma impressionante de votos.

A campanha que este jornalista fazia diariamente, usando seu programa radiofônico como tribuna, provocou inúmeras reações por parte de vários setores da sociedade, exatamente em função desta pregação explícita de se fazer justiça com as próprias mãos. Afanázio vociferava contra as comissões de direitos humanos, criticava o romantismo de alguns intelectuais quanto às propostas de melhorias das condições carcerárias e chegou a incitar a população de São Paulo a invadir a Igreja da Sé, durante uma celebração que D. Paulo Evaristo Arns realizava em prol das vítimas do movimento dos "Sem Terra", que morreram em conflitos com posseiros.

Gil Gomes, sem dúvida, foi mais discreto, mas nem por isso menos atuante. Os comentários que realizava durante a sua progra-

mação, apoiando a candidatura Maluf, não se referiam apenas às questões ligadas à violência urbana, mas também remetiam a outras esferas de atuação do governo, como a construção de estradas, metrô, transportes coletivos; enfim, questões que são reivindicações das classes populares.

A campanha para Maluf e para o candidato a deputado Federal, Delfim Netto, foi realizada com a utilização de outros meios que, sem dúvida, tiveram sua eficácia.

Gil Gomes distribuiu 70.000 volumes do seu livro intitulado "Gil Gomes: o menino que sonhava com o Rádio", uma auto-biografia publicada em 1986. Para tanto, realizou um concurso, em que bastaria apenas o ouvinte escrever para o programa e receber, pelo correio, o livro, presenteado pelo radialista. Mais de 80.000 cartas chegaram à Rádio Record neste ano de 86. Cartas que sequer foram abertas, pois o que realmente interessava para o radialista era o endereço do remetente.

Juntamente com o livro, o ouvinte recebia uma carta escrita pelo próprio Gil Gomes, dizendo:

"Muito obrigado pela sua audiência.

Obrigado mesmo.

Aí está o livro prometido.

Me permita:

Nós vivemos, graças a Deus, numa democracia, por isso se você já tiver um candidato a Deputado Federal, tudo bem, você é inteligente e deve ter escolhido bem, mas se não tiver, eu modestamente lhe sugiro o nome de um grande homem e meu amigo particular, uma das maiores inteligências do Brasil, o professor Delfim Netto (com Maluf).

Aceitando ou não a minha sugestão, obrigado.

Gil Gomes"

Logo em seguida, estes ouvintes recebiam uma carta do professor Delfim Neto com a seguinte mensagem:

"O nosso amigo, o grande Gil Gomes, avisou-me que você ganhou um livro sobre a vida dele. Ele me disse também que sugeriu meu nome para deputado Federal. Gostaria de poder considerar cada amigo do Gil como pessoa da minha amizade. E ficaria muito honrado se puder merecer o seu voto e de seus familiares em 15 de novembro, dia da eleição. Estou à sua disposição para a gente estreitar amizade. Se desejar escreva-me que terei muito prazer em responder.

um grande abraço do Delfim Neto".

A eficácia deste tipo de campanha eleitoral pode estar justamente no caráter pessoal, íntimo, que ela assume, num momento em que a credibilidade nos políticos em geral estava bastante abalada. Pela leitura das cartas deste período, muitos ouvintes demonstraram ficar lisonjeados com a atenção individual que receberam, tanto do radialista, como do candidato Delfim Neto.

Neste período, realizei a leitura de 500 cartas e, nelas, a maioria dos ouvintes agradeciam o livro, reafirmavam o voto para Delfim e Maluf e, finalmente, pediam algo em troca: casas, rádios, televisores, enciclopédias, chaveiros, etc.

Esta "intimidade", esta individualidade, que o ouvinte sentiu é expressa nesta carta:

"Quando o livro chegou, os vizinhos vieram correndo para ver e eu toda feliz pois não esperava receber porque eu achava que não ia ser atendida. Recebi

uma carta do seu Delfim e fiquei feliz porque ele disse que o sr. falou o meu nome pra ele, então eu que me acho tão sem importância, de repente ser lembrada. Aí me deu um estalo, uma idéia de fazer um pedido no ar. Já que o sr. não tem nada a ver com política pois seu eu fizer um pedido a um político vão dizer que eu estou vendendo meu voto e eu não vendo porque ele é do Delfim. Meu desejo é ganhar um rádio.

Sua fã-fã-fã mil vezes fã
V."

Podemos perceber, então, que esta campanha, talvez menos explícita, acaba reforçando um sentimento ainda maior de credibilidade que o ouvinte já depositava no radialista, enquanto homem capaz de resolver variados problemas. O fato do ouvinte escrever pedindo o livro e recebê-lo, de fato, aumenta a sensação de que Gil Gomes é um homem que cumpre a palavra, mesmo que no íntimo este ouvinte saiba que recebeu algo em troca de um voto.

Esta relação de reciprocidade, estabelecida entre o radialista que "compra" e o ouvinte que "vende" o voto, fica evidente na infinidade de pedidos que estes ouvintes fazem, direta ou indiretamente, ao radialista.

Quase a totalidade das cartas, com exceção daquelas que criticavam a campanha pró-Maluf, possuíam esta dupla face: por um lado agradeciam, reafirmando a crença na honestidade do radialista, reafirmando o voto pedido; e, por outro, como complementação, pediam algo em troca.

No entanto, tudo isto é dotado de muita sutileza. São raros os momentos em que o ouvinte vincula diretamente o radialista com a figura do político. Fazem seus pedidos como se o fato de terem recebido o livro ou a cartinha do Delfim, não tivesse ne-

nhuma ligação entre si. Uma reciprocidade implícita, que acaba se estabelecendo, na qual o ouvinte utiliza-se da mesma "tática" que o radialista usou, ou seja, a dissimulação de uma relação clientelista tão comum nos períodos eleitorais.

Esta ouvinte de Guaianazes escreve:

"Recebi o livro o qual me deixou muito feliz. Sabe porquê? É porque você fala a verdade, é porque você promete, você diz que vai dar e dá mesmo. Eu já vivo cansada de tanto escrever para estes programas de rádio e TV pedindo coisas e até hoje não recebi nenhum alô. Vou votar no Maluf porque ele resolve as coisas. Gil, gostaria de receber uma enciclopédia para minha filha, uma bicicleta para meu neto..."

Alguns ouvintes são ainda mais explícitos: devolviam a carta enviada pelo Delfim Neto e, nela própria, escreviam um bilhete:

"Seu Gil, os voto foi dado, 3. Mas seu livro nada até hoje. E aí?"

Jamais poderemos precisar, ao certo, se todos os ouvintes que escreveram, reafirmando o voto em Maluf ou Delfim, de fato votaram, mas existem cartas que demonstram uma convicção muito maior na candidatura Maluf, e estas acabam por fazer uma referência direta aos problemas ligados à violência, demonstrando perceber uma estreita ligação entre Gil Gomes e Maluf, no que se refere às propostas de combate ao crime:

"Olha Gil, transmita ao Dr. Maluf, que Deus permita que ele seja o nosso governador para ele por de imediato a ROTA na rua, prá apertar nêgo folgado. ROTA na rua pra apertar nêgo folgado. Vamos Dr. Maluf acabe com estas mordomias. Batente neles".

Não podemos negar a importância dos meios de comunicação nos processos de campanha eleitoral, assim como não podemos negar que muitos ouvintes realmente votaram no Maluf porque Gil Gomes pediu. Afinal, estes ouvintes encontram no radialista a figura do "amigo", "conselheiro", "justiceiro", "um homem de bem", por isso merecedor de respeito e credibilidade.

No entanto, existe a outra face da moeda, que é o fato de que, exatamente por Gil ser considerado "um homem de bem", merecedor de todos os atributos mencionados acima, que este público também reage a este apoio político, demonstrando que a eficácia das manipulações ideológicas, que os meios de comunicação podem realizar em uma parcela da população, é bastante discutível.

São inúmeras as cartas que criticam, com veemência, o apoio político a Delfim e a Maluf. Os ouvintes mais irados devolvem os calendários, com as fotos de Delfim, recheados de palavras como "ladrão", "bandido", e é muito comum desenharem dois "chifres" na fotografia do candidato, numa referência explícita à as-

sociação "bandido/demônio": (13).

Outros, ainda devolviam a carta do Delfim com os dizeres:

"O maior mafioso do Brasil. 21 anos enterrando o país" e "cadeia nesta turma".

As cartas endereçadas diretamente a Gil Gomes continham mensagens do tipo:

"Sr. Gil, eu e todos da minha família que somos muito, somos fãs número um do seu programa. Acompanhamos o Sr. há muitos anos e eu agradeço o livro que recebi. Mas o sr. me desculpe, não desejo ofender, sempre nós queremos o seu bem. Em 1979 o presidente da República era o Figueiredo e o do planejamento era o Delfim. Em 79 eles começaram a afanar os aposentados. Prejudicaram todos. Aqui segue o que penso: Figueiredo, Delfim, Marquazan, Antoninho Malvadeza e o Sarney. todos da revolução sem tiro, a maffia do PDS. Se neste querido Brasil tivesse lei, todos já estava na cadeia, envidaram o Brasil, sumiram com os dólares.
PDS - nunca mais, cadeia neles.
Seu fã N. (Carapicuíba)"

Vários ouvintes, assim como este, conseguem, de certa forma, separar a figura do radialista e aquilo que ele possa representar, da figura do candidato, porque continuam fãs, ouvintes assíduos do programa.

(13) Sobre esta associação "bandido/diabo" ver trabalho de Alba Zaluar "O Diabo em Belíndia".

No entanto, existe um outra reação, na qual este público identifica a postura política e ideológica do radialista com a do candidato Maluf. A decepção fica explicitada e, neste caso, rompe-se o elo que ligava o ouvinte ao radialista.

Este rompimento acontece exatamente no ponto mais forte que os unia: a questão da "justiça". Assim, esta parcela do público passa a questionar se aquele indivíduo, no qual depositavam tantas esperanças, ainda é capaz de merecê-las.

Uma ouvinte da Vila Medeiros, São Paulo, diz:

"Gil, até hoje eu achava que você era o homem mais correto, o mais humano, o mais justo de todos os homens. Eu sempre pensava que se um dia eu precisasse de você para algum problema com a polícia, você era o único que eu poderia procurar. Mas agora eu estou decepcionada com você. O motivo é que você não só está apoiando o Maluf mas está fazendo dele um Deus. Você sabe que ele não é nada disso. Ele foi governo e nunca acabou com a pobreza nem com ladrão e nem com nada. Agora anda aqui na favela, chorando e fingindo o que ele não é. Ele detesta pobre, no governo dele não tinha uma viatura inteira e até esquadrão da morte tinha e pessoas inocentes morriam. Gil eu não sou a favor de bandido e sim a favor de que no Brasil tivesse pena de morte, não para matar inocentes, mas pra fazer justiça, correta.

Aqui no Brasil a lei só atinge os mais fraco. Porque quem faz a lei é o dinheiro.

Você acha isso justo? De sua amiga que espera muito de você.

N."

Esta ouvinte, de certa forma, compartilha com muitas das idéias apresentadas por estes candidatos, como é o caso da pena de morte, mas nem por isso compartilha, com Gil Gomes, o apoio à

candidatura Maluf. Novamente coloca-se a questão de que, mesmo que os veículos de comunicação sejam potentes "transmissores" de uma ideologia dominante, o público, as classes populares são capazes de refletir sobre seu próprio cotidiano, sobre as propostas políticas que a elas são dirigidas, demonstrando que é impossível falarmos em receptores passivos, ou em "manipulação" ideológica direta.

Alguns ouvintes demonstram toda sua revolta com o radialista, por este ter traído um certo esquema de lealdade estabelecido. Aí, é o ouvinte que rompe com o radialista:

"Pois bem sr. Gil, o senhor que diz que é dono da verdade, embora eu nunca ouvi falar em seu programa que o Maluf desviou verbas da Paulipetro... que o Delfim depositou money na Suíça... Então seu Gil, estes não são ladrões?

Agora o Maluf vem com este papo de botar a ROTA na rua pra matar esses coitados que nunca sequer tiveram uma oportunidade ao sol, sempre debaixo de viadutos e favelas, abraçados com essa miséria causada por esses anti-cristo. Nós seu Gil, precisamos de escolas, remédios, alimentos, trabalho e lazer e não cadeias, policiais, balas, revólveres, pois isso não educa o povo, não dignifica o ser humano. Reflita, seu Gil, tenha coragem pois dinheiro não é tudo na vida.

Seu ex-ouvinte e ex-admirador"

Um outro ouvinte diz possuir uma gravação de 1982, na qual Gil Gomes elogia Quércia:

"Nesta entrevista o sr. teceu os maiores elogios ao Quércia dizendo: "Tomara que o sr. seja eleito para

acabar com esta pouca vergonha deste governo". Estou enojado de tanto descaramento de um excelente jornalista que descambou para a politicagem barata. Se esta demagogia continuar eu envio esta fita para o comitê do Quêrcia para que ele leve ao vivo, onde sua voz elogia tanto o candidato que agora pixa, transformando-se num jangadeiro que anda ao sabor dos ventos com o único intuito de salvar sua própria jangada".

Como podemos observar, são muitas as reinterpretações que este público faz de um programa que relata os casos do cotidiano de uma parcela da população. Talvez seja muito difícil encontrarmos somente um único viés que consiga unir essas reinterpretações tão variadas.

O campo da ideologia, como um conjunto de imagens ou representações tidas como capazes de explicar e justificar a realidade concreta, não se apresenta tão uniforme assim.

Esta ideologia não flui sem problemas e aqueles que estão "de fora", de certa forma, participam do processo de produção e, portanto, demonstram ser capazes de fazer uma reflexão crítica sobre seu cotidiano, transformando-se em sujeitos ativos.

Se existe uma certa coincidência entre a postura que o radialista pretende assumir como a de "educador", "informador" e os papéis que este público atribui a ele, isto se deve ao fato de que tal programa vem atender às demandas simbólicas deste público.

Justamente por isto, encontramos um ponto para onde convergem estas demandas e, nele, Gil Gomes aparece como símbolo da justiça. De certa forma, os sujeitos elegem no discurso do radialista, este sentido, que passa a ser dominante, por ser o mais

capaz de se relacionar com os outros sentidos possíveis deste discurso.

Este público, independentemente de atribuir significados variados, tanto para os casos relatados, como para o radialista em si, acabam por encontrar, neste, um mediador entre a situação real em que vivem e a possibilidade de mudança que ele representa.

As alianças e rompimentos do público com o radialista dão-se em cima de questões concretas do cotidiano e, quando as expectativas de mudança ou de realização de justiça são quebradas, quando ele deixa de se tornar cúmplice na construção de um imaginário comum, capaz de dar sentido a uma determinada realidade, o público reage:

"Porque, seu Gil esta campanha para este demônio? porque o senhor fez isso comigo? Te acompanho desde 1969, sou velha, tenho 67 anos e só acreditava em Deus e no senhor.

Adeus, M."

CAPÍTULO III: OS OUVINTES E AS QUESTÕES SOBRE VIOLÊNCIA URBANA

Sublinhei nos capítulos anteriores que, dentro do contexto do jornalismo policial, o programa Gil Gomes possui algumas particularidades: ele não é um programa que se limita a simplesmente noticiar um crime ou um fato dramático ocorrido na cidade de São Paulo, antes, ele dramatiza casos variados, em que se mesclam histórias de amores impossíveis, crimes misteriosos; casos em que a história de vida dos personagens envolvidos é bastante detalhada, permitindo, com isto, uma gama enorme de reinterpretações por parte do público ouvinte.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar que o discurso dos textos deste programa tem, como base, a realidade; a situação de criminalidade e violência vivida em uma grande metrópole, ou seja, os casos a serem dramatizados são procurados nas delegacias de polícia, na "boca de lixo", ou nos depoimentos de pessoas envolvidas em algum tipo de drama, que procuram ou são procuradas pelo radialista para relatarem o fato ocorrido.

As cartas remetidas ao radialista mostram que o público encontra, neste programa, um espaço aberto pra registrar suas opiniões sobre a situação de violência que ele próprio vive em seu cotidiano. São donas-de-casas, presidiários e policiais, que se permitem dizer algo sobre a criminalidade ou sobre a justiça. É assim que eles constroem suas representações dos "bandidos" e da polícia, apresentam soluções e apontam as possíveis causas para a violência urbana.

É minha intenção, neste capítulo, mostrar a maneira pela qual trabalhadores, presidiários e ouvintes que desejam tornar-se policiais, constroem as representações de uns e de outros; dessa forma, poderemos chegar às concepções mais recorrentes sobre a questão da violência urbana.

Quando optei por analisar, separadamente, os diversos tipos de ouvintes, não pretendia, com isso, definir categorias analíticas isoladas, antes, a minha preocupação centrava-se, sobretudo, em demarcar as tensões e ambigüidades próprias desses discursos, as quais seriam, talvez, um reflexo da convivência diária entre eles. O que estes ouvintes escrevem sobre os "bandidos", sobre a polícia e a justiça não é tomado, aqui, como se fosse a realidade, mas sim, como se fosse uma representação dela, uma das inúmeras formas que eles encontram de se representarem a si mesmos e aos outros, não como uma ficção, no sentido de que sejam representações falsas, mas sim como um discurso constitutivo de suas relações sociais (Baktin, 1988) (Orlandi, E., 1983)

Desta forma, este discurso não é uma representação simbólica, à parte da ação também não é um exemplo de legitimação das ideologias dominantes (Adorno; 1973) e muito menos uma representação autônoma, que pudesse ser vista como algo que representasse uma "contra-cultura". Antes, o que temos é um discurso de uma parcela da população, pautado, tanto na experiência e observação direta da realidade, que permite o desenvolvimento de uma consciência autônoma sobre si mesmo (Gramsci; 1978, Thompson; 1987, Zaluar; 1986), quanto na reprodução da concepção de uma classe hegemônica que, através de agências como a Igreja e os meios de comunicação de massa, tentam buscar a eficácia do consenso.

É através deste discurso, assim constituído, repleto de contradições e ambiguidades que passo a analisar as questões sobre violência e criminalidade, registradas nas cartas, num movimento que oscila entre a representação de suas experiências reais e suas concepções ideais desta realidade.

1. A violência urbana: com a palavra, o ouvinte

O discurso destes ouvintes em relação à situação de violência e criminalidade, que afirmam vivenciar no seu cotidiano, é marcado pelo medo, pela sensação de impunidade e insegurança, pela ausência de esperança de que esta situação seja resolvida pelo Estado e pelas autoridades do poder público. É também um discurso ambivalente, no sentido de que oscila entre diversos valores para, por um lado, tentar indicar as causas da violência e, por outro, propor soluções e construir imagens sobre os "bandidos", a polícia, a lei e a Justiça. É dentro deste contexto que se torna um discurso ambíguo, na medida em que pode permitir uma diversidade de sentidos.

Num primeiro momento, podemos perceber que estes ouvintes definem "violência" como uma série de atos que constituem tipos específicos de delitos como roubos, latrocínios, estupros, os quais são praticados - segundo as denúncias que fazem em suas cartas - somente por uma camada também específica da população: os pobres urbanos.

No entanto, os ouvintes somente dão este sentido específico à violência - crimes praticados pelos pobres - quando tentam detectar ou explicar as causas desta situação em que vivem. Neste contexto, a violência e a criminalidade, que tomam como sinônimos, é explicada sobretudo pela miséria, pela pobreza, ou seja, pelas condições materiais de existência, que aí servem de matéria prima para a introdução dos pobres na vida criminosa.

É só neste momento - o da tentativa de encontrar uma causa para a criminalidade - que os delitos podem assumir, tanto um caráter de "revolta" quanto um caráter de "sobrevivência", com a ressalva de que, aí, já não se referem a uma situação geral de violência, mas sim, referem-se a delitos como roubos ou mesmo latrocínios, excluindo os estupros e assassinatos.

Uma ouvinte escreve assim:

"O homem nasce e começa a fazer parte de uma luta contra seus semelhantes, logo vai sentir as primeiras vitórias e também as primeiras derrotas. Caso seja um privilegiado, nasceu num berço de ouro onde não lhe falte nada, este dificilmente será um marginal porque só conhece vitória: o melhor brinquedo, a melhor alimentação, a melhor roupa. Para este não há necessidade de mudar a luta, mas se o homem nasce na miséria financeira ele começa a colher na infância as primeiras derrotas: o doce que só existe na vitrina ou na mão do colega rico, aquele tênis bonito que seus pés nunca calçarão. De derrotas em derrotas um marginal vai se formando. O dilema é: ou vive frustrado e infeliz ou descarrega tudo o que sente naqueles que representa o outro lado".
sua fã M. (dona de casa - Carapicuíba)

Ao apresentarem esta concepção de violência como um "ato de revolta" a uma sociedade marcada pela desigualdade, os ouvintes fazem novamente um corte, ou seja, somente levam em conta os crimes cometidos contra "os que estão do outro lado" e não os cometidos "pelos pobres" contra seus iguais. Este caráter de "revolta" aparece como um argumento usado pelas classes populares quando, como já foi observado em outras pesquisas (Zaluar; 1985), explicam os saques, quando justificam crimes cometidos contra

instituições bancárias, contra "gente rica" e não contra os trabalhadores pobres. Desta forma, o roubo, o assalto, é condenado e justificado "segundo uma moral de classe: a condenação do ato é feita segundo quem é roubado, se é pobre, se é "grande", se trabalhador ou empresa" (Zaluar; 1986).

Podemos perceber que esta visão sobre a violência, dotada de um sentido político mais amplo - o de recuperar parte do excedente que foi expropriado das classes subalternas (Oliven; 1986) - é deixada de lado quando estes ouvintes apresentam as formas de punição que desejam, e que não têm nada a ver com as causas que apresentaram.

A mesma ouvinte citada anteriormente e que expôs as causas da violência como sendo fruto de uma sociedade desigual, apresenta as seguintes soluções para acabar com a violência:

O governo devia ocupar suas terras em locais bem afastados, construir fazendas ou então transformar os presídios em fábricas, onde os presos, com salário menor, continuariam pagando suas penas mas trabalhando para ver o que o pobre sua a camisa para sobreviver. Uma outra solução para os perigosos é mandar para uma área cercada na Amazônia para construir estrada ou quebrar pedras e aqueles que não tem solução tem é que matar.
Seu Gil, o importante é deixar a Rota na rua pra que coloque medo nas criança e eles não comece a robar".

A outra variante para as causas da criminalidade, que tomam como base a miséria, a pobreza, é aquela que justifica o crime como algo que, dentro deste contexto, significa uma "estraté-

gia de sobrevivência":

Seu Gil, quero falar que a causa desse crime é a fome. Mesmo que os pais trabalha não consegue dar de comida pros filho e eles roba primeiro comida, depois outras coisa porque nenhum emprego de pobre dá dinheiro. Ninguém gosta de barriga vazia. Se é certo ou errado eu não sei. Só sei que é isso que acontece. meu filho roba e o que é que eu faço? deixo ele morre de fome? ele é de menor e não arruma emprego. arruma um emprego bom pra mim e pra ele que terá um bandido a menos e uma mãe contente a mais.

com carinho C. (empregada doméstica - Guarulhos)

Quando esta noção de criminalidade aparece como estratégia de sobrevivência, ela vem marcada com duas características: a primeira é que os ouvintes referem-se a um tipo de criminalidade não violenta, ou seja, pequenos furtos, atos praticados sem o uso de armas de fogo, e a segunda é que, normalmente, são justificativas de ouvintes que explicam, ou seus próprios delitos, ou os delitos de seus familiares mais próximos. São presidiários que explicam os motivos pelos quais foram presos, são mães que justificam os motivos pelos quais seus filhos entraram para a vida do crime, são mulheres que se prostituíram e passaram a praticar pequenos furtos, enfim, são aqueles que buscam uma explicação "de fora" para uma situação da qual são atores diretos.

As concepções destes ouvintes enquadram-se numa visão generalizada que existe na sociedade onde a violência urbana é, na maioria das vezes, associada aos crimes cometidos pelas classes populares e, por isso, vem quase sempre ligada ao termo "margina-

lidade", cujo conceito, sabemos, já vem carregado de significações negativas (Perlman, J.; 1977). Os grupos considerados "marginais", seja pelo local onde vivem (favelas, bairros pobres), seja pela condição de desempregados, de "pobres", são normalmente identificados como grupos que, potencialmente, poderiam recorrer a ações violentas.

Neste contexto, a violência é vista como "termômetro social do grau de distorções acumuladas na base econômica da nação, a partir do processo de desenvolvimento altamente desequilibrado" (Puty, 1982). Estas concepções, apresentadas por alguns autores, são muitas vezes calcadas em demonstrações estatísticas que mostram que o crime contra a propriedade constitui na maioria das ocorrências policiais, que a taxa de criminalidade aumenta em períodos de recessão econômica, proporcionando modificações no comportamento daqueles que, a cada dia, ficam mais miseráveis, passando de "reserva do mundo do trabalho" para "reserva do mundo do crime", ou seja, passando de "classes laboriosas" para "classes perigosas" (Guimarães; 1981).

As teorias que colocam as condições de miséria e pobreza como explicações para as causas da violência ou para o aumento da criminalidade, tentam, de certa forma, sublinhar um aspecto positivo: o de que o crime tende a adquirir um caráter revolucionário, de classe, contra as condições de dominação.

No entanto, as explicações para a violência, seja como satisfação das necessidades, seja como "revolta" ou reação política a uma situação de desigualdade social, não parece, segundo alguns autores (Paoli; 1982), ser o caminho mais viável para a busca de

soluções, já que se corre o risco de reiterar a tese das "classes perigosas". Para reforçar esta postura, há alguns dados, como os da pesquisa "A Criminalidade Urbana Violenta" (Coelho, 1987), os quais apontam que, entre os anos de 81 e 82, em plena recessão econômica, as taxas de criminalidade decresceram em São Paulo, embora as políticas orientadas para a diminuição do desemprego e da pobreza não reduzissem a taxa de criminalidade. Os dados apontam que, nos presídios de São Paulo, 55% dos condenados tinham emprego na época em que foram presos; dos 45% de desempregados, 37% tinham perdido o emprego há poucos meses (menos de 6); sendo assim, o autor aponta outros fatores que poderiam explicar as altas taxas de criminalidade: "a impunidade que passam a gozar os criminosos, faz com que segmentos mais vitimizados da população tornem-se transgressores".

Ele cita, como exemplo, os pequenos comerciantes em áreas desprotegidas que contratam serviços de justiceiros, esquadrões da morte com o objetivo de solucionarem os problemas causados pelos freqüentes assaltos que sofrem. Para reiterar esta tese, Coelho aponta que, em São Paulo, 89% das ocorrências de roubo e 81% das de estupro não foram investigadas no período correspondente aos anos que vão de 81 a 84, e somente 18% das ocorrências resultaram na instauração de inquérito.

No entanto, isto não parece ser suficiente para explicar a criminalidade e contestar esta visão de que pobreza gera violência. Se retomarmos o discurso das cartas dos ouvintes, podemos perceber que eles denunciam esta situação de impunidade, de corrupção policial, de inoperância das Instituições do Estado no que

se refere a uma melhor aplicação ou distribuição da justiça; contudo em nenhum momento isto serve como ponto de partida para que tentem explicar os motivos pelos quais eles, os "pobres", podem (ainda segundo eles) tornar-se assaltantes ou bandidos.

Estas denúncias enquandram-se, muito mais, na concepção negativa que os ouvintes fazem das instituições policiais e do poder público, quando, então, referem-se às diferenças de tratamento que os "ricos" e "pobres" recebem, por parte da polícia, na aplicação da lei. Essas constatações, expressas em frases do tipo - "justiça é só pra rico", "não tem lei pra pobre" ou "só pobre é que vai pra cadeia", são fruto das experiências do cotidiano, as quais mostram que o Judiciário é incapaz de mediar os conflitos. Dessa forma, os ouvintes demonstram ter ciência das imperfeições legais que, sem dúvida, contribuem para o arbítrio policial, garantindo privilégios e gerando uma impunidade que impede a realização de uma justiça mais equitativa.

Como veremos mais adiante, os ouvintes possuem, além deste discurso que, num primeiro momento, associa miséria à violência, outros mecanismos para lidar com essa associação quando esta, para eles, torna-se indesejável. Veremos que eles "ampliam" a noção de crime, que constroem oposições entre trabalhadores e "bandidos", enfim, veremos que eles somente apontam a miséria como causa do crime quando isto se faz necessário para ressaltar uma condição de classe.

No entanto, há um risco de se explicar a violência urbana através da situação de miséria das classes populares, pois é com base nesta concepção, que são feitos inúmeros discursos, tidos

como liberais justamente por trazerem, embutidas, estas idéias. Esse risco existe, quando o governo Federal ou Estadual utiliza este mesmo argumento para, de modo antagônico, justificar suas ações práticas para conter a violência urbana. O governador Orestes Quéricia, em sua primeira mensagem à Assembléia Legislativa de São Paulo, em 24 de abril de 1986, deixou bem claro que considerava, como fatores fundamentais para a causa da violência, as condições de miséria da população:

"Ao atacar as raízes da pobreza e da miséria, o Estado frontalmente ataca as causas da violência".

No entanto, as soluções que apresenta são: o aumento do efetivo policial, do número de delegacias e viaturas, de pelotões como a ROTA que, sabemos, na prática irão reprimir aqueles que, "potencialmente" são considerados criminosos: os pobres urbanos.

Não resta dúvida de que o discurso sobre a violência é contraditório e ambíguo. Da Matta (1982) afirma que o discurso teórico sobre o tema, ao atacar a estrutura da sociedade como causa da violência, termina quase sempre num espaço puramente político, ou seja, num espaço onde a luta é travada no plano das grandes contradições sociais, por isso é um discurso fundado na "razão prática", na medida em que a violência é dada como uma resposta a um sistema. As soluções que este discurso teórico apresenta, desembocam, normalmente, em medidas legais ou jurídicas.

Na verdade, o discurso popular, no caso específico de identificar as causas e apontar soluções para a violência, também possui estas características. Percebemos que os ouvintes, independente das causas que apresentam, sugerem medidas práticas, não raro violentas, para diminuir a criminalidade.

O que, talvez, diferencie este discurso "teórico" (do qual as autoridades governamentais tantas vezes se apropriam), do discurso "popular", é que este último vai apontar a falácia deste argumento, que associa o crime à pobreza, na medida em que seus protagonistas vão construindo as oposições entre trabalhadores e "bandidos". Isto se dá em dois momentos: quando esclarecem o que é ou não considerado crime e quando tecem críticas à atuação da polícia. Vejamos, por exemplo, como, a partir de 1982, estes ouvintes começam a "ampliar" a noção de violência, denunciando, como crime, atos que não são praticados somente pelas classes populares ou pelos "bandidos pobres", mas também ações cujos personagens têm endereço certo e não pertencem à camada social dos "pobres urbanos": o Estado, suas instituições, os hospitais, o BNH, e a polícia. Aqui, a noção do que seja um crime adquire um sentido mais amplo do que aquele utilizado para explicar as causas da violência urbana.

É neste período, 1982, que as notícias sobre escândalos financeiros, corrupção nos quadros da polícia e outros crimes do "colarinho branco", passam a fazer parte do cotidiano, através dos noticiários da imprensa falada e escrita. O próprio programa Gil Gomes relatou, inúmeras vezes, casos de envolvimento de poli-

ciais em assaltos, em tráfico de drogas (14), e isto, aliado à experiência que as classes populares vivenciam em seus bairros e em delegacias, contribui, de alguma forma, para acentuar a indignação, o sentimento de abandono e a perplexidade que estes ouvintes registram em suas cartas.

Como todos esses subsídios, é natural que os ouvintes passem a colocar denúncias de assaltos, de violência, corrupção policial num mesmo plano de denúncias do mau atendimento em hospitais. A partir daí, começam a utilizar a categoria "bandido" para caracterizar os envolvidos nestes casos. Neste contexto, o "bandido" deixa de ser somente aquele "pobre" que rouba ou assalta e passa a ser, também, o diretor de um hospital que omitiu socorro, os policiais corruptos, ou os maridos que espancam suas esposas:

"Gil, fala no rádio que este delegado é corrupito e não feiz nada contra estes bandido que me assaltaro e nem contra esse bandido do meu marido que quase me mata de apanhar. Eu já fui na delegacia pra ver se prende ele porque ele me espanca e tira sangue e o delegado ri de mim. o policia do hospital que eu

(14) Apesar de Gil Gomes, a partir de 1982, relatar casos de corrupção policial, ou fazer comentários sobre irregularidades em Instituições Públicas, a postura que assume frente a estes assuntos é bem diferente da dos ouvintes. Ao contrário destes, Gil Gomes nunca atacou a instituição Policial e sim, os policiais da corporação que cometeram algum delito. A acusação é personalizada, ou seja, é o policial que é chamado de "malandro", de "safado", e seu delito maior é "manchar" a honra da polícia. Nos casos que relata, Gil faz questão de ressaltar que o policial-criminoso não mais faz parte dos quadros da polícia, reforçando, assim, as qualidades da Instituição.

fui porque tava machucada também não feiz nada, acho que agora todo mundo é meio bandido. não fala meu nome, pelo amor de Deus porque senão os bandido ou a policia ou meu marido vem aqui e me vinga e me mata. Seu Gil pesso socorro porque não temho pra quem recorrer.

sua fã e admiradora

B. (empregada doméstica - Sapopemba)

Os ouvintes, então, passam a fazer uma associação entre os diversos tipos de delito e a "violência", o "banditismo" propriamente dito. Esta associação aumenta, na medida em que esses delitos variados apresentam um caráter generalizado de impunidade, um espaço onde a atuação dos "bandidos", da polícia e do Estado (que, teoricamente, deveriam estar demarcadas) torna-se, a cada dia, mais difusa.

"Seu Gil, sou uma velha de 70 anos e já vivi num tempo em que sentava na calçada e conversava com vizinhos. Acho que Deus escolheu São Paulo para acabar com o mundo. Bandido assalta e eu já fui assaltada 3 veis, a policia também é ladrona e depois vem querer matar bandido. O governo que roubou minha aposentadoria seu Gil onde vamos parar com todos esses bandido? agora todo mundo fais crime? Me arruma uma casinha pra eu morar em Piracicaba, eu não aguento mais.
Me ajuda. Sua fã S. (Aposentada - Vila Santa Catarina).

Percebemos que, coincidentemente, após este período de 1982, os ouvintes tentam, cada vez menos, explicar as "causas" da violência em suas cartas, antes, reportam-se cada vez mais a esta situação caótica, às vezes ininteligível, que demonstram enfren-

tar. Parece que, para eles, tentar entender ou encontrar uma causa para a criminalidade torna-se menos importante do que tentar demarcar os espaços de atuação daqueles que estão envolvidos nesta "guerra": trabalhadores, "bandidos", policiais e instituições do Estado. Se estes ouvintes demonstram possuir dificuldades em explicar as causas da violência, se o seu discurso é marcado pela ambiguidade e pela contradição, talvez seja, como aponta Zaluar, "pela dificuldade em pensar o espaço aberto à liberdade individual de escolher seu caminho em meio às condições determinantes tão adversas" (Zaluar; A., 1986).

Para concluir, gostaria de ressaltar que os ouvintes apontam outras causas para a criminalidade, nas quais a pobreza não é o fator principal. Nesses casos, eles afirmam que os indivíduos foram vítimas de "influências malignas", do "demônio", de "guias", de "paixões irresistíveis" para as quais não encontraram força e meios de se libertarem. Existe, pois, neste contexto, um espaço para as visões particulares, mas estas não se referem à violência como um fenômeno social, apenas tentam fornecer outras explicações para um determinado crime ou para um determinado caso que Gil Gomes tenha contado e de que o ouvinte tenha discordado do desfecho ou das explicações dadas pelo radialista.

Uma ouvinte diz:

"Meu filho cometeu aquele desatino porque estava fora de sí, não sei qual o anjo mau que guiou a mão dele para este fim. Como explicar? ele por ele não tinha matado sua mulher"

G. (dona de casa)

Ou, então, temos a avô de Pegê, um bandido cujos casos foram relatados várias vezes no programa, que pede "clemência", pois "ele é um garoto perseguido pelos maus espíritos"

Estas e outras cartas indicam que o ouvinte não se limita a uma explicação "racional" para o crime ou para a violência e a criminalidade. Foi comum encontrar cartas que continham explicações - na tentativa de auxiliar ou contradizer o radialista - ligadas ao campo religioso, no qual, muitas vezes, a relação "criminoso/diabo" ou "crime/forças do mal" é invocada. Essas alusões, que tratam de poderes sobrenaturais como força instigadora de delitos, são bem mais diretas nas cartas dos ouvintes do que nos textos do programa. Na medida em que Gil Gomes retrata um universo mediado pelas "paixões", que permite colocar outras variáveis para as causas da violência e criminalidade, as quais não estejam somente relacionadas com um contexto histórico-material visível (a miséria de uma parcela da população), os ouvintes sentem-se partilhando, com o radialista, de um imaginário comum, e isto possibilita uma reelaboração constante, por parte deles, de significados, valores e crenças.

Este contexto permite que o público escreva, pedindo ou fornecendo explicações para diversas questões que não estão ligadas somente a um plano material, mas também a um plano "espiritual" ou "sobrenatural", no qual convivem guias, demônios, espíritos, que vão dando um significado mais amplo à noção de falta ou de delito.

Diz uma ouvinte:

"Gil o que me levou a escrever esta carta foi de várias casos que escutei, como o do Sr. Fábio que matou a esposa Luzia a marretadas e ele tem medo de encontrar com ela lá no outro mundo também o caso do Sr. Moisés que tinha uma voz que o acompanhava e ainda a Katia que quando matou o marido disse que era Deus que ia julgá-la e não os homens. Gil, você tem perguntado a muita gente principalmente para aqueles que praticam crimes por causa da bebida e do fumo... e pra aqueles que frequentam terreiros de umbandas ninguém consegue te dar uma resposta. Gil, eu posso te dar esta resposta. Eu sei quem é o culpado por isso. A resposta está na Bíblia e eu posso te mostrar: Ele foi tentado tres vezes, lembra?"

(M. Freguesia do ó)

Dentro desta mesma linha de explicações, na qual a alusão ao demônio como fonte do mal é clara, ainda existem ouvintes que discordam das explicações que o radialista fornece e escrevem sugerindo outras:

"Na semana passada ouvi sobre um senhor que atropelou um menino e não deu socorro. No final o Sr. dizia que o homem tinha se entregado porque a consciência dele o denunciou. Lamento não poder concordar com esse desfecho. Foi o espírito do garoto. Trata-se de um espírito ainda sem evolução, mas que apareceu para ele no quarto quando dormia e em outros locais. Na minha conclusão não tem nada de consciência, foi o espírito do menino que fez o homem confessar".

Doutros ouvintes pedem soluções para alguns acontecimentos que fogem do âmbito de uma investigação policial comum: são delitos cuja causa central não é atribuída aos sujeitos enquanto agentes da ação, mas sim a espíritos ou a "guias", que forçaram

os sujeitos a desencadearem uma ação. É o caso desta ouvinte, empregada doméstica, que escreve várias cartas idênticas, pedindo ao radialista que intervenha em uma situação da qual ela diz não ser responsável:

"Estou escrevendo porque não tenho mais sossego com meu guia. Há 15 anos comecei a trabalhar contra a Olímpia. Eu peguei este trabalho a mando de um homem do Paraná. Ele me contratou para atrapalhar a vida dela e o trabalho demorou a pegar e um dia ela foi ao mercado e quando ela saiu dei 3 balas pra ela chupar.

Ela foi conduzida a um hotel e o homem fez o que quiz com ela. Quando ela chegou na casa da patroa ela quis se suicidar e eu (meu guia) empurrando ela para o abismo. Agora meu guia quer que eu peça perdão pra ela porque ela tá muito doente. Eu quero acabar com esta minha macumba mas meu guia é muito forte.

Gil só você pode me ajudar, eu quero que ela me perdoe, procure ela pra mim, manda ela ir aí falar no rádio, espanta este meu guia através da sua fala no rádio. Gil Gomes ajuda esta mulher que não é mais dona de mim"

Com lágrimas F."

Esta ouvinte, que pede ao radialista "espanta este meu guia através da sua fala no rádio", demonstra a pluralidade das reinterpretações dos casos relatados no programa. O público acaba, de certa forma, traduzindo a uma luta entre o bem e o mal; e o radialista, seja como amigo, seja como detetive ou como conselheiro, aparece ligado às forças do bem, dotado de uma capacidade de realizar o mais desejado, que é a justiça, esteja ela ligada a uma realidade prática - como a de desvendar um crime - ou a uma

realidade que transcende esta ordem prática, como esta de "exorcisar" um "guia".

As explicações para os atos de violência que colocam o crime como algo provocado por "forças sobrenaturais", por "paixões", confirmam que este público também recupera, como o radiologista, a noção de que os sujeitos são "vítimas", e isto relativiza a posição destes enquanto sujeitos ativos, dotados de vontade própria. No entanto, como já observamos no capítulo anterior, isto não é levado em conta quando estes ouvintes apresentam soluções para acabar com a violência e a criminalidade. Mesmo estes ouvintes, que numa visão particular, justificam o crime como fruto de uma intervenção demoníaca, apresentam soluções que se enquadram em uma ordem legal ou jurídica:

"Sei que meu filho, apesar de não ter culpa porque estava fora dele deve pagar pela justiça dos homens. a cadeia é o inferno aqui na terra, mas na justiça de Deus eu sei que ele vai ter perdão."
G.

ou então

"Seu Gil, o Pegê diz que ele é tomado, mas acho que ele tem que pagar. São muitas mulher estrupada e a gente tem que ficar esperando o juízo final? Capa ele, bota ele na cadeia."

A. (estudante, Guarulhos)

Este tipo de reação do público é que nos permite dizer que existe um espaço onde a heterogeneidade pode ser produzida, permitindo uma certa autonomia do público consumidor destes bens culturais, em relação a alguns valores emitidos.

Esta autonomia não quer dizer que este público interpreta aleatoriamente os casos que ouvem neste programa policial; podemos perceber que a pluralidade das reinterpretações também são possíveis porque os textos lidos no programa, o universo que retratam, fazem parte do cotidiano destes ouvintes e não são uma mera ficção.

Deste modo, o radialista pode até ser contestado e o seu discurso pode até ser utilizado pelos ouvintes para dar um sentido à realidade vivida. Existe, portanto, a possibilidade de que estes ouvintes, ao mesmo tempo em que justificam a violência pelas condições materiais de existência, também ampliem a noção de "crime" e de "violência", construindo mecanismos e abrindo brechas para que possam lidar com esta associação indesejável - para eles - entre criminalidade e pobreza. Uma associação que é utilizada, em grande medida, pelos que "estão do outro lado", de fora, para sempre colocar "os pobres" no limiar da marginalidade. A isto, estes ouvintes respondem, sublinhando nas representações que fazem de si e dos "outros", que o crime deixa de ser algo praticado somente pelos pobres e que a situação de "violência" deve ser pensada como algo que extrapola o "crime" em si, como algo que se refere a uma situação geral vivenciada pelas classes populares.

2 - "Bandidos versus trabalhadores": a imagem dos pobres sobre os pobres

Se, por um lado, os ouvintes colocam a pobreza como uma causa principal da violência - o que, em tese, aproxima os trabalhadores e "bandidos" enquanto "pobres urbanos -, por outro, na construção das representações acerca de si próprios e dos outros, os trabalhadores fazem o possível para evitar esta associação, indesejável, entre criminalidade e pobreza.

Estas representações, que tentam demarcar o terreno entre uns e outros, é marcada pela ambivalência, por incoerências, fruto de uma convivência diária nos bairros da periferia, entre trabalhadores e "bandidos".

Estes ouvintes, que são oriundos de bairros pobres da grande São Paulo, utilizam estas representações em planos diversos, ou seja, conforme a situação, podem construir uma oposição ou uma associação entre as categorias "bandido" e trabalhador.

Em algumas pesquisas onde esta oposição aparece, o "bandido", na versão dos trabalhadores, é a "pessoa atraída pelo dinheiro fácil, que não quer trabalhar" ou "é aquele que anda armado" ou ainda, "é aquele que muitas vezes aparece como defensor da área do bairro". Segundo as cartas dos ouvintes, os bandidos ainda podem ser indivíduos "frios", "calculistas", "que não tem moral".

De qualquer modo, a distinção maior entre estas duas categorias parece ter como base o trabalho, que "parece ser a fonte

de superioridade moral dos trabalhadores e de seus familiares (Zaluar; 1986).

Os ouvintes também distinguem os "pobres que trabalham" dos "pobres que roubam" e, sem dúvida, avaliam que é moralmente superior ser um "pobre honesto", que trabalha, do que ser um "pobre que assalta", ou que comete qualquer outro delito em nome da pobreza:

"Seu Gil, o caso da mãe que jogou o filho no poço foi de revoltar. Sei que a fome deixa as pessoa no desespero mas não acredito que por ela não ter o que dar de comer pro filho ela tinha que jogar a criança no poço. Isso é crime. Se fosse assim nós que é pobre tinha que jogar os filho tudo fora. Quero que o senhor leia isso porque eu sou pobre e minhas crianças pode ficar com medo de eu jogar elas fora".

C.

ou então:

"Meu amigo, eu sou pai de 4 filho sendo que dois dele é assaltante. somo muito pobre e isso contribui para eles entrá no crime mas os dois outro meu são trabalhador. É verdade que ganha uma miséria e os assaltante tem até TV a cores que queria mim dar no Natal mas eu não aceitei. Seu gil quero que os meu filho ladrão seja punido porque não é justo ganhar mais dinheiro dos que os outro trabalhadores porque senão meus dois filho que trabalha vai quere entra na vida do crime. Não dou meu endereço por questã de segurança, mas o ponto deles é no posto da xel aqui em Guarulhos. aguardo previdensa."

A.

Ao mesmo tempo que o termo "trabalho" serve para distinguir as duas categorias de "pobres", ele não apresenta uma conotação positiva (já que vem associado à idéia de sofrimento), que possibilite uma oposição efetiva entre "bandidos" e trabalhadores. É evidente que os ouvintes não fazem uma apologia do crime como meio digno de sobrevivência, mas também não dizem que o trabalho pode lhes oferecer melhores condições de vida. A categoria "trabalho" aparece no momento em que os ouvintes propõem as penas desejadas, ou seja, a punição tem o trabalho como referência. No entanto, este "trabalho não é apresentado com a conotação de "ressocialização (o que daria sentido à valorização moral do mesmo), nem com a conotação de "recuperação" (o que daria sentido à ressocialização), mas sim, apresenta-se com a conotação de "punição". Sendo assim, é um "trabalho" que não recupera, que tem o objetivo de ser o caminho mais difícil, mais penoso, para a morte. Esta é, no fundo, o fim mais desejado para os "bandidos".

A maioria das punições e penas propostas pelos ouvintes, incluindo aí o trabalho, não têm como objetivo maior a ressociação do criminoso. Pela ordem de importância, encontramos basicamente 3 tipos de punições que os ouvintes propõem: o trabalho (normalmente trabalhos pesados), os castigos cruéis (como corte de mãos, suplícios em praça pública) e, por último, a pena de morte.

Encontramos somente quatro cartas que propunham a pena de morte como solução para a questão da violência:

"Seu Gil, sou mãe de 4 filho e que Deus me perdoe mas quero pena de morte pra esses bandido. Seria matar meia dúzia só pra dar medo e ver se os de menor não entra para o crime. Sou a favor do esquadrão da morte legalizado"

ou ainda:

"Esta situação me dá medo não saio de casa vivo em pavor porque os bandido já entrou aqui 3 veiz. Só tem uma saída matar eles. Eu dou duro e eles vem e roba o poco que tenho. A polícia não faiz nada, é tudo igual. Seu gil o melhor é mata todos porque as cadeia poderia virar escola e ninguem tinha que tratar deses preso."

C.

As cartas que apresentam a pena de morte como punição desejada para conter a violência, descrevem um mundo desencantado, no qual convivem, sem distinções, "bandidos" e policiais corruptos; um mundo pautado pela miséria onde a impunidade e a injustiça são regras. A morte dos "bandidos" aparece como uma solução eficaz, porque mais rápida e mais fácil.

Uma outra forma de punição que os ouvintes apresentam são os castigos mais lentos e mais cruéis. São formas violentas, já analisadas em outras pesquisas (Zaluar, 1981), as quais constataram que esta "carnavalização do suplício aparecia com mais frequência por parte de camadas mais altas da população e poderiam ser uma expressão das hostilidades acirradas entre as classes sociais (Zaluar, 1987).

Aqui, as soluções violentas vêm das próprias classes populares, numa tentativa de solucionar uma situação que, para eles, parece ser insuportável: são eles, os pobres, que trabalham e também são assaltados, assassinados; são ouvintes que propõem "cortar as mãos", "vazar os olhos", "castrar" os "bandidos" que, neste caso, são definidos como "bestas", "animais", "não humanos".

Percebemos que, para estes, a morte é considerada uma punição pequena, já que o sofrimento, o padecimento como forma de pagamento pelos crimes cometidos parece constituir-se em algo muito mais justo.

Esta é uma concepção de punição encontrada em algumas religiões, ou nos suplícios da Idade Média, quando os condenados eram publicamente torturados ou queimados. É uma concepção também encontrada, embora de forma mais amena, nos Romances de Folhetim, ou até mesmo nas atuais novelas de TV, em que aos heróis perversos é destinado um fim com punições lentas, que vão desde o "empobrecimento", passando pelas humilhações públicas, até os acidentes que mutilam o corpo, transformando a morte em algo menor, já que precedida por "males" considerados piores.

"Gostaria de falar para o senhor da minha revolta porque sei que o senhor pode dar conta desta situação. Acho que nesses bandido o melhor era cortar as mãos e se eles continua a fazer mal, vai cortando o braço, a lingua, matando um pouco de cada veis, cadeira elétrica é pouco porque eles não sofre".

A. (13 anos, Guarulhos)

A terceira forma de punição mais encontrada nas cartas destes ouvintes é aquela que coloca o trabalho como ponto central. Uma ouvinte propõe:

"A nossa justiça está cega. Os bandido e tarado toma conta do mundo. Nós em casa achamos a solução e eles não. Podia por esses monstro acorrentado no meio do mato pra raxar lenha e quebra pedra. Nos tarado dar uma injerssão no piu-piu deles pra nunca mais funciona".

B.

Um outro ouvinte:

"Seu Gil estamos nesta situação e o que o governo deve de fazer é acabar com a cadeia e colocar os bandidos no batente. mas pra carregar pedra, saco de café e acabar com as mordomia. É tudo marajá do crime. Devia construir prisão só pra esses canalha quebra pedra e fica fazendo isso até morrer. Comida devia de ser dada só uma veis por dia e sem carne. Aí eu queria ver quem queria ser bandido pra ser preso".

S.

Existem algumas propostas mais sofisticadas acerca do tema, como é o caso desta, de um advogado, morador do bairro de Higienópolis.

"O Brasil com 8 milhões de KM quadrados poderia separar um trecho de mais ou menos 5 mil Km quadrados em Mato Grosso, Goiás ou outro Estado pouco habita-

do e cercá-lo com cerca elétrica como na União Soviética.

Mesmo com a necessidade de construir a cerca e desapropriar terras ficaria mais barato do que construir e manter as prisões. Esta terra funcionaria como um Estado independente onde os presos deveriam plantar, fabricar tijolos e como todos trabalham o governo não precisa gastar nada com eles pois não precisaria vigiá-los, já que seria impossível fugir, pois morreria eletrocutados. Sendo assim ficariam cercados para sempre, sem contato com familiares, sem diversões pagando com trabalho o mal que cometeram."

D.

Duas características marcantes emergem destes discursos: uma diz respeito ao tipo de trabalho proposto aos presos como forma de recompensar ao dolo - um trabalho não produtivo, que não pode, portanto, ter o objetivo de ressocializar o indivíduo. A outra característica reforça esta idéia de não ressocialização, propondo o confinamento dos presos em "áreas isoladas", na "Amazônia" ou "em qualquer outro Estado pouco habitado", o que inviabiliza qualquer tipo de recuperação.

Seria interessante lembrar que a idéia de "ressocialização", surgiu por volta de 1700, época em que a prisão foi cristalizada enquanto sistema. A partir daí esse sistema adquiriu um duplo fundamento: o jurídico-econômico, em que o dolo era recompensado pela perda da liberdade individual, e o técnico-disciplinar, que pretendia transformar o indivíduo, recuperá-lo, através da disciplina do trabalho (Cappeller; 1986, Foucault; 1979). A apologia destes castigos mais "humanitários, em substituição aos suplícios inquisitoriais vão fazer parte de um discurso, cujo substrato era, naquele momento o retreinamento dos indivíduos pa-

ra a nossa sociedade capitalista. Um discurso que se enquadrava aos ideais jusnaturalistas (Liberdade, Igualdade, Fraternidade) que a burguesia em ascensão apresentava (Cappeller, 1986).

Os ouvintes, no entanto, referem-se a um sistema prisional que, na prática, não demonstra possuir capacidade para reconduzir os indivíduos à sociedade, ou seja, a prisão, como penalidade, perde o sentido de ressocialização.

Os ouvintes, apesar de desejarem que os criminosos sejam presos, referem-se à prisão como um local onde os indivíduos se aperfeiçoam na vida criminosa, visto que possuem "tempo" para isto, ou ainda, um lugar que não passa de "um hotel de luxo". Dentro deste contexto, propõem o encarceramento com trabalhos pesados, já que consideram uma injustiça "o bandido que não trabalha viver às custas do pobre que trabalha":

"Seu Gil, no Brasil não existe punição para os bandidos. Na cadeia não tem castigo, eles não trabalham, tem visitas, cinema, televisão, tem até artistas que vai lá fazer alegria pra eles. Tudo errado, bandido tem que ser castigado, sem diversão, com trabalho pesado. Do jeito que são tratados é melhor continuar robando e sendo preso".

A.

Nesta visão idealizada da prisão, esta aparece como um local onde se pode usufruir de algumas coisas que, normalmente, os trabalhadores se vêm privados: o ócio, o tempo para o lazer, a possibilidade de sobreviver sem esforço; e isso, aos olhos destes ouvintes, parece ser injusto:

"Caro amigo não acredito em mais nada. O mundo tá virado. Acho que os bandidos são mais protegido do que nós os pobres que dá duro o dia inteiro. Eu sou pedreiro e acho que agora é melhor robar porque meu cunhado tá na detensão e ele falou que até mulher agora eles vão ter. Seu Gil, o senhor é homem de justisa fala pra o secretário de seguranssa pra acabar com essa moleza dos preso comer e beber e ainda ter uma mulher pra alegrar eles. Eles tem que quebrar pedra porque a cadeia é um hotel de luxo".

J.

Acredito que, para estes ouvintes "ser um pobre que trabalha" ainda é moralmente superior a ser "um pobre que rouba"; no entanto, para entendermos a maneira ambígua pela qual o trabalho aparece como forma de "punição", devemos levar em conta dois fatores que emanam destes discursos: o primeiro, é a maneira pela qual estes trabalhadores se representam; percebemos, então, que se auto referem como pessoas "injustiçadas", com problemas de moradia, com salários muito baixos, com os quais não conseguem sustentar suas famílias, ou seja, eles se consideram "sofredores", que ainda sofrem com o agravante de serem, também, vítimas de assaltos. Isto tudo num contexto social marcado por um desequilíbrio brutal entre os "pobres" e "ricos", com um Estado que não acena com medidas que possam modificar o status quo destes indivíduos. Os trabalhadores se vêm privados de alguns benefícios que, outrora, a condição de "trabalhadores" lhes fornecia. Um exemplo disto é a "carteira de trabalho", criada pós 30, que era um atributo de honestidade, um atestado para o fato de que, ser um "trabalhador", neutralizava em termos de honra o estigma da pobreza (Gomes; 1988). Atualmente, estes trabalhadores, mesmos os que possuem "carteira assinada", não obtêm, dignamente, os direi-

tos que o dever do trabalho poderia lhes garantir.

Nesse sentido, trabalhar pode significar uma "sina", um destino que não conseguem mudar, portanto, este "trabalho" não pode possuir uma conotação positiva. Àqueles que tentam burlar este destino, "ganhando dinheiro fácil", é desejada uma punição que os coloquem em pé de igualdade perante os outros, ou seja, uma punição que os force a trabalhar como os outros pobres. A proposta de trabalho como "punição", torna-se, assim, mais coerente, e a prisão passa a ser entendida como um local de castigo de morte, ao invés de um local de ressocialização.

O segundo fator a ser considerado é que o tipo de trabalho que os ouvintes propõem, tem muito mais a ver com o conceito de "labor", cujo produto é considerado "menor", "servil", e que não garante a permanência e a durabilidade dos produtos do "trabalho" (Arendt; 1982). "Laborar" significa "ser escravizado pela necessidade", o que "aproxima o homem da condição animal" (Arendt; 1982). Ainda segundo Hanna Arendt, esta divisão entre "trabalho" e "labor" é observada até mesmo nos vocábulos etimologicamente diferentes das línguas européias. Na língua francesa, "travailler" substituiu a palavra "labourer", que é oriunda de "tripallium", a qual, por sua vez, designava uma espécie de tortura. Na era medieval, o emprego da palavra "trabalho" tinha a conotação de feito heróico, pois exigia grandeza, força, coragem, além de ser realizado com espírito de luta. Quando se refere ao mundo do capitalismo, a autora conclui que esta concepção "não tem nada a ver com o trabalho de hoje, que possui poucas semelhanças com o feito heróico e o que o torna um esforço tão doloroso não é o pe-

rigo, mas sua implacável repetição".

A partir daí, podemos compreender como é que o "trabalho", ou melhor, "o labor", constitui a forma de punição mais desejada. Se a conotação que os ouvintes dão ao trabalho fosse positiva, este deveria aparecer como redenção, ou seja, como uma forma de "salvação", de reeducação para aqueles que cometeram algum delito. Neste caso, a fronteira entre trabalhadores e "bandidos" seria clara, já que o trabalho apareceria como fonte de superioridade moral.

No entanto, os ouvintes não qualificam positivamente o seu próprio trabalho, aproximando a atividade que exercem do conceito de "labor", que é carregado com a marca do sofrimento, do suplício da sobrevivência. Mesmo que não consigamos definir exatamente a profissão ou o ofício que todos os ouvintes exercem - o que seria fundamental para comprovarmos esta última afirmação - sabemos que a maioria das cartas são de donas de casa, empregadas domésticas, ou então de homens cujas profissões mais recorrentes são aquelas ligadas à construção civil - são vigilantes noturnos, são pedreiros, enfim, são pessoas que realizam trabalhos pesados, mal remunerados.

O que os ouvintes demonstram, a todo momento, seja nas reclamações, seja nos variados pedidos que fazem ao radialista, ou no relato de suas vidas é que a condição de trabalhadores não lhes garante alguns direitos que deveriam possuir: uma vida digna, uma "lei" mais justa, a certeza de que os policiais não os confundiriam, pelo fato de serem "pobres", com os bandidos dos seus bairros. Nesse sentido, é coerente que desejem o "labor" co-

mo forma de punição, sem salvação, como se assim pudessem obter algum tipo de justiça ou compensação.

3 - Polícia e bandido versus trabalhador:

Em grande parte, é devido à convivência complexa entre "bandidos", trabalhadores e polícia nos bairros da periferia de São Paulo, que os ouvintes, entre outras coisas, recorrem ao radialista, denunciando a ele e não à Polícia as situações que consideram como "violência". Esta atitude parece ser coerente com a dificuldade que demonstram ter em demarcar os espaços ocupados pelos "bandidos" e pela polícia na convivência diária:

"caro gil gomes será que nem o Papa dá geito? Agora não sei mais em quem confiar porque é bandido quem faiz crime mas a policia também faiz. Vi na TV e mesmo aí no seu fabuloso programa que a policia roba mexe com droga e aí eu fico assim. onde vamos parar? se eles roba e é bandido igual os otro e não vai preso quem toma conta de nós? Não da pra mandar todo mundo pra fora do Brasil?"

sem consolo sua fã fã fã E.

Desde 1977 (15) os ouvintes associam cada vez mais os métodos violentos da polícia com a ação violenta dos "bandidos", identificando-os dentro de uma mesma categoria. A partir de 1984, as cartas são mais longas, mais dramáticas, mostrando um sentimento de desamparo em relação ao governo, à Justiça e à Instituição policial:

"como é que uma mãe pode conseguir sucego com essa corja toda? o senhor não nuticiou o caso dos robo que o governo fais pra enriquecer os ministro mas eu sei que eles roba pra ficar rico. Agora é bandido que mata pai de familia, a policia prende e solta na hora e eles também são ladrão roba carro mata gente. o senhor é o único que pode toma previdensia porque a gente é pobre a se nois vamo na policia denuncia bandido os bandido vem e mata e a policia tambem vem e vinga. Vivo a podê de calmante e ainda tomo conta dos meus 3 filho e da casa e ainda sou faxinera. Acho que é o fim dos tempo.
sua fã que chora Z."

(15) Este é o período da chamada "abertura política", ou seja, o período que marca o início do primeiro processo de transição, da ditadura militar para uma nova ordem democrática. Segundo P. Sérgio Pinheiro (1984) no momento em que as polícias militares interrompem o seu confronto com a guerrilha, passam a utilizar os mesmos métodos violentos e se valem da mesma impunidade para combater o crime. A polícia continua a utilizar uma técnica "ofensiva", como se estivesse combatendo "um inimigo interno" que deve ser liquidado. Desta forma, parece que a população sente que esta atuação da polícia não tem nada a ver com a "prevenção", e sim, com a "liquidação" do crime.

Além desta visão desencantada e catastrófica dos "tempos", torna-se mais comum, a partir de 84, denúncias que colocam a diferença de classe como fator fundamental para a inoperância e violência da polícia, ou para a realização mais igualitária da Justiça: são ouvintes que afirmam que "a polícia não faz nada porque somos pobres" ou "prender poderosos e bandidos ninguém prende mas a polícia desce o pau em quem trabalha"; ou ainda que "não tem lei pra pobre".

Os vários pedidos que estes ouvintes fazem ao radialista demonstram que os roubos, assassinatos, que a criminalidade e violência visíveis são apenas a ponta de um iceberg em um contexto em que uma série de delitos - que não são considerados crimes ou não são tratados como tal - fazem com que esta população possua um sentimento de que a impunidade, o poder e as "injustiças" andam de mãos dadas.

"Lei é só pra rico" escreve a mãe injuriada porque seu filho, preso, não conseguiu o benefício da Lei Fleury; "a justiça não existe para os pobres" diz uma ouvinte que perdeu a casa da Cohab por não ter dinheiro para continuar pagando as prestações; "fui um injustiçado e tô preso porque matei vagabundo" escreve um presidiário que não se conforma com o fato de estar preso por ter feito algo que é comum a polícia fazer: "matar vagabundo"; "quero justiça pra acabar com essa violência dentro de casa" reclama uma das inúmeras esposas que escrevem pedindo ajuda porque são espancadas pelos maridos.

Todas estas frases são parte de cartas onde o que aparece sedimentado é o tratamento diferenciado que a justiça e a polícia

dão aos pobres e aos ricos. Estas afirmações, aliadas a outras como "bandido e polícia são da mesma laia" ou "justiça é só pra rico", não são novidades. Grande parte dos trabalhos sobre as representações que as classes populares fazem da polícia (Zaluar, 1986, Pinheiro, 1982) demonstram que a visão é sempre negativa, seja pelas torturas na prisão, pela corrupção, seja pela violência com que tratam os trabalhadores. Isto não é diferente em relação aos ouvintes:

"Gil Gomes escrevo estas linhas pra disabafar pois estou desesperada. é sobre uns bandido que tem aqui e eu fui na delegacia e os policial ficaro rindo e dizendo que era pra eu me juntar com os bandido que eu ganhava mais. seu gil a policia agora virou quadrilia e eu nem sei quem pode me ajudar. eu quero saber quem não é bandido pra eu pedir ajuda."

M.

ou então:

"Querido amigo, voce é o unico homem justo. faiz alguma solussão para meu sufoco. Estou revoltada com esses crime e esses bandido que agora também é policia. tenho nojo dessa policia. 90% dos policial ganha pra fazer nada e voce devia de parar de elogiar eles porque voce é honesto e ele são bandido não zela pela nossa vida. da um geito."

C.

Uma situação como esta, em que os papéis do "bandido" e da polícia encontram-se a cada dia mais difusos (quando, na verdade, deveriam estar perfeitamente demarcados na opinião desta popula-

ção), transforma o discurso do ouvinte em revolta e perplexidade. Esses sentimentos são tão fortes, que aparecem até mesmo quando eles descrevem a ação da polícia contra os "bandidos".

"Seu Gil quero contar um fato que me abalou, estive no centro de Guarulhos e de dentro de um táxico móvel nº 155-210 saíram uns policiais de dentro de um bar com um rapaz preso e algemado e os 4 policiais comessaram a bater violentamente no rapaz diante de olhares de centenas de pessoas que revoltadas assistiram a cena que durou 15 minutos. Os policiais olharam para o publico e dizia: o que é que há, nunca viram vagabundo apanhá? Só pararam de bater quando o rapaz estava como morto no chão então seu Gil eles pegaram o moço pelos pé e pela cabeça e foram para a delegacia e ainda disseram: quando ele chegar lá vai ter repique. eu acho que deve ser bater mais."

A ouvinte, que assina a carta como "vovó desiludida", continua, ainda, descrevendo os comentários dos que assistiram a cena:

"um senhor disse: essa é a gloriosa polícia, outros falavam: todo mundo sabe que a policia bate, mas precisava dar demonstração em publico? eu chorei porque acho que eles podia bater e até matar mas pra isso eles precisava ser honesto e não fazer em publico. Me diga se eu tô errada, pode ser que a policia é policia e bandido é bandido, mas não aqui em São Paulo."

Se estes ouvintes possuem esta visão tão negativa da polícia, a ponto de colocá-los ao lado dos "bandidos", como entender o fato de que, cada vez mais, a polícia seja requisitada e desejada para reprimir os "bandidos".?

O que percebemos é que os ouvintes desejam uma polícia que não seja esta que esta aí, mas sim, uma polícia "honesta", "limpa" que consiga "distinguir vagabundo de trabalhador":

"Peço ao senhor para pedir para colocar o exercito na rua porque os policial são tudo corrupto. Pelo menos o exercito é estudado e não vai deixar bandido solto e ficar prendendo gente que não tem nada a ver. bota o exercito seu gil e aí a coisa anda porque ele são honesto".

F.

ou então:

"Caro gil o senhor que é justo podia pedir pro governo colocar o exercito pra tomar conta de nós. O brasil não tem guerra mesmo e eles são honesto muito mais do que essa policia bandida que tá aí. Aqui no bairro já robaro minha bicicleta 3 veis e eu trabalho com ela e eu nem vou dar parte porque eu sei quem é o ladrão que é o Edinilson meu vizinho e ele é chapa da policia porque a policia compra os carro que ele roba.

não fala meu nome porque senão viro presunto.

D.

Dentro desta concepção, a repressão ao crime, mesmo com métodos violentos, seria algo desejável, desde que a polícia assumisse um papel completamente diferente daquele dos "bandidos", ou seja, desde que ela não cometesse delitos como roubos, tráfico de drogas ou "matar pai de família".

Estas irregularidades policiais, que os ouvintes denunciam ao radialista, também são apontadas pelos próprios membros desta instituição. É evidente que o tom das cartas de delegados de polícia enfatiza as soluções e providências que foram tomadas, por eles, com clara intenção de zelar pelo bom nome da corporação: Uma carta, datada de Abril de 87, com papel timbrado da Polícia Civil de São Paulo diz o seguinte:

"Breve relato do que ocorre no 17º DP:
Nas gestões anteriores, lotaram nesta repartição diversos funcionários, muitos deles filhos e parentes próximos de delegados de polícia de classe especial. Um desses elementos permaneceu 5 anos sem que sua presença fosse notada na delegacia. Havendo também um estagiário industrial protegido, não se sabe por quem. A corajosa atuação do novo titular Dr. E. com a colaboração da equipe do Dr. A. conseguimos remanejar estes funcionários maus elementos. Para que tenhas uma idéia da situação, em pouco menos de 10 dias lavramos mais de uma dezena de flagrantes de jogo de bicho e tráfico de entorpecentes, que corria livremente nesta área por razões óbvias."

O. G.

Se o poder da Polícia Militar provoca, na maioria dos ouvintes, uma reação de medo e insegurança, o que, de certa forma, permite que eles coloquem de um mesmo lado "bandidos" e policiais

em oposição aos trabalhadores, em outros ouvintes provoca um verdadeiro fascínio.

Desde 1977 encontramos cartas de ouvintes que pedem ao radialista que os ajudem a ingressarem nos quadros da PM e, a partir de 1983, estas cartas aumentaram consideravelmente. São ouvintes que tecem elogios à atuação da polícia e, ao mesmo tempo, reforçam a visão dos outros ouvintes de que a polícia é violenta, "não é instruída" e tem o poder instituído pelo revólver.

Os pedidos que fazem ao radialista são no sentido de que este interceda por eles, "apadrinhando-os" e facilitando a obtenção deste "emprego". Este desejo de ser um PM é motivado por vários fatores:

"Sou um rapaz honesto e gosto de coisa certa. Não quero fazer justiça eu mesmo, quero matar bandido dentro da lei".

a mãe de um ouvinte escreve:

"Sou uma velha mãe que trabalhou 32 anos e sou aposentada e neste mundo só tenho Deus e um filho de 24 anos sonhando dia e noite em ser um PM para acabar com os bandido e dar paz ao mundo. Ele foi aprovado em quase todos os testes menos no físico. O senhor tem muita influenssia no meio policial por esse motivo peço pra deixar seu coração falar mais alto e seja o padrinho desse meu filho. Ele é honesto.

Agradeço, mãe carente

L."

Quando é o próprio ouvinte quem escreve, esclarecendo os motivos pelos quais deseja ser um PM, nestes aparecem de forma mais explícita:

"Sou muito pobre, não posso pagar estudo, por favor me ajude a ser PM ou detetive. Fui reprovado no tal exame psicotécnico mais quero lhe dizer o seguinte Gil gomes: eu acho que tenho muita vocação. Quando eu escuto o programa gosto das histórias dos assalto a banco onde a policia persegue bandido. Quero fazer parte dessa familia sou honesto, filho de evangelico e quero ser PM para combater bandido dentro da lei. Assim serei um homem respeitado."

G.

Na maioria das vezes, a escolha ou o desejo destes ouvintes de se tornarem PMs é pautado tanto na possibilidade de se adquirir "status" e "respeito", como também em uma visão de que, para ser PM, as qualificações exigidas são somente a "valentia", a "boa pontaria" e a coragem para "abater bandidos". Um ouvinte de Itaquera explica isto:

"Tenho 24 anos e sonho ser PM da Rota, mas se o sr. me ajudar a entrar serve qualquer outro policial. Só tenho até a 8ª serie mas para ser PM isso de estudo não tem muita importancia porque sou muito bom de revolver até 500 mts, sou valente e honesto. Quero fazer as coisa certa e matar os bandido dentro da lei."

J.

Para estes ouvintes, utilizar meios legais para "abater bandidos" ou procurar um tipo de trabalho que não requer "estudos" mas, apesar disto, dá status e respeito, sedimenta uma visão que os outros ouvintes demonstraram possuir acerca do papel do policial: policiais que espancam ou matam bandidos são até desejados, desde que façam "apenas isto", ou seja, desde que sejam "honestos", para assim não se confundirem com os próprios "bandidos" e não confundirem "bandidos" com "pais de família".

É neste contexto que deixa de ser incoerente o fato de a população, ao mesmo tempo, em que reclama da atuação da polícia, continuar desejando-a em maior número nas ruas e bairros.

Sem dúvida que o teor destes discursos mostra uma rede confusa de relações que se estabelecem, na convivência diária, entre "bandidos", trabalhadores e polícia. Em uma sociedade descrita por estes ouvintes como sendo injusta, pautada pelas diferenças econômicas e sociais, talvez o mínimo que exijam é que os aliados desta "guerra" sejam, pelo menos, definidos. Como demonstram, cada vez mais, que este sistema de aliança é difuso, incompreensível, os ouvintes recorrem a mecanismos variados - e um deles é pedir "ajuda" ao radialista - na tentativa de obterem o que, para eles, parece ser fundamental: a justiça.

4 - As cartas dos presidiários

Até aqui, analisei as representações que os ouvintes "trabalhadores" fazem da violência, do "bandido" e da polícia. Apresentarei, a seguir, a análise das cartas escritas pelos "bandidos", ou melhor, a análise das cartas remetidas por presidiários, nas quais poderemos encontrar as representações acerca do "trabalho" ou da categoria "trabalhador", as representações acerca de si próprios, assim como as representações acerca da atuação da polícia.

Encontramos algumas cartas de presidiários datadas de 1973, mas é a partir de 1984 que elas aparecem com mais frequência. É interessante notar que as cartas de presidiários, ex-presidiários ou de seus familiares aumentam na mesma proporção em que aumenta o número daquelas remetidas pelos que desejam ser PMs.

Na sua maioria, os presidiários que escrevem ao radialista estão cumprindo pena por assalto à mão armada, ou o "157" e os motivos pelos quais escrevem não são muito variados: fazem pedidos de rádios portáteis, pedem providência para os maus tratos na prisão, pedem revisão de julgamento e, geralmente, explicam os motivos pelos quais foram presos:

"fui vítima de uma briga e assaltado por 5 bandido vagabundo. O juiz me prendeu. é certo? eu não sou

marginal só porque matei vagabundo. me tira daqui, tenho filho pra tratar."

B.

É no bojo destas explicações que encontramos um farto material para análise. A primeira questão observada é que, na maioria das vezes, esses remetentes se auto referem como "vítimas", ou melhor, a vida criminosa não aparece, para eles, como opção, seja pela condição material de existência (a miséria), seja pela força do destino (influência demoníaca); antes, eles se auto intitulam de "vítimas do acaso", ou sejam seu discurso tenta demarcar uma condição de "estarem bandidos" e não de "serem bandidos". São raras as cartas que apontam causas da criminalidade ou as medidas para contê-la.

Uma outra característica é que estas cartas apresentam uma demarcação mais nítida entre as categorias "bandido" e "trabalhador", referindo-se ao trabalho de uma maneira mais positiva do que os outros ouvintes. Neste contexto, a categoria "trabalhador" é usada, como aponta Alba Zaluar (1985) na pesquisa em Cidade de Deus, "para indicar um valor moral superior da pessoa assim referida".

Percebemos esta valorização do trabalho quando os presidiários, na maioria das cartas, prometem "trabalhar e sair desta vida", "arrumar emprego quando sair deste inferno" (referindo-se à prisão). Eles ainda fazem uma referência de si mesmos como "pais de família", imprimindo uma dose de credibilidade ao discurso que pede a saída da prisão.

Mesmo que esse discurso explicita as dificuldades da reintegração dos ex-presos na sociedade, o que torna a ambição de "trabalhar" e "ser pai de família" uma tarefa difícil, a categoria trabalhador e o próprio "trabalho" - enquanto ofício oposto ao de assaltante - parece constituir um passaporte para a aquisição de uma credibilidade necessária para interromper o círculo vicioso da reincidência:

"Estou aqui na detenção no pavilhão 5. já era pra ser solto pois cumri o 157 duas veiz mas até agora não tive solução. Gil, eu não me sinto um homem mas um verme, sou marcado pela sociedade e pela policia mas eu juro que desta veiz vou trabalhar e só vou viver pra meus filho e minha doce mulher. Sei que lá fora vai ser duro de arrumar emprego porque sou marcado. quero lutá pra que meus filho tenha do bom e do melhor e um futuro de homem e não de verme.
me ajuda."
C.

Na verdade, a oposição entre as categorias "bandido" e "trabalhador" aparece de forma semelhante a dos outros ouvintes, ou seja, a referência aos "bandidos" é sempre negativa; o que se apresenta nitidamente diferente é que a categoria "trabalho" aparece, aqui, com um sentido mais preciso de "redenção", de "recuperação". Os presidiários referem-se ao trabalho enquanto uma atividade que irão exercer quando forem "homens livres", o que, para eles, é garantia de respeito e de mudança de status dentro da sociedade:

"Seu gil, estou no 157 mas foi por erro meu. Agora se o senhor me tirá daqui eu arrumo um emprego, mudo de vida, viro gente de bem pois eu não sou bandido posso me recuperar e juro pela minha mãe que nunca mais cometo robo. Tenho um filho, fala pro secretario me ajudar que eu vou trabalhar. No senhor ele acredita. Com respeito
M."

Se para os que estão de fora, a prisão aparece como um local onde se pode usufruir do ócio e, por isto, não "pune", para os presidiários ela é uma punição suficiente, já que, normalmente, referem-se a ela como "inferno":

"Me ajuda a sair daqui, já cumpri pena demais e quero sair desse inferno".

ou então:

"deus já me castigou demais. Isso aqui é pior do que deiz inferno junto. me arruma uma forma de eu sair daqui porque eu sou trabalhador".

Esta oposição entre "trabalhador" e "bandido" ou "vagabundo" também marca a representação que os presidiários fazem de si próprios e dos outros presos, assim como quando comentam a violência dentro e fora do Presídio. Quando descrevem a convivência dentro do presídio, quando explicam os motivos pelos quais foram presos ou mataram um outro preso, utilizam a categoria "vagabundo" para aquele que foi assassinado, demonstrando, assim, a "jus-

teza" do ato. Um presidiário que também cumpre pena por latrocínio comenta:

"que barbaridade não é seu gil, quantos crime, quantas mortes de pai de família que são morto por pouca coisa. Eu graças a Deus nunca matei pai de família só um vagabundo aqui na detenção. agora minha pena aumentou por isso e eu não acho que é justo isso só porque matei um bandido. me arruma um rádio pra poder ouvir suas maravilhosa estórias"

G.

"Matar vagabundo", nesta concepção, acaba assumindo um sentido muito semelhante ao já visto nas cartas de outros ouvintes. Pode significar um ato "justo" que, muitas vezes, a população deseja, ou ainda um "dever" da polícia (se esta fosse honesta, segundo os ouvintes); e também é considerado, por esses presidiários, como um delito não muito grave.

O que parece permear todo este discurso, incluindo aí o dos presidiários, é a consideração de que "o justo ou o injusto" e, portanto, o "correto ou o incorreto", fazem parte de um código de comportamento, fora e dentro da prisão, que não tem como referência as leis do Código Penal. O bem e o mal, o justo e o injusto são relativizados e "a ação criminosa não é julgada abstratamente como má ou ruim, e sim é julgada a partir de quem a exerceu e de como ela foi exercida (Zaluar, 1986).

Em relação à polícia, a visão dos presidiários é também negativa por que se baseia na própria violência da instituição e na sua impunidade. A fronteira que distingue o policial do "ban-

dido" é demarcada pelo poder que esta Instituição confere aos primeiros, e não por um comportamento moral que, teoricamente, deveria diferenciá-los:

"Caro amigo gil gome, tô cumprindo o 157 mas confeci a maior parte no pau. policial é assim mesmo e aqui é pior porque a gente apanha e não tem pra quem reclamar. O sargento E. vende erva pro pessoal do pavilhão 5 todo mundo sabe o que ele faiz e ainda o soldado M. compra muamba robada. eu quero que o sr. denuncia porque não é só nois que é bandido, que é bandido. A policia também tem o pé no inferno. não fala o meu nome porque os motivo de segurança é muito forte.

C."

A violência policial dentro dos presídios também é um tema bastante discutido por esses presidiários. As detentas do presídio de Indaiatuba (16) remetem uma carta ao radialista, explicando os motivos de uma rebelião ocorrida em 1984, a qual Gil Gomes havia noticiado sem, contudo, relatar os motivos que a provocaram. Exatamente por isso, as presidiárias pedem ao radialista que explique aos ouvintes o que exatamente ocorreu. É uma longa carta, com a assinatura de 15 detentas, que pedem a Gil Gomes que faça uma "visita de surpresa" para que este comprove a situação em que

(16) Apesar desta carta não ser da cidade de São Paulo, achei importante mencioná-la pois é a única remetida por presidiárias.

vivem. Contam em detalhes que a comida deteriorada, a falta de banho de sol e de assistência médica foram o estopim da rebelião. No entanto, o importante desta carta é a descrição dos métodos aplicados pela direção do presídio e pela polícia na resolução do conflito:

"A carcerera invadiu com a policia as cela e jogava tudo o que era nosso fora. inclusive o retrato dos nosso filho, os diploma deles que gente guarda de lembranssa, os trabalho manual que a gente faiz e vende e isso seu gil dá muita tristeza, não é direito. nois cometemos um erro mas tamo pagano isolada dos nosso filho. O diretor daqui fica 3 meis sem aparecer sem ninguem ve a cara dele e chegou a ponto que nós não aguentamo e revoltamo. nós tambem é gente. A PM jogava bomba de gás e tinha colega grávida que perdeu o nenem porque batero nela e os guarda dizia que não ia acudí porque não era preciso nacer mais bandido. nem bandido faz isso, policia as veis consegue ser pior."

Esta carta, que prossegue em tom dramático, finaliza com a mesma dúvida e perplexidade encontradas em todas as demais:

"Seu gil, que lei é essa? a justissa tá aonde? eles pune nós mas ninguem pune eles. nois sabemo que o que eles fais não é lei. se nois descumpre alguma lei eles não cumpre nenhuma.
Venha fazer uma visita de surpresa e comprove tudo isso e muito mais. não fala nosso nome por motivo de medo nosso.
assinado: nois detenta do xadres 2 e 3."

Estes sentidos variados que os ouvintes atribuem aos "bandidos", aos policiais (e, em parte, aos trabalhadores) podem ser

explicados em grande medida pelo fato de que esses ouvintes não conseguem ver atributos específicos em cada uma dessas categorias. Se houvesse essa caracterização, eles poderiam fazer uma demarcação mais rígida nos papéis que cada um deveria cumprir na sociedade.

Não acredito que os ouvintes propõem soluções para a construção de uma "terra sem mal", no entanto, aos olhos destes, o "bandido" e, principalmente o policial deveriam cumprir papéis que fossem percebidos como diferentes, pois, desta forma, também seria mais fácil fazer valer a diferença entre "bandidos" e trabalhadores.

Gostaria de citar, aqui, especificamente, uma carta que idealiza esta situação. É a carta de Nininho Vila Santa Catarina, cujo envelope anunciava em letras grandes: "carta de um bandido". Nininho conta, em detalhes, sua vida de bandido e este é o único discurso que compara a violência urbana atual com "a de antigamente", que evoca figuras lendárias do mundo do crime como Meneguetti, o famoso "rei das fugas" (17).

(17) Meneguetti, o Gato dos telhados, como era apelidado, chega ao Brasil em 1913, oriundo da Itália. A primeira prisão no Brasil foi em 1915 e, a partir daí, inúmeras fugas espetaculares o transformam-no em uma lenda. Sobre sua vida, ver entrevista que deu ao Pasquim. As Grandes Entrevistas do Pasquim, CODECRI, RJ, 1976).

Não é uma carta que "resume" a visão dos outros ouvintes, presidiários ou não, mas é uma carta singular, na medida em que consegue traçar um perfil do que deveria ser um "bandido", um policial ou um trabalhador. É uma visão particular, no sentido de que não é dominante, mas que vale a pena registrar.

Sobre a situação de violência urbana ele comenta:

"Ouvir a palavra latrocínio me causa um tremendo aborrecimento, confesso que nunca em minha vida ouvi falar de tantos crimes de morte em São Paulo. Parece que esta cidade tornou-se um verdadeiro inferno. Parece que estamos vivendo no tempo de Lampião, já não se pode sair na rua como a algum tempo atrás. É uma vergonha para a população principalmente pra os pai de família. Também já fui bandido e o pior é que já fui periculoso. Mais de uma dezena de vez ouvi neste programa meu apilido. Contido, nunca me emocionei porque a emoção muitas veiz faz o bandido sentir no coração a necessidade de um nome que não tenha nada de especial".

Nininho prossegue a narrativa para desembocar na definição do que é um "verdadeiro bandido", fazendo uma apologia do passado, quando, então, havia um respeito a um código moral, que diferenciava "bandido" de trabalhador:

"Troquei tiros com a policia, porem tem uma coisa: eu e meus companheiros nunca demos tiro em uma vitima e é por isso que sou totalmente contra esses bandidinho de hoje que sai pela rua assaltando e matando pai de familia. bandido tem que ser bandido e não covarde como esses que tão por aí.

Nininho, ao referir-se às categorias "bandido covarde" versus "bandido de verdade" refere-se, principalmente, à oposição "bandido de antigamente" e "bandido de hoje", mas isto não tem a ver com a oposição entre "malandro" e "bandido". O "bandido" de antigamente não é o "malandro", cuja imagem "construiu-se na consciência popular como aquele que tem horror ao batente por oposição ao bandido cuja imagem constrói-se com a posse da arma e a opção pelo tráfico ou pelo assalto como meio de vida" (Zaluar, 1986). Sintetiza, então, a definição de um "verdadeiro bandido":

"Quando estive no crime conheci elemento covarde e corajoso. Os corajoso, além de não matar suas vítimas ainda enfrenta a polícia. Conheci elementos como Ginção do jardim Miriam, Assis da Missionária, este último fez uma das maior presenças na zona sul. Um exemplo de covarde é o Geraldinho, esse é covarde porque já foi preso por latrossínio, matou a vítima e na hora da cana não teve coragem de trocar tiro com a polícia. fiquei injuriado."

Nininho parece traduzir um sentimento que as cartas dos outros ouvintes deixa transparecer, ou seja, um sentimento de que a realidade seria mais compreensível se "os bandidos" trocassem tiros com a polícia, deixando os trabalhadores e "pais de família fora desta guerra".

Nininho finaliza:

"Nunca derramei sangue de pai de família. fiquei 3 meis no hospital da penitenciária somente no soro e no sangue. Este sangue que me salvou a vida foi o

mesmo que não derramei das minha vítima. Hoje é uma tremenda matança, bandidos roba pobre e termina matando as vitima sem levar um tostão. bandido valente atira na policia porque esta sim é seu inimigo. as veiz a policia tem razão, mas se deixar de existir bandido não vai existir policia e eles vão tudo trabalhar de servente de pedrero."

Nininho diz que saiu da vida do crime por ter ficado paralítico, devido a um tiroteio com a polícia, no entanto, não fornece dados sobre sua ocupação atual, onde vive, se continua preso ou não.

A carta deste ex-bandido (mesmo com uma visão particular) vai ao encontro de certas representações que os outros ouvintes demonstram possuir sobre o papel da polícia, sobre as características do "bandido" e a posição dos trabalhadores dentro desta intrincada rede de relações. Podemos dizer, que o crescente distanciamento entre a realidade vivida pela população e os "modelos" idealizados por ela é, em parte, um fator importante para que todos estes ouvintes recorram ao radialista em busca ou de uma explicação para esta situação ou de soluções para estes conflitos que, em outras circunstâncias, poderiam ser resolvidos ou conciliados por uma ordem jurídica.

Existe algo em comum em todas as cartas, tanto naquelas que comentam o programa, como naquelas em que os ouvintes escrevem como amigos, e até mesmo na dos presidiários; este ponto de ligação é a busca de uma "justiça".

Aos olhos deste público, o radialista é, dentro deste contexto, alguém dotado de capacidade para, de alguma forma, viabilizar esta justiça. Talvez seja pelo fato de que o discurso do

radialista permite variadas leituras em relação a estes temas. Ao detalhar a vida dos personagens, minimizando a "maldade" dos "bandidos", criticando a inoperância da polícia, tecendo comentários sobre a crise econômica, o radialista acaba permitindo que este público o veja como alguém que não pende para nenhum dos lados, ou seja, alguém cujo objetivo maior é a educação, a divulgação do bem, a prevenção do mal e, com isto, alguém capaz de realizar algum tipo de justiça. Assim, podemos entender o fato de que tanto donas de casa, como policiais, "bandidos" e "trabalhadores" escrevam ao radialista. O discurso veiculado atende, de certa forma, às demandas simbólicas deste público.

As histórias, os casos relatados de forma dramática, folhetinesca, assumem aos olhos deste público, um meio pelo qual a realidade pode adquirir um sentido.

CAPÍTULO IV

JUSTIÇA: Reticências e concretudes

"Ai, que mal a palavra "virtude" lhes corre da boca! E quando dizem: "ich bin gerecht" (sou justo), sempre soa igual a "ich bin gerächt" (estou vingado).

Nietzsche

À medida em que os ouvintes vão tecendo suas representações sobre a situação de violência urbana e sobre suas próprias condições de vida, à medida em que escrevem ao radialista, comentando a ação dos "bandidos" e da polícia, percebemos que vai emergindo o tema da justiça.

Para além dos pedidos afetivos e materiais, estes ouvintes escrevem ao radialista para "pedirem justiça", registrarem as "injustiças" das quais afirmam serem vítimas ou ainda, "proporem" algum tipo de Justiça.

Nos próprios papéis que imputam ao radialista, como o de "amigo", "conselheiro", ou "detetive", está implícito, para estes ouvintes, que Gil Gomes é um "homem justo" e, por isso, capaz, mesmo que imaginariamente, de ser cúmplice na mediação dos con-

flitos vividos por esta população.

Portanto, a idéia de justiça parece possuir grande importância na vida destes ouvintes e o ideal de justiça que vão construindo está intimamente relacionado com o cotidiano e com suas práticas sociais.

Podemos dizer que, num plano mais geral, a idéia de justiça coloca-se como um desejo de uma sociedade melhor, mais ordenada, como um "dever-ser" das condutas e do relacionamento entre os sujeitos na sociedade. Mas esta idéia de "dever-ser", que implica o desejo de algo melhor, não está fundamentada, nem produz uma única concepção de justiça.

O que quero dizer é que os ouvintes, sob a mesma designação de "justiça", apontam concepções diferentes, que podem ser conflitivas e ambíguas à medida em que exprimem seus projetos e suas justificações. Isto é compreensível porque, para eles, as noções de "justo" ou "injusto" são pautadas nas distintas avaliações que fazem sobre a realidade vivida.

O primeiro aspecto que o conceito de justiça assume, é aquele ligado às "injustiças sociais", ou seja, apresentam um panorama vivido pelas classes populares que é sublinhado pelas desigualdades sociais. Ressaltam, de diversas maneiras, que, apesar de estarem inseridos em um mercado de trabalho, não conseguem garantir minimamente suas condições de sobrevivência. A recompensa pelo trabalho, a nível de uma "justiça social" e de benefícios concedidos, praticamente não existe.

Verificamos isto nas diversas denúncias que fazem ao radialista sobre o péssimo atendimento em hospitais e repartições

públicas, sobre as questões ligadas à aposentadoria, enfim sobre os diversos serviços que o Estado deveria fornecer aos cidadãos.

Se a base do conceito de "justiça social" implica a maneira pela qual as instituições sociais distribuem os direitos e deveres fundamentais e determinam a partilha dos benefícios da cooperação social (Rawls; 1985), os ouvintes possuem a certeza de que a relação entre deveres e benefícios está altamente desequilibrada. E esta certeza, não está baseada somente no parâmetro da satisfação das necessidades para avaliarem as instituições sociais, pois o conceito de justiça também implica comparação (Figueroa; 1979) e é através da confrontação entre a realidade vivida por "eles" e pelos "outros", que os ouvintes destacam a existência de "leis para os ricos e leis para os pobres", tentando apontar as "injustiças sociais".

Imbricada nesta primeira concepção que o conceito de justiça assume, é que se manifesta o segundo aspecto dado à justiça. Este, ligado à discussão sobre violência e criminalidade, reflete uma justiça que aparece, aí em sua dimensão jurídica.

"Justiça é só pra rico e lei é só pra pobre", afirmam alguns, ou então, "quero que a lei seja cumprida porque senão não tem justiça", e ainda "a classe trabalhadora está sendo assaltada e estamos esquecidos pela Justiça".

São afirmações desta natureza que nos indicam que os ouvintes desconfiam desta "Justiça", enquanto Instituição, para a promoção de algum tipo de ordem social. Desconfiam, pautados nas experiências pessoais, observando as decisões judiciais, padecendo nas mãos da polícia, que, muitas vezes, confunde-se com os

próprios bandidos. Esta "Justiça" aparece, estão, como um engôdo, que nada tem a ver com o que concretamente é vivido por eles.

A constatação mais comum é de que a Justiça, deste ponto de vista legal, não funciona para as classes populares, ou seja, a Justiça seria um dispositivo de uso privativo das elites ou de quem possui dinheiro, e funcionaria para garantir os interesses específicos desta classe.

Esta concepção, no entanto, não está unicamente pautada na primeira concepção de "justiça social", no tratamento diferenciado recebido em função das diferenças de classe, antes refere-se, muito mais, às possibilidades de se "adquirir" uma justiça através do dinheiro. Isto coloca um outro tipo de oposição: de um lado, situam-se os "trabalhadores" e, de outro, os "ricos" e os "bandidos", que conseguem, através do dinheiro, do suborno, das ligações com policiais, certas regalias em relação às Instituições sociais, principalmente as Policiais e Judiciárias.

As afirmações de que "quem faz a lei e a justiça é o dinheiro" ou "sou pobre e por isso a lei não existe para mim, não tenho justiça" também são pautadas no quadro de uma impunidade generalizada. Esta é ressaltada, ao constatarem que aqueles que deveriam garantir ou promover algum tipo de justiça, como por exemplo as instituições do Estado, os políticos, os governantes, estão envolvidos em casos de corrupção e crimes "do colarinho branco", ou ainda quando tomam conhecimento de policiais envolvidos em tráficos de drogas; e todos, na maioria das vezes, permanecem impunes.

Esta ira generalizada em relação à corrupção e à impunidade aparece com mais veemência, por exemplo por ocasião da campanha eleitoral de 1986, quando Gil Gomes faz a propaganda para Maluf e Delfim. Os ouvintes que escreviam para contestar a atitude do radialista lançam aos candidatos toda a sorte de ofensas, cuja tônica era a questão da impunidade e da corrupção. Ao compilar os adjetivos que caracterizavam Maluf e Delfim, podemos dizer que os "mais suaves" eram os de "Demônios", "Bandidos", "Corruptos" e "Mafiosos".

Esta certeza de que "os poderosos" roubam e nada lhes acontece é sistematizada em uma carta de um ouvinte, já citada em capítulo anterior, que diz:

"Em 1979 o presidente da República era o Figueiredo, e o do planejamento era o Delfim. Em 79 eles começaram a afanar os aposentados. Prejudicaram todos. Aqui segue o que eu penso: Figueiredo, Delfim, Marquesan, Antoninho Malvadeza e o Sarney, todos da revolução sem tiro, a mafia do PDS. Se neste querido Brasil tivesse lei todos já estava na cadeia, endividaram o Brasil, sumiram com dólares, PDS nunca mais, cadeia neles".

Em relação ao sistema judiciário (em que a polícia aparece como uma extensão) os ouvintes lançam uma suspeita generalizada de comportamento ilícito e apontam que a Justiça, enquanto Instituição, não consegue desempenhar, com eficácia, suas funções tradicionais de absorver as tensões, limitar ou impedir a generalização dos conflitos. Já que a Justiça (instituição) fracassa, pode aparecer uma outra Justiça cotidiana, a qual pode criar formas

de controle social, produzindo sistemas de ordem alternativas que convivam paralelamente com a justiça e o Direito formal (Zaluar, 1985; Capeller; 1985, Rodrigues; 1987).

Mesmo que os ouvintes não falem abertamente ou explicitem estas formas alternativas de controle, podemos perceber que elas existem nos pedidos que fazem ao radialista, como por exemplo: "não fale meu nome, senão o "bandido" ou a polícia vem aqui e me mata" ou então "não fala meu nome porque o que vale aqui é a lei do Cão, dedou morreu".

Parece que esta noção de Justiça, ligada ao campo jurídico, tem como premissa básica a noção de "equilíbrio", no sentido de que, apesar de a sociedade ser marcada pelas injustiças sociais, os cidadãos têm direito a reparações que assegurariam, em parte, um certo ordenamento social.

Retomarei o discurso dos ouvintes frente à situação de violência urbana, pois é exatamente no momento em que discutem suas causas e apontam propostas para combatê-la que aparece, de forma mais concreta, esta concepção de Justiça.

Por um lado, os ouvintes, ao apontarem as causas da violência urbana, avaliam que a pobreza - fruto das desigualdades sociais- "habilita" os pobres a entrarem para a vida criminosa. A categoria "injustiça social", neste momento, serve apenas como categoria explicativa para os crimes cometidos "pelos pobres", ou seja, a vida criminosa pode, em função das desigualdades sociais e da pobreza, transfigurar-se numa reação "justa" a uma sociedade "injusta".

Esta concepção de pobreza, da qual os ouvintes falam, está imbricada na concepção de necessidade, ou seja, referem-se a delitos que são provocados pela ausência da comida para os filhos, pelo desemprego, enfim, referem-se a roubos e assaltos contra "a gente do outro lado", pessoas ricas, ou instituições como Bancos ou Supermercados (15).

Esta não é a mesma concepção de pobreza que permeia os textos do programa Gil Gomes, onde a realidade das classes populares é vista como meio social desregrado, promíscuo, imoral e os pobres vistos como dominados pelas "paixões", que cancelam a ordenação das condutas sociais as quais deveriam ser regradas pelo uso da razão.

A concepção de crime, enquanto resposta "justa" a uma sociedade "injusta", não mais se aplica quando estes ouvintes passam a discutir os crimes cometidos "pelos pobres", mas "contra os pobres". Ao mesmo tempo em que avaliam que a pobreza e necessidade "habilitam" os pobres a entrarem para a vida criminosa, constatam que somente uma parcela destes é que vai aderir à vida do crime. Ampla maioria destes ouvintes está inserida no mercado de trabalho e é este mercado que bem ou mal, garante suas condições

(15) Alba Zaluar aponta esta questão em A Máquina e a Revolta, Brasiliense, SP, 1986

de existência. Portanto, são pessoas que seguem certas normas e regras para garantirem a sobrevivência.

A discussão sobre Justiça e uma proposta de justiça ocorrem no momento em que estes ouvintes deparam com outras pessoas que não entram neste esquema para sobreviverem, mas garantem o sustento através do "ganho fácil". É necessário, então, que os ouvintes (que trabalham), formulem uma proposta que equilibre esta situação, avaliada como sendo extremamente "injusta". O pai de um bandido afirma:

"Seu Gil quero que o meu filho ladrão seja punido porque não é justo ele ganhar mais dinheiro que os outros que trabalham porque senão meu filho que trabalha vai querer entrar na vida do crime".

A proposta que fazem de Justiça passa a estar associada à idéia de punição, ou seja, os ouvintes avaliam que as penalidades impostas àqueles que roubam os pobres são injustas, na medida em que não servem para ressarcir os indivíduos ou a sociedade de tal forma que a Justiça, enquanto aplicação da lei, mais uma vez não consegue equilibrar ou minimizar os conflitos sociais.

Como consequência disto é que o trabalho, na forma de "labor" aparece como punição desejada, pois é um valor- no quadro das desigualdades e injustiças sociais- que vai expressar o equilíbrio desejado para um certo tipo de ordenamento social.

É interessante notar que, apesar de estes ouvintes terem consciência de que a Justiça, por ser "injusta", acaba punindo os

mais pobres (e isto é apontado quando afirmam que "Lei é pra pobre e justiça é pra rico"), apesar de tomarem conhecimento das estórias de torturas e maus tratos que os presos sofrem nas prisões, isto não parece modificar a imagem idealizada da prisão enquanto um lugar de ócio, de privilégio e regalias para os presos, que se opõe, frontalmente, ao mundo duro e sofrido do trabalho.

Ao proporem, para aqueles que romperam com as normas sociais, o trabalho pesado, o "labor" (Arendt, 1981), sem conotação de ressocialização os ouvintes valorizam simbolicamente o trabalho da forma mais negativa, ressaltando os aspectos mais duros e penosos da luta pela sobrevivência. Um ouvinte diz:

"Hoje é melhor estar preso do que ter que ganhar salário mínimo, é melhor estar preso do que construir família e ver os filho passar fome, é melhor estar preso do que ver o sapato furado. Vale a pena tantar o assalto porque se der errado ganha cadeia e lá comida de graça, TV, show de mulata que é bem melhor do que a vida aqui fora. Se morrer, melhor porque ficou livre de tudo. Se der certo ganha um dinheirinho sem suá a camisa".

Parece que a noção de Justiça pode adquirir, neste plano do discurso, um caráter punitivo e autoritário mas de certa forma, ela se junta, novamente, à primeira concepção de justiça social: Se a população não acredita que estas desigualdades sociais possam ser alteradas em sua estrutura, se apontam que as leis que vigoram não dão conta (por serem injustas ou por não serem aplicadas) de promover um equilíbrio necessário para a efetivação de uma "justiça", então, que, pelo menos no plano das punições aos

que desequilibram ainda mais esta situação social, algo seja feito.

Neste sentido, parece que há duas concepções de justiça: uma, que aparece como um "fim", enquanto desejo de uma sociedade mais equilibrada e ordenada; e outra que aparece como um "meio", enquanto dispositivo legal que ordena, em parte, as condutas sociais. No dizer de uma ouvinte: "Só a Justiça pode fazer Justiça".

Ao contrário do discurso dos ouvintes, os textos do programa Gil Gomes são mais reticentes em relação a estas questões sobre a justiça. Na verdade, existem lacunas nestes textos no que se refere à avaliação e às propostas para efetivação de uma justiça. Ao mesmo tempo em que deixa transparecer uma imagem negativa do Judiciário, que "prende num dia e solta no outro", e isso, muitas vezes, serve como justificativa para a ação violenta da polícia, o programa não propõe outra coisa que não seja o cumprimento das leis vigentes. Gil Gomes combate os mecanismos alternativos usados por justiceiros ou esquadrões, que "fazem justiça com as próprias mãos", demonstrando que prefere confiar nas instituições policiais e judiciárias. No entanto, o discurso nunca é taxativo ou fechado, há sempre um espaço para que se possa reinterpretá-lo:

"Capão Redondo... o ponto mais violento do Brasil, muito mais violento do que o Rio ou a baixada Fluminense... região dos pés-de-pato... justiceiros que ameaçam e matam porque acham que tem bandidos

demais... com o passar do tempo o envolvimento dos pés-de-pato com traficantes e bandidos... agora viraram bandidos-justiceiros..."

A questão da justiça, enquanto uma meta a ser atingida, enquanto uma visão de sociedade mais equilibrada, não parece ser a tônica fundamental do discurso do radialista, e isso talvez esteja calcado nas imagens negativas dos "pobres", que é passada para "os pobres", ou seja, se as classes populares aparecem como sendo dominadas por "paixões" que as impedem de agir e proceder dentro da lei e da razão, torna-se necessária, antes de mais nada, enquadrá-las nesta ordem jurídica estabelecida, mesmo que em algumas ocasiões o radialista avalie que ela pode ser "injusta" ou "desumana". O objetivo desse discurso é trazer os "pobres" de volta "à razão", única via possível para a promoção de um ordenamento social.

Nos casos narrados pelo radialista, em que a questão de Justiça aparece de forma mais concreta, o discurso fica aberto para que o público possa completá-lo:

"Cabo Bruno... talvez o homem que tenha matado mais gente em São Paulo e no Brasil... Para muitos, um assassino, para outros um homem que se preocupa com inocentes, com indefesos... Um bandido? ou um justiceiro? O céu ou o inferno para ele?..."

Podemos pensar que este discurso reticente e muitas vezes ambíguo, ou cujas lacunas podem ser preenchidas, é que permite ao

público escrever para o radialista pedindo ou propondo justiça. Gil Gomes pode representar, a nível do imaginário, uma forma alternativa de justiça, pois seu discurso, em certa medida, é compartilhado pelas camadas populares, o que, no plano subjetivo, confere uma maior proximidade do que o discurso jurídico, político ou institucional. Suas ambigüidades e reticências permitem reinterpretações e "preenchimentos" que fazem do discurso popular, disparado pelo programa, os seus contrapontos, seus fechos possíveis, os seus sentidos multiplicados. Quem sabe, a justiça seja imaginariamente vivida na escrita das cartas que comentam o cotidiano das classes populares, o programa e os casos narrados, como é imaginário este diálogo entre radialista e ouvintes que a presente tese reconstituiu.

ANEXO I

1. O novo programa de TV

Desde o dia 10 de julho de 1987 (11) a TV Record transmite diariamente das 11:50 ao meio dia, o novo programa Gil Gomes. A trajetória do surgimento deste programa nada tem a ver com o desejo do radialista de utilizar-se de um outro veículo de comunicação, já que faz questão de afirmar que é um "repórter policial do rádio", ou então, da direção da TV Record propositadamente querer elaborar uma programação policial.

Na verdade, esta emissora que, a nível de classificação do IBOPE, tem como público-alvo as classes C e D, enfrentava sérios problemas de audiência: os índices vinham caindo sistematicamente, em especial no período da manhã, não conseguindo concorrer com o "Xou da Xuxa" que arrebanha uma multidão de "baixinhos" e com as novas transmissões da TV Manchete, emissora que hoje mantém um programa jornalístico durante toda a manhã e que vem obtendo altos índices de audiência tanto na capital como no interior de São Paulo.

(11) Este programa tem uma curta duração, até início de 1988, pois Gil Gomes transfere-se da Rádio Record para a Rádio Capital.

O lançamento de um programa com Gil Gomes serviria - usando o termo do próprio meio televisivo - como um "aperitivo" para o "Jornal da Record", jocosamente apelidado pelos funcionários da emissora como "Jornal da Tosse", referindo-se à idade avançada dos jornalistas que compõem o programa.

A estratégia seria então aproveitar a enorme audiência que Gil Gomes obtém no rádio e com isso conseguir arrebanhar uma fatia do público, assim como uma outra fatia de anunciantes que cada vez mais deixavam a emissora em busca de uma maior circulação de seus produtos. Novamente "o crime garante a audiência".

A produção deste programa de TV não foge muito à regra da produção dos programas de rádio: assim que se obtém nas delegacias o que denominam "bom caso" - o que significa sequestros, duplos homicídios, latrocínios - um jornalista ou o próprio Gil Gomes, acompanhado de um cinegrafista dirigem-se ao local, levantam a estória e fazem uma série de sequências de imagens. Todo este material é trazido para os estúdios de Gil Gomes que, em dez minutos, tem que relatar o fato acontecido.

Na verdade, não existe neste caso, a produção de um texto escrito, pois o radialista improvisa a "fala" e depois o estúdio de TV faz a montagem onde se juntam as imagens do local do crime e o texto falado por Gil Gomes.

Pudemos observar que este processo de produção é bastante desorganizado e o programa vai ao ar em função da grande experiência do radialista que consegue improvisar um "texto" sem mesmo ter que olhar para as imagens que foram gravadas.

Existe uma certa dificuldade no âmbito da produção, porque este programa tem uma necessidade diária dos chamados "bons casos" que nem sempre aparecem e quando isto acontece, normalmente a produção ressuscita alguma notícia que não tenha sido muito veiculada na grande imprensa.

O estilo da narrativa é quase o mesmo da programação do rádio, só que sem as excessivas repetições. A figura do radialista pouco aparece no vídeo, já que é envolta em sombras e a estória vai sendo contada à medida em que as imagens do local do crime e dos envolvidos vão aparecendo.

Na medida do possível, são realizadas entrevistas com os envolvidos no acontecimento, seja com "bandidos", vizinhos ou parentes das vítimas, possibilitando uma certa agilidade na programação.

Este novo programa exigiu uma reformulação na própria organização da equipe de jornalistas e este fato acabou gerando uma certa tensão, pois os jornalistas responsáveis pela programação do rádio, principalmente do programa matutino, afirmavam: "os melhores casos o Gil pega para a TV". Isto tornaria mais difícil, segundo eles, escrever um bom texto. Os casos eram que "banais"; nesta categoria eram arroladas morte de vigias noturnos, assaltos sem vítima fatal e até mesmo casos de estupros que não possuíssem uma dose "maior" de "desvios", ou seja, que não envolvessem crianças, pessoas idosas ou casos incestuosos.

Esta estratégia da emissora, sem dúvida, deu certo. É isto que atesta a quantidade de cartas que diariamente chegam ao radialista, parabenizando-o pelo programa de TV e o aumento de au-

diência neste horário, segundo os índices do IBOPE.

Como transcreví um texto da programação do rádio para que fosse possível visualizar a maneira pela qual Gil Gomes relata os casos, aqui transcreverei um programa da TV para que mostrar que, basicamente as diferenças encontram-se nas imagens transmitidas no vídeo que, de certa forma, substituem ou diminuem a necessidade de uma descrição mais detalhada dos personagens e do local que compõem a estória a ser narrada.

Transcrição do programa Gil Gomes que foi ao ar no dia 27/7/87

"Que belo local... que local lindo... um dos mais bonitos locais de toda a Grande São Paulo... este local é o Parque Petrópolis... à beira da represa... de Mairiporã... gente milionária... belíssimas mansões... casas maravilhosas... até dias atrás um local tido como um dos melhores para se viver... agora não... momentos de terror... de pânico... o medo ali... ruas vazias... a maioria das casas sem ninguém... porquê?... porquê... ..medo... terror... pânico... tomando conta de todo mundo... tudo começou na Alameda Quaresmeira... dia 7... nesta casa... nesta residência... uma viúva... Marie Henri... viúva de um alemão que foi diretor da Volkswagen... ela... sozinha... mulher rica... ela foi encontrada... morta... inicialmente o desaparecimento... sangue pela casa... a procura... e dias depois... o encontro do corpo... o assassino... ele... matou... ele fez o trajeto... no carro levou o corpo... até este local... e o deixou... todos trabalhan-

do... a polícia... o assassino foi identificado... César... foragido... está em Goiás... e a identificação veio através de uma informação... ele roubou... ele levou o corpo... e depois pediu para um motorista fazer uma viagem... guiando o automóvel roubado... até Goiás... policiais da Homicídios... o delegado de Mairiporã... o Dr. Paulo está lá também... mas ele não foi encontrado até agora... o medo começou a tomar conta... mas mal o impacto... mal este impacto havia terminado... ainda está no ar... um outro... um outro... brutal... terrível... chocante... tenebroso... horripilante caso aconteceu... neste mesmo local... o mesmo Parque Petrópolis... Alameda dos Bambús... um belo sobrado... uma bela casa... nesta casa morava Saul... de 38 anos de idade... e morava com ele só uma empregada que dormia nos fundos... num quartinho... Maria do Carmo... 28 anos de idade... nesta casa... uma moça... uma vizinha... veio pedir um cigarro... a porta aberta... ela entrou... e quando ela entrou... que cena terrível... que cena chocante... caída na cozinha... faca cravada nas costas... Maria do Carmo... o corpo de Saul também... duplo... duplo... duplo homicídio... duplo latrocínio... coisas roubadas... a delegacia de Mairiporã começou a investigar... e... um minuto... voltamos já, já...

A investigação... sucesso e rápida... investigador... Paulo dos Santos... o chefe lá com seus homens... a delegacia de Mairiporã... uma informação... Saul... morto na segunda casa era homossexual... e continuamente... festinhas de embalo ali... um elemento ia continuamente lá... um Opala... um Opala foi visto... ESTE OPALA... e através de uma informação... num circo... num lo-

cal de Tremembé... aonde homossexuais ficam arranjando programas... o Opala apareceu... cana... prisão em dois... dois assassinos... os senhores vão ouvir um depoimento... coisa incrível... o homossexual já matou e... continuará matando se continuar na rua... incosequente, ele mesmo diz... ele mesmo fala... "eu não sei o que acontece... eu faço e só depois tomo conhecimento..." este é Luis Carlos... é homossexual... um minutinho...

Luis Carlos... Luis Carlos... ele é homossexual... e no dia do crime ele arranjou dois elementos para levar à casa do Saul... a festinha de embalo e... as mortes... Luis Carlos fala de Luis Carlos... ele fala da sua própria periculosidade... impressionante... ouçam... vejam...

Luis Carlos: "Eu sou perigoso para mim mesmo, sabe, eu já me prometi me matar duas vezes, tentei e não consegui... uma pessoa que foi capaz de fazer o que fiz, sabe, é um perigo para a sociedade. Na hora que a empregada apareceu eu levei um choque e quando eu dei a última facada nela, eu... daí eu caí na real, nossa eu saí gritando, berrando, sabe, foi um tróço super horrível, foi incrível, foi... foi isso, eu caí na real naquela hora, daquele momento em diante eu posso dizer que eu comecei a pensar"

Luis Carlos é perigoso... os dois outros que participaram são pivetes... um... de uma família maravilhosa... inclusive o Opala usado... é da família dele... o irmão que está em férias viajando pela Europa... este rapaz é o Alexandre, de excelente família... o Hudson o é... os dois falam... Hudson... sintam... ele conta como ocorreu o duplo homicídio...

Hudson: "Nós fomos lá não pensando em roubar ninguém, pelo menos eu e ele, nós não tínhamos a intenção nenhuma de roubar ninguém, chegamos lá, o Galo deu a idéia de roubar o Saul e não pensei que ia acontecer nada com a vida dele e coisa parecida... esfaquear ele naquele ponto, descendo a escada assim, daqui a pouco escuto uns barulho... uma moça chamando... Saul... Saul... aí de repente eu falei pro Galo... Galo tem gente chamando o Saul, vai ver quem é. Aí ele pegou foi atendê e chegou lá ele pegou agarrou ela, eu não presenciei né, foi ele que contou, agarrou ela, tapou a boca dela e só escutamos uns grito lá de cima.

Jornalista: Você está arrependido?

Alexandre: Pelo que fiz, né, mas é claro...

Jornalista: Você acha grave o que você fez?

Alexandre: Mas é claro que foi grave, só que não foi eu que fiz...

Gil: ... é isto mesmo... mataram Saul... e depois a empregada ouviu e a gritaria veio... Luis Carlos matou... extremamente perigoso... já matou uma pessoa... tentou matar a própria irmã... e ele mesmo diz... para ele só tem uma saída - hospital psiquiátrico ou cemitério - ... na beira da represa... um dos locais mais lindos de São Paulo... agora ali reina... o clima de terror... de medo... de pânico... será que outros crimes vão acontecer?... Parque Petrópolis... a capital do medo agora... até amanhã...

ANEXO II**Resumo dos Casos Especiais (*)**

- 1 - Guarulhos - Um homem que teve praticamente tudo na vida, uma esposa que tinha e tem familiares políticos. Desquite. Novo amor. A família o desprezou porque o seu amor é de cor. Ele rejeitou tudo por ela e hoje vive em um albergue em Guarulhos, onde poucas pessoas sabem que ali é um albergue.

- 2 - Hoje um homem sozinho. Está com 93 anos de idade pelos seus documentos. Mas ele fala que tem 109 anos de idade. Cabelos parecendo neve a exemplo dos supercílios. Durante a epidemia de gripe espanhola perdeu toda família.

- 3 - Namoro desde a infância, o casamento apenas na Igreja. Vinda para São Paulo. O retorno para o Nordeste. O marido se casou outra vez em São Paulo. Ela sofreu, ele depois morto. Hoje ela sobrevive com sua força de vontade.

(*) Estes resumos estão aqui colocados tal como escritos no índice das Pastas Especiais.

- 4 - Ele já enxergou na vida. Hoje está cego dos dois olhos. Por causa de um erro médico. Só sente falta de poder trabalhar, pois sempre trabalhou. Pede esmolas para sobreviver. É um homem feliz. Só tem uma vontade na vida. Ganhar um acordeon para tocar. Instrumento que ele aprendeu quando já estava cego.
- 5 - Roubaram tudo de sua casa. Destruíram sua casa. Hoje ela quer o que foi seu de volta. Atualmente reside na cidade de Sumaré em uma casa alugada.
- 6 - **Imediações do Playcenter** - Caso do indivíduo que com o abandono do pai aos 3 anos de idade e o despejo da família em consequência da irresponsabilidade do pai, vem tentar a vida em São Paulo e os traumas que o fazem fracassar.
- 7 - Revoltada. Praticou vários tipos de arbitrariedades. Foi viciada e até roubou. Hoje é uma pessoa doente.
- 8 - Ela foi levada por uma família de ciganos. Sofreu muito e até foi obrigada a roubar. Depois quiseram se aproveitar dela. Fugiu. Sofreu. Se perdeu. Tem um filho, encontrou um homem bom. Ela achou a família e deixou o único homem que lhe fez bem. Mas para ele apesar dela ter o deixado, é um final feliz.

- 9 - Um acontecimento na família que reflete na vida e decisão de uma garota. Seu primeiro e até então único amor.
- 10 - A história de uma jovem aqui sozinha na capital, seu sonho de viver uma grande paixão, a tentativa, o desencontro.
- 11 - Um homem que foi futebolista, não teve grande nome. Só andava muito bem trajado. Os pais morreram. Perdeu a cabeça. Esteve preso. Hoje vive no cemitério de Vila Mariana pegando macumba, se alimenta de alguma coisa que ali deixam, mas dá preferência para a pinga.
- 12 - Jundiaí - Um homem que teve tudo na vida e chegou até a ser um rico fazendeiro. Hoje não tem nada. Difamaram ele. Perdeu até a mulher dos seus sonhos. Hoje trabalha como empregado.
- 13 - O problema com o pai. Três vezes doente, três abortos do próprio pai. Hoje ela vive pelas ruas da Boca de Lixo se prostituindo.
- 14 - Guarapiranga - Uma mulher que ainda tem o amor por seu marido, mas ela sabe que ele tem outra. Um drama. Um amor que ela conserva desde o início - 20 anos atrás.
- 15 - Casa Verde - Uma vida. Uma luta. As dificuldades para pagar os móveis. A compra de um terreno. A idéia de voltar para a terra natal. Uma empresa é contratada. Os móveis nunca che-

gam. Hoje a mulher está em São Paulo tentando levar o pouco que restou dos móveis. Longe do marido e dos filhos.

- 16 - Um amor. Dois filhos. Foi enganada por ele. Ele ficou com as duas crianças. Uma ele devolveu, o menino, a menina, não. Ela que ficou sabendo que sua filha foi vendida. Depois de 15 anos a equipe acompanha o reencontro. Hoje a moça tem dois nomes. Não queria conhecer a mãe. Mas quando a viu, chorou de emoção.
- 17 - Ela foi a primeira mulher a desafiar o Globo da Morte. Hoje tem 74 anos de idade e vive na Casa do Ator.
- 18 - Mooca - Rodrigues, um excelente ponta-esquerda do futebol brasileiro. Ganhou muito dinheiro. Mas gastou da mesma forma que entrou. Hoje não tem nada. Anda de muletas. Tem uma casa porque sua mãe e a irmã cuidam dele.
- 19 - Jardim Aracati - Coisa estranha, muito esquisita. Duas crianças. Ambas residem no mesmo bairro. Ambas tiveram o mesmo problema. No mesmo olho. Uma delas morreu e outra está internada. Curioso de tudo: o mesmo problema e no mesmo hospital.
- 20 - Mocões - Um homem que tinha uma vida normal. Filho de fazendeiro, casado, com filhos, professor, filho de índio com descendentes de africanos. Hoje vive só, sem nada, longe da

família, pois se transformou em um travesti.

- 21 - Jardim Aracati - Uma denúncia anônima: a mãe maltrata os filhos com muitos espancamentos. Fomos verificar.
- 22 - Penha - Pode uma mulher conservar o luto por 6 anos? Uma mulher que não se conforma com a morte do filho. Uma mulher que praticamente perdeu o gosto da vida. Chora muito pela falta do seu querido filho.
- 23 - Itú - O desespero de uma avó que criou o netinho desde o seu nascimento, mas agora os seus familiares o tomaram dela.
- 24 - Vila Olímpia - Para muitos desconhecida. Mas para o pessoal da sua época uma grande artista. Vários shows, várias apresentações. Hoje aos 62 anos de idade ao lado do marido ela cuida como sempre cuidou da Casa do Ator. Ruth Fuller Colman, a "Lane Silva".
- 25 - Machacalis (MG) - Ela se diz telefonista, mas na realidade é uma moça da vida. Seus familiares não sabem da situação. Diante disso ela é apenas Sueli...
- 26 - Taubaté - Ele é de uma família de caminhoneiros. Muitos anos andando pelas estradas do Brasil. Conhece tudo de ponta a ponta. Um dia salvou várias vidas. Graças a um tico-tico.

- 27 - Canindé - Estão querendo assustar a pobre velhinha de 85 anos. Ela é totalmente lúcida. Uma senhora que há dois meses não consegue dormir porque alguém bate à sua porta.
- 28 - Ela sempre achou que sua mãe é culpada da situação. Hoje ela gosta do primo e a mãe é contra. Bebe a maior parte do tempo e sua maior dor: a mãe mudou e levou as duas netas.
- 29 - Jardim Santa Barbara - A demora do filho nascer... seis anos de espera... Nasceu uma menina... Todos contentes. Nove anos depois ela doente e em estado de coma, desenganada pelos médicos e só um milagre a salvaria. O milagre aconteceu...
- 30 - Jardim Eliane - Uma mulher que amou desesperadamente. Vendeu uma propriedade que não era sua. Falsificou documentos e se passou pela esposa do proprietário morto. O dinheiro da venda do imóvel foi para trazer perto de si o seu amor. Hoje ele está longe e ela sozinha. O seu ato está deixando a sua consciência perturbada.
- 31 - Ela sabe seu nome, dos seus familiares, de todos que estavam ao seu lado. Um problema mental. Levada para a casa de tratamentos psiquiátricos. Ficou boa. Está com alta mas não sabe onde mora. O drama de Elizabete Maria Rodrigues, uma bela jovem.

- 32 - Ela era bela e jovem e pura. Uma doença levou sua vida na flor da idade. Sua mãe há 4 anos vai todos os dias no cemitério da Penha. Para muitos a jovem faz milagres. Pessoas deixam objetos de cera em seu túmulo.
- 33 - Jardim Tremembé - Uma mulher que foi milionária, da alta sociedade, mas que repentinamente devido à própria vida está hoje jogada na rua. A delegacia do estelionato achou ela.
- 34 - Alguém acredita numa coincidência ou seria destino... Tia e sobrinho... ambos atropelados... ela morreu... ele não... só que um foi atropelado no Rio de Janeiro e o outro em São Paulo. Por incrível que possa parecer no mesmo dia e no mesmo horário.
- 35 - Será que todos poderiam compreender a sua situação? Ele sente vergonha do que é, mas assumiu a situação e tem coragem de enfrentá-la.
- 36 - Monteiro - Veio atrás do marido... não achou... agora é uma andarilha.
- 37 - Presidiário - Ele jura ser inocente... está preso... jura ser inocente de um crime que não cometeu... atualmente encontra-se recolhido na Casa de Detenção.

- 38 - Eles procuram um lugar para morar, trabalhar e viver como gente... Ela Maria... quer voltar a ter um lar e deixar de viver com os ratos sob uma ponte da Marginal do Tietê.
- 39 - Um homem revoltado com a sociedade... ele quer se levantar mas segundo ele mesmo ele mesmo ninguém lhe dá ajuda.
- 40 - Garota de 8 anos foi adotada por uma família quando tinha dois anos... posteriormente a mãe legítima começou a frequentar a casa onde mora a menina... se desentendeu com os pais adotivos da garota... agora a menininha sumiu quando saía da escola...

ANEXO III

Um homem que tinha uma vida normal, filho de fazendeiro, casado com filhos, professor, filho de índio com descendente de africano. Hoje ele vive só, sem nada. Longe da família pois se transformou em um travesti.

"Podia se dizer que Teodolino Rodrigues Chaves estava numa situação privilegiada... não precisava se importar com nada pois seu pai Sr. Amauri filho de índios era proprietário de 3 fazendas na cidade mineira de Machacalis... seu pai sempre fez questão que ele estudasse, se formasse e tornasse um homem... Teodolino tinha vários outros irmãos... onde morava na fazenda tinha de tudo... comida boa que era tirada da própria plantação... o queijo fresco... o leite... enfim uma alimentação de primeira... mas havia um grande problema com Teodolino... já aos sete anos de idade ele começou a perceber que era um pouco diferente dos outros meninos...

Era diferente dos outros meninos da escola do lugar onde morava... ele sempre gostou de ficar próximo das meninas... já para seu pai ele via a coisa por um outro ângulo... pois o comportamento de Teodolino de querer ficar sempre junto das meninas demonstrava que aquele sim ia ser macho... Teodolino não queria saber de menino perto dele... e sim as meninas... aquele sim ia

ser macho mesmo... mas na cabeça de Teodolino a coisa era bem diferente... ele gostava de ficar perto das meninas... pois se sentia igual a uma delas... o tempo que vai passando... Teodolino sempre estudioso... como seu pai era índio e da própria tribo Machacalis, Teodolino falava a língua indígena... aliás ele se sente mais brasileiro que todo mundo... Teodolino foi crescendo... ajudava demais o pai com trabalho na fazenda... mas as pessoas começaram a notar um jeito muito delicado... a princípio algumas brincadeiras pois ele falava delicado também... era um comportamento esquisito para aquelas pessoas... os comentários... os comentários que surgiram na região... Teodolino o filho do Sr. Amauri era afeminado... o pai quando soube ficou doido da vida... teve uma conversa muito séria com ele... mas talvez envergonhado da situação Teodolino escondeu a situação... para seu pai aquilo era uma vergonha aquilo na sua família de homens, de pessoas corretas, de índios... não permitiria um negócio destes... e para provar ao contrário Sr. Amauri começou a tentar arrumar uma namorada para o filho... já Teodolino sempre procurava cair fora... dava uma desculpa dizendo que aquela não era a moça de seus sonhos... não gostava dela... enfim dava um jeitinho de sair fora daquela situação... na verdade uma família bem posicionada financeiramente pois Sr. Amauri era proprietário de 3 fazendas e administrava tudo aquilo e Teodolino sempre ajudava o pai... quando estava trabalhando demonstrava ser um touro... pois o serviço pesado da fazenda era ele quem fazia... não dava para entender aquela situação... ele de fato tinha um jeito diferente de um rapaz normal... mas trabalhando na fazenda era completamente dife-

rente... todos faziam comentários mas até então ninguém havia comprovado nada... ao mesmo tempo que estava trabalhando para ajudar o pai, Teodolino estudava também... pois tinha condições para tal... e até que ia bem nos estudos... Teodolino também estudou na cidade de Montes Claros... na época um rapaz bastante vivido, pois mesmo antes que ele completasse 18 anos o pai permitia que ele viesse para São Paulo ficar na casa de familiares e amigos... era livre para fazer o que bem entendesse, pois o pai tinha algum dinheiro e não se importava de dar algum para o filho... tempo que começa a passar... nada de Teodolino arrumar uma namorada... o pai insistia com ele... não podia continuar daquela forma... Teodolino mandava ele esperar... Teodolino depois que concluiu o antigo colegial, como fez o normal e depois um outro curso, se tornou professor primário... e passou a dar aulas no município da região... a coisa começou a piorar pro lado dele... pois os próprios outros professores começaram a ignorá-lo, pois não tinha cabimento uma pessoa como aquela, devido ao seu jeito meio afeminado, ficar dando aulas para as crianças... aquilo era contra a moral... mas ele não se importou... continuava dando as aulas para a garotada... achava-se um bom professor e de fato o era... o pai preocupado... o pai doido da vida... os comentários não eram bons de seu filho... só havia um jeito de acabar com aquele comentário... o filho tinha que casar de qualquer forma... o pai sempre arrumando namorada para ele e ele saindo fora... Ilda... Ilda Pereira... Ilda, uma jovem de família de poucos recursos... Ilda demonstrou amar ele... Teodolino, para agradar o pai e contra a sua vontade passou a namorá-la... ele fazia o seu pa-

pel de homem e até que os comentários que faziam dele terminou... o casamento... a data do casamento que foi marcada... o comentário agora era de que todos estavam enganados... era o jeito apenas... era jeito só... Teodolino era homem mesmo... o casamento foi realizado... uma bela festa, muitos convidados e o casamento aconteceu... na verdade mesmo Teodolino não estava gostando daquela situação... não estava gostando mesmo... primeiro porque o negócio dele não era aquele... e o segundo é que também não gostava da moça... mas para mudar as aparências, para não deixar o pai em situação desagradável, ele casou... a vida nova começa... ele continua lecionando... ele continuava trabalhando na fazenda e ele estava fazendo seu papel de homem... Teodolino estava na época com 22 anos de idade... a situação para ele melhorou quando Ilda ficou grávida pela primeira vez... muita gente duvidou... o filho não era dele... não podia ser dele... nasceu uma menina... um ano depois outro filho... um menino e assim continuou... ao todo teve 7 filhos... teve aquele casal... dois dos filhos morreram... todo mundo de boca aberta... puxa vida, nós que falávamos mal dele... Teodolino é homem mesmo... era só o jeitinho dele que era delicado... mas o que ninguém sabia é que os dois primeiros anos daquele casamento foi uma farsa... o casal vivia apenas para manter as aparências... ele fazia o seu papel de homem porque era obrigado apenas... não que fosse não que se sentia assim realizado... fazia apenas para mostrar as aparências... depois que aqueles dois anos se passaram, depois de dois anos de convivência com Ilda, na verdade Teodolino começou a tomar gosto pela coisa... um fato estranho começou a acontecer com ele... se antes ele não

gostava de mulher, se antes ele que achava outros rapazes bonitos, gostava de ficar no meio das mulheres por se sentir uma, começou a mudar... um amor começou a nascer dentro dele... quando percebeu Teodolino estava apaixonado por Ilda, sua esposa... ele que nunca havia se importado com ela... fazia as coisas apenas por fazer, agora estava apaixonado por ela... ele estava amando a esposa... os filhos... ele dava boa educação, era professor e também ótimo alfaiate... Teodolino... que transformação em sua vida... ele agora estava diferente... ele agora estava até andando e falando de outra forma... havia mudado... havia mudado mesmo... pois estava apaixonado pela primeira vez em sua vida por uma mulher... estava amando Ilda... só que a coisa mudou também... Ilda percebeu tudo... o marido era outro agora... o marido podia se dizer havia se transformado em um homem... ele se preocupava mais com ela agora... só que Ilda não estava correspondendo aquele amor que ele estava sentindo... se ela um dia o amou de verdade não se sabe... talvez até tenha se casado com ele pois era de uma família pobre... tinha se casado com ele apenas por algum interesse... e Teodolino que de fato teve casos amorosos com rapazes, mas longe dali... agora estava amando... ele estava todo diferente... só que Ilda não correspondeu... ela não se importou com aquela sua mudança... ela não se importou com nada... e Teodolino lutou para conquistá-la mas não deu certo... talvez faltou-lhe experiência... mesmo porque o primeiro contato que ele teve com uma mulher foi com Ilda... não teve trato suficiente para conquistá-la pois praticamente o casamento foi arranjado... e também pelas coisas que andou ouvindo por lá... 12 anos... 12

anos aquele casamento... e durante um bom tempo dele Teodolino havia se modificado, mas de nada adiantou... sentindo-se derrotado Teodolino não continuou... Teodolino voltou a ser o que sempre foi... na verdade um homossexual... depois de muita luta ele resolveu assumir o que sempre quis... ele tentou mudar mas não conseguiu... principalmente porque não teve o apoio... Ilda... Ilda não cooperou com ele... Ilda não se importou com ele... diante disso Teodolino resolveu tomar uma decisão na sua vida... não mais ficaria ali... ia embora... e sem dizer nada pegou suas coisas e veio embora para São Paulo... aqui ele tinha conhecidos, familiares, podia dar-se um jeito... mas seus pensamentos eram outros... e, São Paulo no começo não teve dificuldades... começou a trabalhar assim que chegou... Rua Augusta... uma loja que fazia roupas com artigos de couro... e deu muito bem... tinha um bom salário também não tinha que se preocupar com moradia pois estava na residência de alguns familiares no Campo Limpo... só que aqui em São Paulo Teodolino estava bem diferente... havia assumido a sua situação... havia assumido de vez a sua situação... com a sua família não quis saber mais, nem escreveu, nem procurou saber como estão... sabe apenas que sua filha mais velha está com 20 anos de idade... seu filho prestes a completar 20 anos... em São Paulo Teodolino começou a trabalhar... saía por aí também... e agora passou a ser Dú... assim que ele era chamado pelos jovens... pelos rapazes que saía... Dú... vários serviços, pois era um bom alfaiate e também um bom costureiro... inclusive ele fazia suas próprias confecções... estava se saindo bem... trabalhou depois na Kendal do Brasil assim

foi indo... uma senhora... aquela mulher convidou ele para costurar para ela... ela estava numa pior e quem sabe ele costurando para ela, esta poderia melhorar a situação... Teodolino achou uma ótima idéia pois se tudo desse certo poderia entrar numa sociedade com aquela mulher e ele até poderia se transformar em costureiro famoso... foram 3 meses de trabalho.. o que ele tinha guardado, ele investiu naquela tentativa de um novo negócio... só que ele quebrou a cara... o dinheiro se foi e nada foi aproveitado.. se foi a mulher e deu o maior calote nele... Teodolino se deu mal... ele estava com algumas dívidas e teve que pagar... o dinheiro que foi embora saiu dali e Teodolino saiu a procura de emprego... não encontrava... estava difícil... a situação do país... campo de emprego muito pequeno... ele não iria voltar para sua cidade... derrotado não... não podia voltar... não quer voltar... ele agora não poderá encarar seus pais... nem sabe se estão vivos... o tempo passou depressa para Dú... já estava mais velho... bem mais velho... ele que tinha tudo em Minas, ele que tinha tudo em São Paulo, e agora... não tinha lugar para morar... não tinha lugar para ficar... ficaria aonde?... Teodolino... começou a enfrentar o frio da noite... a fome... passou a dormir por aí... pelos cantos que encontrava... pontes... favela... ele conhecia outros como ele... ele conhecia... só havia uma saída... a prostituição... Teodolino... passou a se prostituir... começou a ganhar algum dinheiro dessa forma... ele é ativo e também passivo... não importa... o que importa é que de vez em quando entrava algum dinheiro para ele... os cabelos que cresceram... seus

cabelos podem crescer com facilidade, pois como é descendente de índios, seus cabelos crescem... cabelos compridos... vai para a avenida... os casos... a polícia... Teodolino na primeira vez que foi preso estava de biquíni... vários dias em uma cela fria... vários dias... que situação... que vergonha para ele.. não mas na sua opinião o travesti é muito homem... pois tem que suportar muita coisa... ele é um professor... um homem de bem ali naquela vida... só que agora encara de outra forma... é muito homem pois aguenta muita coisa... pessoas que passam de carro e atiram coisas sobre nele... são roubados... mas está se sentindo bem assim... gosta de ser travesti... os seios que cresceram... os cabelos compridos... a voz que se tornou agora bastante feminina... a maneira de se comportar... Teodolino... hoje Dú... está com 48 anos de idade... prestes a completar 49 anos... jamais vai se levantar... Teodolino... não se importa mais em esconder a sua vida... tantos anos como travesti... agora reside em um quartinho na rua Charles Coulomb, nº 9, Monções... todos sabem que ele é travesti... mas já conseguiu comprar uma máquina de costura e trabalha em casa nos fins de semana... vai faturar um pouco mais... tem muito serviço para fazer... ele acha que vai se levantar e se encher de glória... anda pelas ruas normalmente como se fosse uma mulher... como ele está com 48 anos de idade também com as feições de casado... vestido de mulher na rua, Teodolino demonstra ser uma senhora... as pessoas que não sabem o tratam como tal... Teodolino... as pessoas o tratam como uma senhora na rua... muitos o tratam com toda a educação pois o tratamento é bem diferente daquele da rua quando está fazendo trotoir... bem

diferente... no interior dos coletivos, por incrível que pareça, quando o ônibus está lotado, por várias vezes, homens alguns jovens, se levantam e lhe dão o lugar... por favor senhora pode sentar... Teodolino, dá um sorriso agradece, e senta com a maior cara de pau do mundo... na rua dependendo de onde está é um mundo diferente... as pessoas o tratam como uma senhora... bem diferente da noite... polícia... xingos... jogam-lhe objetos... Teodolino... não quer mais saber da família... nem sabe como estão em Machacalis... não sabe da mulher, não sabe dos filhos... não quer nem saber como estão... Teodolino... Dú... hoje 49 anos de idade... e amanhã... como estará?... será obrigado a voltar?... voltará a ser homem um dia?... confessou que não... está na vida que gosta... na vida que sempre gostou... tinha de tudo... um lar... uma família... filhos, alunos... tudo... tudo mesmo... hoje não tem nada... um professor que fala um pouco de inglês... um pouco de francês... e principalmente a sua língua Machacalis.

ANEXO IV

"Será que todos poderiam compreender a sua situação?????? ele sente vergonha do que é mas assumiu a situação e tem coragem de enfrentá-la...."

Piripá, pequeno município baiano... foi ali onde nasceu Dalmaci Novais... filho do casal Darci e Beliza... Dalmaci tem mais de 5 irmãs e 2 irmãos... uma família normal... seria normal mesmo?... um dos filhos o Dalmaci... ele era um tanto diferente dos irmãos... enquanto seus irmãos mais velhos, pois ele é o caçula da família... procuravam um jeito de jogar bola, Dalmaci procurava um jeito de ficar com as meninas... ele gostava de ficar ao lado das meninas de sua idade... não queria saber de ficar perto dos irmãos... preferia mais as irmãs... ele era bem diferente dos irmãos pois era Dalmaci o mais apegado com a mãe... a noite ele só dormia se estivesse ao seu lado... caso contrário não... até com as irmãs ele era mais delicado... mais atenciosos... com seus dois irmãos ele não se importava muito... garotinho ainda quando lhe davam um carrinho de brinquedo uma bola de futebol... ele não queria nem saber... ele gostava mais das bonecas de suas irmãs... fingia que estava dando comidinha e assim por diante... não demorou muito para que seus irmãos notassem que ele estava crescendo e muito esquisito... Dalmaci era um menino

normal... crescia normalmente como homem... mas todos perceberam que ele tinha uma tendência mais para as mulheres... era ficar brincando com bonecas, era ficar muito tempo perto da mãe, perto das irmãs... na escola era a mesma coisa... estava sempre onde estava as meninas... como ele era o filho caçula da família Dalmaci era tratado com todo cuidado... ele tinha uma mania bastante estranha... como por exemplo de vez em quando pegavam dentro de casa com algum vestido de suas irmãs... mas ao contrário do que todos esperavam, os pais deveriam chamar a sua atenção, a mãe que gostava muito dele passou a fazer todos os seus gostos, por exemplo, ele pedia uma boneca a mãe foi comprar... Dalmaci gostava de vestidos e a mãe dava para ele vestidos... era uma maneira muito estranha de educar um filho homem... pois a própria mãe passou a fazer vestidos e dar para ele... Dalmaci começou a gostar mesmo da coisa... D. Beliza não fazia aquilo por maldade, mas sim para fazer o gosto do filho, pois até então ela achava que aquilo era uma brincadeira de criança... mas na realidade não era... pois Dalmaci já estava demonstrando demais a sua maneira feminina de comportamento... ao invés da mãe e do pai achar ruim com ele, devido aquela situação, a própria mãe estava incentivando, dando-lhe vestidos... ela não deveria fazer aquilo com filho caçula... que agora estava crescendo e que demonstrava uma feminilidade... era difícil de se acreditar mas a mãe apoiava ele... era o filho caçula e poderia sentir o que quisesse... no começo as irmãs começaram a achar ruim, mas depois acabaram não se importando mais... Dalmaci estava com apenas 12 anos de idade e se fosse bem instruído, poderia perder aquelas manias, pois agora,

não, os familiares haviam notado como também os moradores da cidade... e na escola também... com 12 anos se conversassem com ele, uma orientação diferente... talvez poderia mudar o seu comportamento, mas a própria mãe comprava-lhe bonecas e dava para Dalmaci roupas de mulher... não é que ela fizesse aquilo por maldade mas sim pois se sentia melhor, pois estava concretizando os desejos de seu filho caçula... ela só queria agradar o filho que tinha com ela... mas era uma forma totalmente errada de agradar uma criança... ele já estava com aquele seu jeitinho e ainda por cima ela vestia ele de mulher... estava tornando uma situação ridícula para a família... era só alguém explicar para ele que estava errado, que deveria brincar com os garotos da sua idade... jogar bola e tudo mais... só que Dalmaci, só ficava no meio das meninas e agia como se fosse uma delas... a mãe dava apoio em tudo para ele... no começo os irmãos também acharam ruim... mas devido às circunstâncias deixaram de falar... a mãe procurava agradá-lo de todas as formas, mas aquela era uma maneira errada... muito errada... D. Beliza apesar de ter 5 filhos agora estava cooperando diretamente e indiretamente para que seu filho ficasse com todo seu jeito feminino... e Dalmaci foi aos poucos se sentindo mais menina ainda pois estava agindo como elas... ainda dava para consertar, mas seus pais não se importavam com aquilo... é o comentário na cidade... era demais sobre ele... o tempo foi passando... as irmãs que casaram, os irmãos também, ficando apenas naquela casa D. Beliza e seu filho Dalmaci... uma vez que o Sr. Darci brigou com a esposa e seu filho Dalmaci... agora naquela casa era mãe e filho que ela estava criando como se fosse uma

menina... para complicar ainda mais aquela situação, a mãe ao invés de ensiná-lo a jogar bola, um trabalho pesado, ensinava para ele a fazer bordado, a costurar, crochê e por aí a fora... e Dalmaci se acostumou com tudo aquilo e foi gostando... tanto que ele era uma verdadeira dona de casa... colocava uma avental na frente da roupa e lavava as louças, limpava a casa e fazia comida... estava parecendo uma mocinha... Dalmaci a essa altura já estava com 14 anos de idade... já crescidinho, mas uma verdadeira menina... jeito de falar, se portar, e a mãe agora até outros vestidinhos andava fazendo para ele... quando estava em casa só usava roupa de mulher... ele e a mãe e ela criando ele daquela forma... mas se tentasse mudá-lo agora seria a coisa mais difícil do mundo... Dalmaci já havia aceitado aquela situação e já estava se acostumando... quando saía na rua seus amigos mexiam com ele... Dalmaci sentia vergonha mas suportava tudo aquilo... naquela idade dele, naquela forma que estava se portando, para a cidade de Piripá na Bahia era maior novidade... depois de algum tempo um outro rapaz mais ou menos na mesma idade começou a se transformar... agora eram 2 na cidade... mas apesar dos falatórios e do comportamento de Dalmaci, ele jamais tinha tido qualquer tipo de contato íntimo com quem quer que fosse... era uma mocinha na realidade pois até a sua voz estava parecida com a de uma mulher... um dia Dalmaci resolveu ir embora daquela cidade... não estava mais aguentando o que faziam com ele... só que agora ele não era mais chamado de Dalmaci... e sim era chamado de Daniela... ele gostava daquele nome... inclusive foi um nome que ganhou quando ainda estudava... os alunos começaram a chamá-lo de Daniela e ele gostou... mas não

havia mais condições de Daniela ficar ali... as gozações estavam demais e ele precisava sair da cidade... ninguém poderia falar mal dele pois nunca havia feito qualquer tipo de maldade para as pessoas... Dalmaci que consegue um serviço numa pastelaria... ele vai trabalhar ali... com as mesmas gozações, os mesmos gracejos, a mesma coisa... apesar de tudo aquilo seu corpo era de homem ainda... mas agia com uma perfeita mulher... não gostou do trabalho e saiu... novamente Daniela, o Dalmaci começa a procurar emprego... naquele dia ele estava passando pelos lados do aeroporto, viu uma placa que estava informando que estavam admitindo funcionários... ele se informou com uma pessoa... ele queria trabalhar como ajudante de mecânicos de avião... mas não sabia nada... não tinha importância, pois se caso fosse aprovado... agora era um outro problema, como iria trabalhar naquele ramo, pois ele era todo delicadinho e ia se sujar de graxa e outras coisas mais... só o que importava para Dalmaci, apesar de todo o seu jeito feminino, era trabalhar... e não é que ele após o curso foi trabalhar mesmo como ajudante de mecânico... no começo foi duro... quem sabe agora ele pensasse um pouco mais e voltasse a ser o que é na realidade... isto é, ser homem... mas durante o trabalho Dalmaci conheceu Abraão... um mecânico de avião... na realidade Dalmaci tinha um jeito todo de mulher... pele fininha... rosto liso... mas sem pelos no corpo que chamava atenção... um novo romance, agora era com Abraão... ele era mecânico da UASP... passaram a morar juntos... Dalmaci era dona de casa... moravam em uma pensão e tudo estava sempre limpo... depois passaram para um quarto e depois foram residir num apartamento na 9 de julho...

Abraão não deixou mais Dalmaci... a Daniela trabalhar... agora ela iria ficar em casa... segundo Daniela era ciúmes... mesmo... um dia Abraão chamou Daniela e disse que ela precisava mudar... não ia mais cortar os cabelos, queria suas unhas sempre pintadas e o próprio Abraão começou a comprar para Dalmaci hormônios para o desenvolvimento dos seios... Dalmaci gostou... e fez tudo o que ele pediu... saiu do serviço, deixou os cabelos crescerem até o ombro, esmalto as unhas e aplicava hormônios... aos poucos foi se transformando em uma linda mulher... na verdade quem não olhasse direito, bem poderia comer gato por lebre... quando ela saía bem arrumadinha, como ela mesmo disse, parava o trânsito... Daniela agora era Daniela mesmo... agora sim estava uma mulher de verdade... mas uma mulher mesmo... Abraão havia feito Dalmaci, mulher de verdade... uma viagem... ele viajou para a Bahia para ver sua mãe e foi daquela forma... ele sempre foi muito amável... era uma verdadeira moça... ele cresceu assim devido a insistência de sua mãe pois se ela tivesse tomado alguma providência quando percebeu o que estava acontecendo com Dalmaci o problema poderia ter sido solucionado... mas agora não havia mais condições... Dalmaci já estava totalmente dominado pela forma feminina... resolveu sair de casa ir embora daquele lugar pelo menos para onde pudesse ser olhado com bons olhos... e um dia a noite Daniela fez as malas pulando a janela, saiu de casa deixando ali sozinha a sua mãe... ele ainda não tinha formato de mulher mas qualquer um que conversasse com ele iria notar que era um homossexual... um outro motivo que motivou a sua saída de casa, por que sua mãe não lhe dava liberdade... ele não podia sair de casa

sem ela e ele não podia sair de casa sozinho... D. Beliza tinha medo de alguma coisa... mas nunca chegou a dizer... Daniela... todos agora o chamavam assim Daniela... e a mãe continuava tratando ele como se fosse uma menina... Dalmaci foi embora... Daniela foi embora... resolveu ir para uma cidade vizinha de nome Taiobeiras... não iria ficar ali... agora estava em uma outra cidade... pelo menos ali ninguém o conhecia e ele poderia agir livremente... inclusive antes de sair de casa, Dalmaci conseguiu tirar um outro registro e aumentou a sua idade em mais 2 anos... quando chegou naquela cidade havia um circo... o Astral Real... e foi naquele circo que Daniela foi pedir emprego... primeiro quiseram saber o que ele sabia fazer... ele respondeu: de tudo... perguntaram se ele sabia dançar, respondeu que sim... o próprio circo deu para Dalmaci uma saia com babados e era com ela que ele entrava no picadeiro para dançar... e naquele circo começou a fazer muitas coisas... na sua maneira amável de ser... uma moça, conquistou a amizade de todos no circo... Dalmaci trabalhou como ator em dramas, em comédias e até era uma pessoa que todos estimavam... e cada dia que se passava se tornava mais feminina ainda... precisavam de uma outra pessoa no trapézio... Dalmaci... a Daniela foi escolhida... primeiro treinaram ele bastante... pois tinha o corpo leve, corpo de menina-moça e para o trapézio ele ia se sair bem... de fato saiu-se muito bem... passando algum tempo Daniela passou a ser "mulher-vulcão"... aprendia as coisas com maior facilidade do mundo... gostava daquela vida e ali todos a tratavam como se fosse uma mulher mesmo... estava gostando daquilo... cada mês num lugar diferente... e agora era mesmo uma

mulher... inclusive estava desprezando as vestimentas de homem... foi naquele circo mesmo que Daniela conheceu Cabral... Cabral, um rapaz bom, amável... e pela primeira vez na sua vida, Daniela, ou Dalmaci, estava se sentindo atraída por uma outra pessoa... era impossível mas era verdade pois ele estava amando Cabral... os encontros às escondidas sob as lonas do circo e depois acabaram vivendo junto... viviam como marido e mulher... estavam morando junto... e o pior de tudo era que Cabral tinha uma amante que vivia com ele... mas depois daquele romance com a Daniela a mulher foi embora... Daniela fazia de tudo para ele, viviam como se fosse um casal... só quem sabia da situação de Daniela, só quem sabia que ele era homem, pois aos poucos estava se transformando de vez... aquela vida entre os dois durou um ano, mas tudo... acabou e ela desgostosa resolveu voltar para sua casa... voltar para os braços de sua mãe, que lhe fez mulher... quando Dalmaci chegou na casa da mãe, ela fez uma festa... percebeu que o filho estava totalmente mudado... na cidade aquele comentário... Dalmaci estava de volta para casa... agora era ele quem cuidava de tudo... agia perfeitamente como se fosse uma mulher... agora era tarde demais... era uma mulher escrita... durante 3 anos Dalmaci conviveu novamente na companhia de sua mãe... fazia de tudo que ela pedia... e a mãe a tratava como mulher... para ela Dalmaci era uma moça... era uma mulher... ocorre que alguns irmãos de Daniela, o Dalmaci, vieram para São Paulo era uma forma dele mudar de vida também, e resolveu vir para a capital paulista... ela vai conviver com uma de suas irmãs... tinha que mudar o seu procedimento... e de fato Dalmaci procurou mudar aquele seu jeito que o

condenava... morando com uma das irmãs Dalmaci passa a procurar emprego... estava difícil... a sua maneira de falar não negava nada... quem era o culpado dele ser assim?... a mãe... ele não ligava, para ele a mãe o transformou porque estava pensando em fazer todos os gostos do filho... mas ela tinha um filho caçula que era homem e ela o criou como uma mulher... uma mulher em tudo mesmo... a mãe não acreditou e a tratou com todo carinho... ali estava sua filhinha, ali estava sua filha... agora como um travesti e de retorno a São Paulo, Daniela começou a perceber que a maioria dos travestis ficavam nas avenidas e faturando... até então aquilo era novidade... queria sair para a avenida também... e Daniela começou a se prostituir nas avenidas de São Paulo... mas era escondido do Abraão... pois ele não iria permitir aquilo... e aos poucos começou a conhecer o trabalho... começou a receber propostas incríveis... jovens, velhos e até mulheres... quando Abraão descobriu não quis mais saber de Dalmaci... os dois brigaram... uma briga feia... não mais se viram... quando ela soube uma notícia dele foi quando Abraão foi assassinado na região de Santo Amaro por desconhecidos quando estava no interior de seu automóvel... Daniela ficou por aí... Daniela se prostitui pelas ruas de São Paulo... mas ela tem um emprego fixo... trabalha como doméstica numa casa de família rica... casa de um casal de norte-americanos... ali ela é bastante estimada e ganha 400 mil cruzeiros por mês... à noite ela fatura... mas só no fim de semana para ganhar alguma coisa a mais... se veste com poucas roupas para chamar a atenção... é um travesti educado... não é marginal... gosta do que faz mas confessou que sente vergonha... as pessoas

olham para ele ou para ela com desprezo... só olham com carinho na hora do amor.. aí com bastante carinho... tem vergonha de ser travesti... mas é e não nega... não sabe compreender também como pode se sentir assim... pois se sente um homem normal... mas devido a doses excessivas de hormônio não é um homem completo... quando está bem vestido e bem maquiada muitos homens chegam a confundí-la mesmo... um travesti... que quer ser tratado como gente também... ele não culpa sua mãe de deixá-lo naquela situação.. agora nem mulher nem homem... acha que o erro de sua mãe foi querer agradá-lo demais e fazer seus gostos... as vezes tem vontade de ser homem novamente... mas agora é tarde... prefere ficar assim... já se acostumou... é melhor para ele... é a sua vida, é o seu meio... e sabe o que fazer... gosta de ser travesti... mas quer ser olhado de forma diferente... também é um ser humano... e apesar de um erro na sua criação... não culpa sua mãe e nem o resto de seus familiares... dele ser assim... quando criança uma boneca, um vestidinho... tinha 5 irmãos homens, 2 irmãs e a mãe que queria uma outra filha mulher... transformou o filho caçula em menina... estória de Dalmaci Novais... a Daniela... baiano de Piripá... que hoje fica pelas avenidas de São Paulo, principalmente na Joaquim Nabuco praticando trottoir... a D. Beliza que está na Bahia o que sente quando vê o filho todo vestido de mulher... aparentemente ela nada demonstra... mas por dentro deve sentir um remorso muito grande... .."

ANEXO V

Entrevista com Dona Djanira

Gil : Dona Djanira a senhora tem quantos anos?

Djanira : Eu tenho 38.

Gil : É casada com ele a quanto tempo?

Djanira : 18 anos, eu casei com ele em 1970.

Gil : Em 70. Quantos filhos a senhora tem?

Djanira : Eu tenho 8 filhos.

Gil : 8 filhos! Quantas meninas e quantos meninos?

Djanira : São quatro mulheres e quatro homens.

Gil : O seu marido abusou de uma filha da senhora, filha dele a dois anos atrás? Como é que foi?

Djanira : Ela apareceu chorando direto, mas ela não falava nada, sabe, aí passou uns 3 meses e eu notei que a barriga dela tava um pouco grande e ele falou que não.

Gil : Ele não queria...

Djanira : Aí eu peguei e levei ela assim mesmo, eu nem desconfiava porque ele era uma pessoa querida aqui no bairro, até ontem ele era a melhor pessoa do bairro.

Gil : Ah! ele é tido como boa pessoa ali.

Djanira : Até ontem era, mas hoje não, se ele aparecer lá ele é capaz de ser linchado.

Gil : Acredito que sim...

Djanira : Mas até ontem se chegasse alguém lá e falasse... o seu Dalir é a melhor pessoa, uma pessoa trabalhadora, um bom vizinho, não aborrece ninguém... mas dentro de casa só eu e Deus sabia o que se passava com ele.

Gil : Agora a senhora ficou sabendo que o filho da sua filha era filho dele?

Djanira : Então, aí eu levei ela no médico e ele disse que ela tava grávida... mas eu nessa hora... porque ela tem um comportamento extraordinário, uma menina muito boa e eu falei é mentira... mas o médico confirmou que ela tava grávida... aí ela começou a chorar eu apertei ela e ela confessou... eu falei - de quem é essa criança? ela - ah! é de um colega da escola... mas como... se ela vai e volta com o irmão de 17 anos.

Gil : Certo...

Djanira : Mas como que aconteceu eu perguntei pra ela, dentro da escola? aí ela chorava e eu falei me conta a verdade... aí ela contou... olha mãe, é o pai, ele fez isso e falou que se eu contasse pra senhora ele matava a senhora e me matava também... e eu escondi até agora, mas o filho... é dele.

Gil : Sei.

Djanira : A família dele tem essa sina...

Gil : Ah! é assim a família? Como assim não entendi?

Djanira : Os irmãos dele saíram de casa porque perseguiu as irmãs.

Gil : Ah! é, o incesto é comum?

Djanira : Isso, é uma coisa que ninguém sabe explicar.

Gil : A senhora conseguiu viver com ele depois deste fato?

Djanira : Ah doutor, eu consegui mas é assim porque ela falou assim... mãe não dá parte dele porque eu tenho vergonha dos vizinho e das colega, se a senhora der parte dele eu me mato... então pela menina, por medo de perder ela eu... inclusive a gente nem vivia como marido e mulher porque ele falava que eu era feia e velha...

Gil : Ah, ele quer menina...

Djanira : Ele me procurou algumas veis, mas eu quando fiquei sabendo eu já fiquei de olho, se ele se mechesse na cama eu já acendia a luz, porque parece que ele fica tomado... eu moro em dois comodo só.

Gil : Certo... agora como é que foi o caso aí dessa novinha?

Djanira : Ela tem 13 anos... foi mais ou menos 3 meis atrás eu acordei com ela me chamando... mãe, tem gente na minha cama... eu acendi a luz rapidamente e ele tava em volta da cama dela... naquela situação.

Gil : Entendo

Djanira : Quando ela chamou, ele bateu demais nela, bateu demais em mim, queria me matar, quando ele viu que eu ia chamar a polícia... no outro dia eu procurei um adevogado para fazer a separação, mas o adevogado me aconselhou por causa de eu ter muito filho que eu não fizesse a separação, que eu chamasse ele e se ele falasse que ia

endireitá, tudo bem, se não eu voltasse a procurá ele outra veiz.

Gil : E ele falou o quê?

Djanira : Ele falou, olha você me desculpa, eu não sou eu quando... e a partir de hoje vou respeitá elas como pai... pode ficá tranquila e eu fiquei.

Gil : Hoje como é que foi o negócio?

Djanira : Hoje eu saí pra trabalhá e ele mandou a outra que tem o filho dele com o menino pra feira e a outra ficou arrumando a casa... eu tava trabalhando e recebi um telefonema falando que era pra ir pra casa... e no caminho eu encontrei ela e uma viatura de polícia e ela me explicou... olha mãe ele falou pra mim...

Gil : Censurado... (Gil grita com voz dramática).

Djanira : Ele falou que o pai que planta o fruto tem que ser o primeiro a participar das filhas inclusive até as menores...

Gil : Agora... a senhora não volta mais com ele?

Djanira : Ah doutor, eu queria que ele morresse na cadeia...

Gil : Não quer saber mais dele mesmo, nem que ele prometa....

Djanira : Nem que for pra mim trabalhá noite e dia prá cuidá dos meus 8 filhos mais esse sataná eu não quero...

Gil : Ele era um homem normal antes?

Djanira : Ele era honesto, trabalhador, muito bom, somos pobres mas tem muita fartura mas o que mata ele é isso, ele, acho que é maníaco.

Gil : OK dona, que Deus ajude a senhora e as suas filhas e não vaír cair na tentação com ele de novo...

Djanira : Ah! será que ele vai ficar mesmo na cadeia?

Gil : Não vai ficá a vida inteira!

Djanira : Meus vizinho tão muito revoltado com ele inclusive um que é ex-policicial disse que se ele aparecer aqui, vai liquidá ele...

Gil : Tá OK dona Djanira, Deus tenha pena de nós.

Djanira : Amém."

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T.W.

Notas de Literatura, RJ, Tempo Brasileiro. 1973

ADORNO, T.W.

"Conceito de Iluminismo" in BENJAMIN, W. et alii,

Os Pensadores, vol.58. SP. Abril Cultural. 1975

ADORNO, T.W.

"Televisão, Consciência e Indústria Cultural" in Gabriel Cohn (org), Comunicação e Indústria Cultural. SP. Editora Nacional, 1977.

ADORNO, T.W.

"A Indústria Cultural" in Teoria da Cultura de Massa. RJ. Paz e Terra. 1982.

ADORNO, T.W., et HORKHEIMER, M.

"A Indústria Cultural - O Iluminismo como mistificação de massa", in COSTA LIMA, (org) Teoria da Cultura de Massa. RJ. Editora Saga. 1969.

ANTUNES, Eduardo Muylaert.

"Reflexões sobre a Batalha no Morro de Santa Marta" in Revista da OAB, n.43/48. SP. Brasiliense. 1988.

ARENDT, Hannah

Da Condição Humana. RJ. Forense Universitária 1981

ARENDT, Hannah.

Da Violência. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 1985

ARRUDA, Rinaldo S.V.

Pequenos Bandidos. SP. Global Editora. 1983

BACHELARD, G.

O direito de Sonhar. SP. DIFEL. 1985

BAKTIN, Michail

Marxismo e Filosofia da Linguagem. SP. Hucitec. 1988

BARBOSA, Júlio Cesar Tadeu

O que é Justiça. SP. Brasiliense. 1985.

BAUDRILLARD, Jean.

Para uma Crítica da Economia Política do Signo. SP. Martins Fontes. 1972.

BENEVIDES, Maria Vitória.

Violência, Povo e Polícia. SP. Brasiliense. 1983.

BENJAMIN, W.

"Para la crítica de la Violência" in Angelus Novus. Barcelona Edhasa, 1971

BIANCO, Bela Feldman (org.).

Antropologia das Sociedades Contemporâneas. SP. Global ed. 1987.

BOSI, Ecléa.

Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras operárias. Petrópolis. Vozes. 1981.

BOURDIEU, Pierre.

Pierre Bourdieu, (org.) Renato Ortiz. SP. Ática. 1983.

CAPELLER, Wanda.

"O Discurso Jurídico e o Homem" in Desordem e Processo Porto Alegre. Sérgio Antonio Editor. 1986.

CARDOSO, Ruth C.L.

"A Violência dos Outros" in Violência, encarte especial da revista CIÊNCIA HOJE, vol. 5, n.28. Fevereiro, 1987.

CARDOSO, Ruth C.L.

A Aventura Antropológica, RJ. Paz e Terra. 1986.

CASTORIADIS, Cornelius.

A Instituição Imarginária da Sociedade. SP. Paz e Terra. 1982.

CHAUÍ, Marilena.

O Que é Ideologia. SP. Brasiliense. 1983.

CHAUÍ, Marilena.

Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. SP. Editora Moderna. 1982.

CHAUÍ, Marilena.

"Roberto Lyra Filho, ou da dignidade política do Direito" in Desordem e Processo. Porto Alegre. Sérgio Antonio Editor. 1986

CHEVALIER, Louis.

Classes Laborieuses et Classes Dangereuses. Paris. Pluriel/Liv. Générale Française. 1978.

COELHO, Edmundo Campos

A Criminalidade Urbana Violenta. Série Estudos nº 60. RJ. IUPERJ. 1987.

COHN, Gabriel (org.)

Comunicação e Indústria Cultural. SP. Cia Editora Nacional. 1977.

DEBERT, Guita G.

"Ideologia e Populismo" in Estudos Brasileiros, vol.2. SP. T.A. Queiros Editor. 1979.

DUMAZEDIER, J.

Lazer e Cultura Popular. SP. Perspectiva. 1976.

DURHAN, E. et CARDOSO, R.

"Elaboração Cultural e Participação Social em Populações de Baixa Renda" in Ciência e Cultura, nº 29. 1977.

DURHAN, E.

A Reconstituição da Realidade. SP. Ática. 1978.

DURHAN, E.

"A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna" in Arte e Revista, nº 3. 1980.

ECO, Umberto.

"A Língua, O Poder, Força" in Polêmica revista Semestral de Crítica e Criação. SP. s.e. 1979.

ELIADE, Mircea

O Sagrado e o Profano, Lisboa. Ed. Livros do Brasil. s.d.

FAGEN, R.

Política e Comunicação, RJ. Zahar Ed. 1971.

FAORO, Raimundo.

"O Jurista Marginal" in Desordem e Processo. Porto Alegre. Sergio Antonio Editor. 1986.

FAUSTO, Boris.

Crime e Cotidiano. SP. Brasiliense. 1984

FIGUEIREDO, Argelina M.C.

"Justice and Equality", mimeo. Chicago, University of Political Science. 1979.

FONSECA, Rubem.

O Cobrador. RJ. Nova Fronteira. 1979.

FOUCAULT, Michel.

"A verdade e as Formas Jurídicas" in Cadernos da PUC-RJ.n.16. RJ 1979.

GAGNEBIN, Jeanne Marie.

Benjamin. SP. Brasiliense. 1982

GARCIA, Filomena Y. Hirata.

"A Mania na Tragédia Grega" in Almanaque, n.13. SP. Brasiliense. 1981.

GEERTZ, Clifford.

A Interpretação das Culturas. RJ. Zahar Editora. 1978.

GINZBURG, Carlo

O Queijo e os Vermes. SP. Cia das Letras. 1987.

GOLDFEDER, Miriam.

Por Trás das Ondas da Rádio Nacional. RJ. Paz e Terra. 1980.

GOODENOUGH, Ward H.

"Cultura, Language y Sociedad" in El Concepto de Cultura: textos fundamentais. Barcelona. Editorial Anagrama. 1983.

GRAMSCI, Antonio.

Literatura e Vida Nacional. RJ. Editora Civilização Brasileira 1978.

GUIMARÃES, Antonio Passos

As Classes Perigosas. RJ. Graal. 1981.

HABERMAS, J. et alii.

Comunicação e Indústria Cultural. SP. EDUSP. 1971.

HABERMAS, Jurgen.

Mudança Estrutural da Esfera Pública. RJ. Tempo Brasileiro. 1984.

HOBBSBAWN, Eric J.

Revolutionaries. London. Quartet Books Limited. 1977.

HOBBSAWN, Eric J.

Bandidos. RJ. Forense Universitária. 1975.

HOGGART, Richard.

As Utilizações da Cultura. Lisboa. Editorial Presença.

HORKHEIMER, M., ADORNO, T.

"Conceito de Iluminismo" in Os Pensadores. SP. Abril Cultural 1975.

JAY, Martin.

As Idéias de Adorno. SP. Cultrix. 1988.

JIMENEZ, Marc.

Para Ler Adorno. RJ. Francisco Alves. 1977.

KOLAKOWSKI, Leszek.

"O Diabo" in Religião e Sociedade. nº 12. RJ. Ed. Campus 1985.

LAZARFIELD, P. et MERTON, Robert. K.

"Comunicação de Massa, Gosto Popular e Ação Social Organizada, mimeo. s.l. s.e. s.d.

LEBRUN, Gerard.

"O Conceito de Paixão" in Os Sentidos da Paixão. SP. Cia das Letras. 1987.

LEMGRUBER, Julita.

"A Face Oculta da Ação Policial" in Violência, encarte especial da revista Ciência Hoje, vol. 5, n.28. 1987.

LEVI-STRAUSS C.

"a Eficácia Simbólica" in Antropologia Estrutural, RJ. Tempo Brasileiro. 1975.

LUKÁCS, G.

Sociologia, (org.) Jose Paulo Neto. SP. Ática. 1981.

MAFFESOLI, Michel.

A Violência Totalitária. RJ. Zahar. 1981.

MAGGIE, Ivone.

"O Diabo na Sala de Visitas" in Religião e Sociedade, n.12 RJ. Editora Campus, 1985.

MAGNANI, J.G.C.

Festa no Pedago, SP. Brasiliense. 1984.

MANDEL, Ernest.

Delícias do Crime. SP. Busca Vida. 1988.

MANDROU, Robert.

Magistrados e Feiticeiros na França do Século XVII. SP. Perspectiva. 1979.

MARQUES NETO, Agostinho R.

A Ciência do Direito. RJ. Forense. 1982.

MARTINS, Luis Renato

"O Dom de Édipo" in Os Sentidos da Paixão. SP. Cia das Letras. 1987.

MARX, Emanuel.

The Social Context of Violent Behaviour. London. Routledge & Kegan Paul Ed. 1976.

MATTELART, Michele.

Mujeres e Industrias Culturales. Barcelona. Editorial Anagrama. 1982.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de

"A Violência da cidade no Discurso Radiofônico", in Revista de Ciências Sociais. Fortaleza. s.e. 1982.

MEYER, Marlyse.

"Folhetim para Almanaque ou Rocamboles, a Ilíada de Realejo" in Cadernos de Literatura e Ensaio, nº 14. SP. Brasiliense. 1982.

MICELLI, Sérgio.

A Noite da Madrinha. SP. Perspectiva. 1972.

MONTEIRO, Douglas Teixeira

"Igrejas, Seitas e Agências: aspectos de um ecumenismo popular"
in A Cultura do Povo. SP. EDUC. 1982.

MONTES, Maria Lucia.

Lazer e Ideologia: a representação do social e do político na cultura popular. SP. FFLCH, USP, mimeo. 1983.

MOORE, Barrington.

Injustiças: as bases sociais da obediência e da revolta. SP. Brasileira. 1987.

MORIN, Edgar.

Culturas de Massas no século XX. RJ. Forense. 1967.

MURCE, Renato.

Bastidores do Rádio. RJ. Imago Editora. 1976.

PRADO, Ezio do.

Gil Gomes: o menino que sonhava com o Rádio. SP. Gama II, 1985.

PUTY, Zinalda C. Branco; BARCELOS, C. F.; DANIEL, Eduvaldo.

Violência Urbana. RJ. Codecri. 1982.

PYE, Lucien (org.).

Comunicação e desenvolvimento político. RJ. Zahar. 1976.

RAMALHO, José Ricardo.

O Mundo do crime: a ordem pelo avesso. RJ. Graal. 1983

RAWLS, John.

Uma Teoria da Justiça. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 1981.

RICOEUR, Paul

Interpretação e Ideologias. RJ. Francisco Alves. 1983.

RODRIGUES, José Augusto de Souza.

"Cultura da Violência" um estudo de caso. Mimeo. Águas de São Pedro. ANPOCS. 1987.

ROUANET, Sérgio Paulo

As Razões do Iluminismo. SP. Cia das Letras. 1987.

SADE, Marquês de

Os Crimes do Amor. D.F., Coordenada Editora de Brasília. 1970.

SADER, Eder et PAOLI, Maria Célia

"Sobre as Classes Populares no Pensamento Brasileiro" in Aventura Antropológica. RJ. Paz e Terra. 1986.

SAHLINS, Marshall.

Cultura e Razão Prática. RJ. Zahar. 1979.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da.

Muito Além do Jardim Botânico. SP. Summus. 1985.

SODRE, Muniz.

A Comunicação do Grotesco. RJ. Vozes. 1985.

SOUZA, Percival de

O Prisioneiro da Grade de Ferro. SP. Traco. 1983.

SUSSEKIND, Elizabeth.

"A manipulação Política da Criminalidade" in Violência, encarte especial da Revista Ciência Hoje, VOL.5, N.28.1987.

THIESSE, Anne Marie.

"L'éducation Sociale dun Romancier: le cas d'Eugene Sue" in Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n.32/33. Paris. Editions de Minuit. 1980.

THOMPSON, Augusto.

"Justiça Penal e Classes Sociais" in Violência, encarte especial da Revista Ciências Hoje, vol.5.n.28. 1987.

THOMPSON, E.P.

A Formação da Classe Operária Inglesa. RJ. vol 1. Paz e Terra. 1987.

TODOROV, Tzvetan.

As Estruturas Narrativas. SP. Perspectiva. 1979.

TROTSKY, Leon.

Questões do Modo de Vida. Lisboa. Edições Antídoto. 1979.

VELHO, Gilberto.

"As Vítimas Preferenciais" in Violência, encarte especial da Revista Ciência Hoje, VOL.5N,28. 1987.

VERNANT, Jean Pierre.

Mito e Pensamento entre os Gregos. SP. EDUSP. 1973.

WEBER, M.

Economia y Sociedad. México. Fondo de Cultura Economica. 1974.

WILLIAMS, R.

Marxism and Literature. Bristol. Oxford University. 1977

WILLIAMS, R.

Cultura e Sociedade. SP. Editora Nacional. 1969.

ZALUAR, Alba.

"Crime e trabalho no Cotidiano Popular" in Violência, encarte especial da Revista Ciência Hoje, vol.5 n.28. 1987.

ZALUAR, Alba.

A Máquina e a Revolta, SP. Brasiliense. 1985.

ZALUAR, Alba

"O Diabo em Belíndia" in Religião e Sociedade, n.12 RJ. Ed. Campus. 1985.

ZALUAR, Alba.

Os Homens de Deus, RJ. Zahar. 1983.

BRECHT, B. "Teoria de la Radio", in El Compromisso en Literatura y arte, Barcelona, Península, 1973

ENZENBERGER, H.M. Elementos para uma teoria dos meios de Comunicação, RJ., Tempo Brasileiro, 1978

NARCEJAC, T. Une Machine à Lire: Le Roman Policier, Paris, Denoel/Gonthier, 1975

ORLANDI, Ení P. A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso, SP, Brasiliense, 1983

ORTIZ, Renato A Moderna Tradição Brasileira, SP, Brasiliense, 1988

OSAKABE, Haqira Argumentação e discurso político, SP, Kairós, 1979

ÍNDICE

Apresentação	1	
Introdução	4	
Capítulo I: O PROGRAMA GIL GOMES		
1 - Indústria Cultural: o limite da teoria	13	
2 - A Produção do Programa	28	
3 - A Elaboração do Texto: o jornalista detetive	34	
4 - O Arquivo	42	
5 - A Análise dos Textos: a visão dos pobres para os pobres.	47	
Capítulo II: OS OUVINTES E O PROGRAMA		
1 - As Cartas	70	
2 - Gil Gomes: o amigo, conselheiro e detetive	75	
3 - Os Ouvintes e as Eleições de 86	88	
Capítulo III: OS OUVINTES E A VIOLÊNCIA URBANA		99
1 - A Violência: com a palavra, os ouvintes	102	
2 - Bandidos x Trabalhadores: imagem dos pobres sobre os pobres	119	
3 - Polícia x Bandidos x Trabalhadores	131	
4 - As Cartas dos Presidiários	141	
Capítulo IV: JUSTIÇA: RETICÊNCIAS E CONCRETUDES		153
ANEXOS		
I - O Novo Programa de TV	164	
II - Casos Especiais	171	
III - O Caso Teodolino	179	
IV - O Caso Dalmaci	188	
V - Entrevista com Dona Djanira	198	
BIBLIOGRAFIA		203